

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezas por semana, na Typ. Constitucional do Sr. I. J. Ferreira, rua da Paz n.º 23, onde se recebem assinaturas a 480 réis por 9 números, pagos à entrega do 2.º numero, faltas avulsa 60 réis.

Minha linguagem será  
A linguagem da verdade,  
Pois sobre modo de falar  
Tudo quanto é saluidade.

Heide os vicios abater—  
A virtude baide exaltar,  
Sem das raizes da decadencia  
Um só ponto discrepar.

## A MARMOTA.

### ANNO NOVO.

#### O FELIZ ANNO DE 1851.

Anno novo p'ra os viventes  
'Stá com nosco, é ja chegado;  
E provavel que elle seja  
Mais feliz do que o passado  
Pois, como dia o provendo,  
—De hora em hora Deos melhora—  
Guarda-lhe o grande dia que nos  
Retregar-sos a peito?

Com o coração cheio do mais completo prazer saudamos a todos os viventes que chegaram a gozar a dita de ver apparecer a aurora d'esse dia, o primeiro que marca o novo anno que temos de seguir, se Deos quizer. Irmãos do mundo inteiro, cruvemo-nos diante do Altar, e vamos dar graças ao Omnipotente por nos conceder ainda este regosijo; os trabalhos, fudigas, incomodos, zangas e despezas do anno passado já estão pelas costas, já cahiram no somidouro do esquecimento, até mesmo os maiores prejuizos que tivessimos não devemos mais sentir por estarmos de posse do maior bem, mais importante riqueza que ha na vida. Esse é o dia em que os inimigos devem perdoar uns aos outros, para se faternisarem como Deos manda; e o dia em que os parentes e amigos se devem reunir com os braços de amizade por estarem vivos; é esse o dia em que se devem praticar todos os actos de humanidade, e até mandar presentes aos conhecidos para principiar-se o anno com boas obras. As moças que n'esse dia rezarem um rosario com devoção casarão infallivelmente até o meio do anno; os negociantes que derem esmolas á pobreza acharão no balanço do fim do anno muitos contos de réis de lucro.

Este anno é sem duvida mais feliz que o passado, é na realidade anno novo, diferente de todos os que temos visto até hoje: a sua numeração mudou de letra 0 para 1. letra esta mais bonita, e que indica o anno da felicidade.

Sirva tambem o dia de anno bom para pensarmos nos erros que commetemos durante o anno passado, e n'este corrígirmos; e por isso bem util é que a gente se confesse logo no principio da quaresma, para purificar o alma.

Parabens pois damos em primeiro lugar a todos os Maranhenses que vivem da vida, porque todos os dias só se viverá, a todos os habitantes, e a todos os viventes em geral que n'essa terra gozam do globo terrestre; e Deos abençoe todos saude, felicidade, prazer trauquiliade e douçura

E boas creaturas  
P'ra terem que gozar;  
Pois n'este anno,  
Se não me engano,  
Heide ver muita cousa!... o que é não digo,  
Por ser de novidades pouco amigo.

AMEN.

## ROMANCE.

### Um enterro

#### NO RIO DE JANEIRO.

Os estados variam de hora em hora:  
Sábio o Mortal, q' em um, q' em outro estado  
(Disposto a tudo) a Providencia adora!  
(Bocage)

I

O astro luminoso havia já terminado sua carreira, : trevas lentamente se apropriavam; eu atraiveva o campo da Honra, quando lancendo casualmente os olhos divisei muitas luces juntas à igreja de Santa Anna: despertada a minda-

sidade dirigi-me áquelle lugar; a medida que me apropriava, fui também distinguindo um grande numero de seges, carruagens; cavallos, e grupos de homens, cujos vestidos eram pretos: um rico coche estava parado á porta principal do templo; e os sinos dando compassadas badoladas anunciamavam um funeral.

Entrei na ierja, que estava simplesmente ornada: sobre uma éga, em torno da qual quatro licheiros espalhavam uma luz feia, e amortecida, se achava collocado um caixão, onde vi uma joven, e bella creature, que parecia dormir placidamente. Proximo a um dos altares um mancebo, que me parecera ter 22 a 24 annos, se conservava de pé; longos, e negros cabulos enviam-lhe pelo rosto, ainda mais palido, e desligurado, que o da mesma defunta; suas faces estavam humedicidas pelo pranto, que de continuo horbulhava em seus oibos, os quaes senão despregavam do caixão. Quem será, dizia eu comigo mesmo, este moço, a quem uma dor cruel parece assassiná-lo?

## II

*Requiescat in pace*, dizia o sacerdote, que já pela ultima vez aspergia o cadaver.

O caixão ia a fechar-se, quando o mancebo, despectando da sua immobildade, corre diroito a elle, faz um gesto rapido, estende as mãos, e quer impedir que se feche a sua taipa; saltam-lhe as forças, ehe desfalecido,

Varios individuos levaram-no a uma botica proxima, onde todos os envidados lhe foram dirigidos. Accumulado de dor, e lamentando o desdito jovem fui um, dos que se acharam na dita botica. Um homem avançado em idade estava encostado ao balcão, soluçava, e não tirava os olhos do moço. Não pude por mais tempo reservar o silencio; cheguei-me a um sujeito, e perguntei-lhe, quem era aquelle joven, que sem duvida me parecia victimo de uma paixão.

— Aquelle homem, que ali vedes, me disse elle, encostado ao balcão, é um antigo negociante d'esta capital, pai d'aquelle mancebo, que parece lutar com a morte, o qual se chama Carlos. O cadaver quo vistes no caixão, era d'uma joven, que só contava tres lustros de idade, por nome Luiza, prima do desgracado Carlos. O amor ha muito tempo que prendia sous corações; hojo era o dia destinado para o hymeneu, e hontem a noiva foi victimo d'uma apoplexia.

Quando o individuo, quo saptisfez a minha curiosidade, finalisou o seu discurso, o joven tornava a si. Absento na mais silenciosa desesperação, não derramou uma lagrima, não pronunciou uma palavra, nem mesmo d'ella saiu. Um medico,

que chegava n'aquelle momento, o fez logo conduzir para casa.

## III.

Eu soube que Carlos se havia retirado para uma chácara, e que o caracter de sua dor nada tinha variado. Passeando pela sua camara apenas abre a boca para pedir agua; quando a garrafa, d'onde hebe seu cessar, se acha vazia: uma chicara de caldo é o seu sustento. Algumas vezes no meio do seu constante passeio para, cruza os braços, eae-lhe a cabeça sobre o peito, e por algum tempo permanece n'esta attitude; pega no retrato de Luiza, que constantemente se acha sobre uma mesa, beija-o, contempla-o, levanta os olhos ao Céo, arranca um suspiro, com o qual parece exhalar a vida, e começa de novo a andar. De quando em quando dormita, ou no meio do dia, ou na sua declinação, e raras vezes, durante a noite: deita-se sobre um sofá, ou, para melhor dizer, cahe n'ele abatido de fadiga, pouco dorme, ocorda como desvairado, olha para todos os lados, como se visse algum fantasma, e encostando a cabeça sobre as mãos, esconde o rosto, e permanece na mais dolorosa debilidade.

O medico, que nuoca sahia do seu lado, começon a perceber delle uma grande inquietação parecia formar um projecto, cuja execucao o tormentava, e que não queria comunicar; não ousou interrogal-o receando augmentar o seu desassocoego. Carlos passou a noite sem dormir, o medico sentado em sua cadeira não perdeu menor de seus movimentos, que bem mostrava inquietação do seu animo.

## IV.

Eram 8 horas da manhã quando Carlos pedio papel, pena, e tinta o que imediatamente se lhe deu; rogou ao seu assistente que se retirasse por um momento, e apenas este sabio fechou-se por dentro.

Teria decorrido uma hora, quando se ouvio um tiro; o medico correu a porta do quarto, chama-o-o, porém Carlos nada respondia. Arromba a porta, entra, e que espetaculo se lhe apresenta!... Carlos estendido no pavimento, uma pistola descarregada, cujo cano ainda estava morno, achava-se junto d'elle! Em cima d'uma mesa estava uma carta para seu pai, cujo conteúdo era o seguinte:

— Meu querido pai, e unico amigo. — Quam variável é a sorte dos mortaes!... E quam impenetráveis são os seus futuros!... Quando o prazer nos coroa com suas grinaldas, prepara já o cypreste, que deve substituir-os!... Seria preciso que me fôrdesse inacessivel, para não

gradecer, o que o amor vos tem feito praticar.  
Tedes empregado todos os meios a fim de me  
llorar a minha cruel situação, mas isso é im-  
possível!... Longe de mim a ingratidão, sem-  
pre vos amei com um efecto!... Porem a inor-  
te tudo destruiu! Ela despedaçou os laços,  
que me uniam ao mundo,—ella m'obriga a a-  
bandoná-lo. Que será de mim sem Luiza? El-  
la já não existe!... Só esta idéa me assassi-  
na!... Quando lerdes esta carta, sim, meu pai,  
Carlos estará junto da sua Luiza. Com este  
doce pensamento não sinto os horrores do tu-  
mulo Perwitti que nesta hora suprema vos sup-  
plique uma unica graça;—na mesma igreja...  
junto da sua catacumba... uma só urna deverá  
userrar nossos ossos; não negueis senhor, o  
que um filho vos pede como ultimo favor!...  
Não choreis a minha falta, nem tão pouco la-  
menteis a minha sorte!... Eu morro, porem a  
morte é para mim um prazer! Adeus meu  
caro pai, quando acabardes a leitura desta car-  
ta, rogo-vos que lanceis a vossa bênção a um  
filho, que sempre vos tributou uma cega obedi-  
ência, e que implorais a Deus pelo vosso desdi-  
tosu—Carlos.

R. J. da S. N.

(Cont.)

### SONETOS.

Se a pesca vou, não acho algum pescado;  
Se a cunha, de mim se separa a espá;  
Se planto, de colheita nem sumaça;  
Se negoceio, fico endividado:  
Se ao jogo lanço mão, perco dobrado;  
Se escrevo, em paga tenho só trapaça...  
Oh! será isto influxo da desgraça,  
Que me põe desta sorte maltratado!  
Eu vejo por ahi tolos de maço,  
Que sem custo amontoram o dinheiro,  
E os cargos se lhes pregam no cachaço.  
Penso que isto é nó gordio verdadeiro,  
Que me faz resolver, sem embaraço,  
Que é melhor ir servir de alcoviteiro.  
J. R. da R. A.

Requiescat in pace!

Não ha gosto perfeito n'este mundo.

### GLOZA.

Tenho a vida passado sem sabor  
Por não ter um só gosto, uma ventura;  
Pois suponho que toda a criatura,  
Ao meus tem sabido o qu' é amor:

Porém eu?... somente o amargor  
Bebido hei na taça da tristura;  
Pois quanto simpatioso, a desventura  
Vem por fim terminar; Oh! grande dor!

Gostei d'uma Donzella,—pereceu;  
Amei outra mulher,—golpe segundo;  
Eu tive um grande amigo,—salleceu.

Gostava de um papel—(um pouco iminundo,  
Camar' Optica chaminada;—já morreu !!...  
Não ha gosto perfeito neste mundo.

Ricardo A. C. de F.

### Correspondencias.

Srs. Redactores da Marmota—Ali vai essa es-  
pirradeira para a Sra. Maxixe, que ficou toda es-  
turradinha com a simples verdade da mesma pre-  
sente glosa: quem sabe se lhe coube a carapu-  
ça? Tia Rosa, vá resar, ou curar dos sobrinhos,  
e deixe-me avizar as moças, que com isto muito  
lucrarão, Creio que depois da minha critica já  
alguma deixou de ser tasula.

### MOTTE.

Toda moça mentirosa  
Fica velha sem casar;  
Fica negra-carrascosa,  
Torna aspecto de vassoura;  
Nada diz que não se engaja;  
Toda moça intratiosa;  
Pensa a vida desgraciosa;  
Diz e jura sempre amar  
Sem ninguem acreditar;  
Faz-se logo choccarreira,  
Torna officio de parteira;  
Fica velha sem casar.

Aristarco das moças.

—Srs. Redactores da Marmota—Li em uma de  
suas jocosas folhas um mote do nosso Aristarco,  
e com quanto não tentámos forças intellectuais,  
assás sufficientes; para combatermos com o dito  
Senhor, com tudo pedimos-lhe que não seja tão  
maromba, por outra, meia cara, isto é, quando  
está com nosco, nos lisonjeia, e longe de nós diz,  
o que diz: mesmo com isto não insulta a

Solitaria.

### MOTTE.

Toda moça virtuosa  
Fica velha sem casar;  
Não é bela, nem garbosa,  
Perde todo o romantismo;  
Passa para o fracassismo  
Toda moça virtuosa.

## A MARMOTA MARANHENSE.

Não é mais ispirituosa,  
Não sabe mais agradar,  
Nos bailes anda sem par,  
Noguem mais olha p'ra ella,  
Não a chamam mais de bella,  
Fica velha sem casar.

Srs Redactores — Rogo-lhe o favor de ver se podem dar algum belisejo na *Camara Optica*, destes chamados de represalia, visto ser ella quem lançou a luva na arena das polemicas; e isto, já se sabe, em termos apollineos, e anti-lethargicos, a ver se deste modo o seu redactor se move a nos acabar de dar os quatro numeros que faltão da 2.ª assignatura, da qual (louvado seja Deos) já lhe paguei os 480 réis.; porque, segundo me parecer, se faz com terra de dar-se por quebrado (o que hoje está muito em moda) para nos não mimosear com o resto desta divida. Porém, não quero ser rigoroso, imagino talvez que esta falta não seja inteiramente por seu gosto, e sim, porque como é principio do anno, talvez só tenha ocupado, desde o anno passado, em dar balanço para conhecer do estado de suas finanças, que se mo afigura bastante avultadas; se assim for, adeus *Camara Optica*, requiescat in pace.

O Assignante Alciso.

A seguinte Poesia é do nosso amigo o Doutor Leonido Matolino de Lemos, publicada em *Fernambuco* no n. 8 do *Jasmin*.

### ♦ DIREITOS.

Ah! Mulher como ou te amei  
Banco em banco sobre a terra.  
Era amor deslumbrado,  
Como Deus no para encerra!...  
Mas afim de...  
M. B. Bolívar.

Onde... ó desdito!...  
Com teu passo tão incerto!...  
— Vou caminhar para a morte!  
Vou morrer lá no deserto.  
Vou morrer lá no deserto,  
Lá bem distante do mundo.  
Vou morrer... por que a vida  
É um abismo profundo.

Não tenho quem me console,  
Não tenho quem me dê vida,  
Não tenho amores na terra!  
Não tenho amante querido!  
Não tenho amores na terra,  
Só tenho a quem martyrize:  
Um coração que é traido,  
Não deve morrer! Eio.. Dize?  
Se consulto o coração,  
A sorte que me prediz!  
Elle pulsa com mais força,  
"Tu deves morrer, me diz!  
E' esta a sorte melhor  
— Para quem vive infeliz.—"  
Eu não tenho quem me chore,  
Nem alma que suavize  
Os sofrimentos da terra:  
Não devo pois morrer!.. Dize?  
Tudo perdi n'esta mundo,  
Te o meu ídolo querido!  
Tudo perdi... só me resta  
Ser eu no mundo esquecido!...  
Quero morrer bem distante,  
De um mundo cheio d'enganos;  
— Quem sentirá apertar se—  
De entes tão deshumanos?  
De entes tão deshumanos,  
Que não sentem d'or nos mafis...  
Que surdos ao grito d'alma...  
Nem respeitam os seus ais!...  
Oh! vou morrer bem distante!  
Adora ó patrín querida.  
Eu te lego este retrato...  
Cópia d'uma f'montida!..  
D'aquelle que mais amei,  
Por quem der'a a propria vida.

29 de Julho.

L. de Lemos.

### IDEIAS ASSOCIADAS.

#### O Nome de Carolina.

Que o nome distingue *coisas*,  
Regra geral nos ensina;  
P'ra mim distingue *pessoa*  
O nome de Carolina.  
Foi da minha tenra infancia  
Companheira uma menina,  
Que tinha (e bem lhe assentava)!  
O nome de Carolina.

Desde então, não sei por que,  
Tendo o meu paço inclina  
A toda a moça que tem  
O nome de Carolina.

Nas horas do meu recroio

A minha lyra se afina  
Sempre q' canto em meus versos  
O nome de Carolina.

M. do S.

### NOTÍCIA.

Quanto custa uma saudade.  
Não tem do Averno os tormentos  
Nem força nem gravidade,  
Quando bem se considera  
Quanto custa uma saudade.  
Quando dos olhos da Tisso  
Não vejo a serenidade,  
Em angustia reconheço  
Quanto custa uma saudade.  
Soffre depois de mil males  
Da morte atroz crudelidade,  
Eis, ó mortais, muitas vezes  
Quanto custa uma saudade.  
Teus dias, ó Dido, acha  
Do Teuero a desigualdade,  
Tú inda h' ja nos mostras  
Quanto custa uma saudade.  
Sem medo Leandro arrasta  
Os mares, a tempestade...  
Eis a morte... a Heró o rouba;  
Quanto custa uma saudade.  
Deos Eterno! a minha Tisso  
Me outorga, por piedade;  
Basta me já ter sabido  
Quanto custa uma saudade.  
A vós, ó almas sensíveis,  
Que idolatraes a amizade  
A vós incombe dizer  
Quanto custa uma saudade.

### CHARADAS.

Sem mim não se dão criados—2  
Sou tipo da formosura—2  
Quer-me assim o terno amante,  
Em lugar d'esquiva e dura.  
E' agua o não é agua—1  
A segunda agua é—1  
Bello fructo, fresca sombra  
No meu todo se vê  
Quando anda não avança;—1  
A segunda só diz quem:—2  
E' dura, mas bem cosida  
E' gostosa e sabe bem.

### ENIGMA TYPOGRAPHICO.

TTOKZZVQFAZZ

Typ. de L. J. Ferreira—1881.

# A MARMOTA MARANHENSE.

# FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma em duas vezes por semana, na Typ. Constitucional do Sr. L. J. Ferreira, rua da Paz n. 23, onde se roba um assinatura a 480 réis por 9 números, pagos à entrega da 2.ª numero. As suas avulsa 60 réis.

Minha linguagem mora  
A linguagem da verdade,  
Pois sobre modo de fato  
Tudo quanto é falsidade.

Heida os vicios abater—  
A virtude heida exaltar,  
Seim das raias da decadencia  
Um só ponto diaceput.

## A MARMOTA.

Um nosso assignante, pessoa em que muito confiava-mos, mandou-nos um logogripho para o publicar-nos no nosso jornal, o que com este o fizemos no n.º 23. Quando o recebemos desilhamo-lo sem ser preciso fazer a combinação de todas as syllibas, e por isso não demos com tal descuido do author; que vem no mesmo logogripho. Porém este descuido que para nós, assim como para muitas outras muitas pessoas passava despercebido, foi apregado no *Porto-Franc*o num *spécie de aviso* que o *Porto-Franc*o é *um mero do Promotor* *minoralidade*. Ora isto que é falado e allude o *Porto-Franc*o esta ligurada, e tão ligurada que o author lo tal aviso, posto que a achasse muito imoral sendo publicada na *Marmota*, não teve levada de a torrar a publicar naquelle folha, quando a figura palavra por palavra!

Diga-nos pois aqui em segredo *Sr. Censor*,  
V. S. não tem medo também do Promotor Pú-  
blico? ou dar-se-ha o caso que V. S. julgue, que  
o que é immoral em um papel não o seja tam-  
bém em outro qualquer? Mas para que estamos  
com tantas perguntas? Quem diz que na *Mar-  
ginalia* só se publicam artigos offensivos da moral,  
dos bons costumes, tem carta branca para dizer  
o que quizer.

crianço teve medo de dormir só no Paraíso terrestre, e por isso pediu a Deus uma companhia, d'onde já podemos concluir que o gosto da companhia é muito antigo; e desde então para cá tem-se tornado tão comum, ou tão geral o tal uso ou reunião, pelo menos de dous, isto é de casal; por exemplo: chicara com pires, bule com Tampa, garrafa com rolha, pipa com hatoque, etc., etc.; e estamos tão acostumados a ver isto, que quando falta umas deus fiz grande diferença.

O certo é que da boa compagnia nascem utilidades e servam a pessoa e a casa ou companhia da mulher, que é a melhor, vem os filhos que augmentam a populaçāo, vem os commodos da vida quando a esposa trata de suas obrigações e não é vadia; e se a companhia é de mais pessoas, e estas dignas de attenção, utilizamos em civilisar o nosso espirito. aprendendo as regras da polidez da boa sociedade, a qual não pode existir sem companhia, e da boa companhia tiraremos o precioso lucro de augmentar-nos os conhecimentos scientificos: quando não é companhia que só serve para ajudar a comer, ou encher a salla de pernas; quando não é companhia de homem estupido que nada sabe dizer porque então falta a boa cenversação, pasto do recreio e adiantamento das idas, mas infelizmente põeas companhias boa se acham, e isto pode bem adimirar qualquer pessoa que tiver a sua salla franca para receber as visitas que aparecem, as quaes, pela maior parte, servem para toimar o tempo e enjoarem o dono da casa, porque o dote de ter uox conveçāo util e agradavel e porm. Em geral se os homens que todos dias vadiam de fazer companhia

## **A Companhia.**

Uma simples companhia  
É às vezes proveitosa;  
Porém a má companhia  
Para todos é danuosa.

Logo que Deus formou o mundo e enclo-  
-u habitá-lo de gente, formou o Pai Adad,  
depois deu-lhe uma mulher, porque o

uns alardeando seus feitos heroicos, e serviços passados, principalmente depois destes ultimos despachos; onde pretendiam mamar, porém ficarão logrados; outros se inculcando pela surdina homens de muita importância pelos seus muitos afazeres, e pelos grandes benefícios que tem feito, pelos muitos dinheiros que tem emprestado e dívidas que tem a cobrar; outros até contando a sua descendência, que é de raça fidalga e pura; e outros finalmente até querendo que se saiba o que elles comem em suas casas, as molestias que tem, as questões com seus parentes etc., etc., tomando inteiramente o tempo dos pacientes ouvintes que os aluram.

E que diremos de algumas mais e pais tolidas, que levam uma noite inteira a contar ás visitas na salla as gracinhas do seu menino Cazuza, e as innocencias de iaya Mariquinha, que pergunta se caranguejo era peixe?... .

Há certas velhas curandeiras que magam a gente a contar historias de curativos que fizem, roturas que taparam, espinhas que levantaram, umbigos estufados que recolheram. &c. &c. (isto só respondido a elyster de pimenta) — Dizem ainda mais insuportável que todos estes é o estúpido mal educado, que, além de se meter atrevadamente a falar em tudo, dizendo burrices que revolta, de vez em quando nos seus accionados, bate no hombro da pessoa que o atura, fala-lhe tão de perto e tão apressado que cospe-lhe a cara, e tudo porque está pensando que brilha em falar muito. Os homens que tem casas publicas, hem como lojas, escritórios, e boticas, pela maior parte são martyres d'estas sarnas.

E eis-aqui porque muita gente tem feito protesto de não admitir companhia de qualidade alguma, porém nisto são também rigoristas de mais, porque em toda a regar geral ha suas exceções, e uma companhia é o melhor agrado que ha.

Dizem algmas que gostam de estar sós intelectualmente (com o que não combinam; porque acreditam que só deseja estar unicamente o homem perverso ou estúpido, um entusiasmado pelos rebuscos e outro com recelo de falar, por nada saber dizer); e por tanto adopto sempre a honesta companhia, quando falam, consolação dos alhos e desalhos das tribulações, pensamentos da morte; e por isso acho proveitoso com uma pessoa esperta que só saiba contar histórias e dar conselhos; quando quero sós com a companhia,

tanto na presença como na ausencia, para eu não ter dores de cabeça pelo peso dos desgostos.

## BONIFÍCIO.

### As Catacumbas DE S. FRANCISCO DE PAULA

NO RIO DE JANEIRO.

No dia 12 de maio de 1838 entrei na igreja de S. Francisco de Paula, templo soberbo, e magnifico, depois de haver observado toda a sua grandeza, e magnificencia, encaminhei-me ao logar, onde descansam os mortos; uma das coisas que mais atraiu a minha curiosidade foram ricas urnas, e monumentos de pedra. Eu via grande panteo, cujas paredes estão cheias de catacumbas, estavam dous homens, um dos quais maior em idade contava com bastante interesse a outro, que o ouvia com attenção o acontecimento seguinte:—

—Naquelle que alli vés, apontando para uma das catacumbas, que pela cal do reboco mostrava ter sido fechada havia poucos dias, descansava uma victimá da falta de reflexão, quanto mais digno era d'uma vida feliz!... porém o desejo de possuir es riquezas, isso que tanto allucina os mortaes, o fez talvez cair na maior das desventuras; elle era digno de melhor sorte, potéria dor! a Parca cortou o fio de seus dias. Eis aqui o caso:—Uma Senhora de 60 annos de idade, e no estado de viuva, conhecendo o iustiz Guilherme, jovem de muitos encantos, e dotado de todos os encantos da natureza, teceu um amor a elle; um dia, quando Guilherme passava pela rua, em que habitava esta Senhora, um preto, seu escravo, sae-lhe ao encontro, e entrega-lhe uma carta; Guilherme aceita-a, pergunta-lhe quem alli o mandava, e o negro nada lhe disse desaparecendo; apenas Guilherme chegou a casa abriu-a, e leu o seguinte:—*«A tua muito tempo, Senhor, que vos conheço; estou cabalmente sciente do vosso estado, e honrado carácter; e como vos amo, legho a honra de vos oferecer a minha vida».*

Elle sabendo ser esta Senhora muito rica, logo anuncio à sua offerta; este jovem que só via a imensa fortuna desta mulher, pintou-lhe em sua resposta um amor quimerico; nem ella soube até então ocupou suas idéas.

Chegou finalmente o dia do consorcio; o preto não reinou entre elles mais que dous ou tres; um filho, que esta Senhora tinha, trouxe os seus primeiros nupcias, rapaz de 24 annos, levando

uanto a mal o casamento de sua m bi, e anti-  
patisava com seu padrasto.

Guilherme tinha sido militar, tinha viajado pelas províncias do império; frequentava os teatros, e os bailes; e sua esposa, tendo em vistas a desproporção das idades, julgava que lhe não guardava a verdadeira fé conjugal; ella era assaz ciosa; seus receios, e seus mal fundados ciúmes assligiam, e desgostavam o desgraçado Guilherme. Seu filho, conhecendo a indisposição de sua mãe para com seu padrasto, fomentou uma intriga, da qual só Guilherme foi a vítima; elle fazia com que sua mãe recebesse cartas fantásticas dirigidas a seu padrasto, fingindo ser d'esta, ou d'aquella amante; dirigida pelo ciúme ella aborrecia seu marido o mais possível, malhôs de vezes praguejava a hora de seu consorcio; seu filho lembrava-se que por morte de sua mãe elle era o unico herdeiro, e que o casamento de Guilherme lhe havia tirado metade d'uma riqueza, que todô lhe pertencia. Eu não pertendo, dizia o bom velho, entreter-vos mais tempo com uma longa serie de fatalidades; só vos digo que Guilherme era um galante joven, e apenas contava 26 annos d'idade: todo quanto n'ele se admirava devido à natureza havia desaparecido; elle tornou-se à planta afancada, à brê a qual caem em tão os abrazadores raios do sol, ou os doces orvalhos da madrugada; começou a ouvir grecer, e em pouco tempo coñeceu achar-se enfermo. Buscando os socorros da medicina; esta facilmente descobriu os symptomas d'uma tisica tuberculosa; no dia 30 de março foi elle vítima d'uma febre abraçadura, deixando ao mesmo tempo grandes golsadas d'um sangue negro, e corrupto; sua doença soube-se aggravando, e o infeliz falleceu no dia 22 de abril de 1838; afirmam que lhe ministraram algumas doses de veneno no alimento; toda vez o que vos posso asseverar é que sua mulher nenhuma sentimento teve pela sua perda: eu não quero horrorizar-vos declarando-vos quem pertencia de instrumento à sua morte. ....

As horas iam avançando, e noite começava a estender seu estrelado manto; um acompanhamento funebre conduzia impetuosamente a uma das salas contíguas, que se achava aberta, em dezena de sua morada silenciosa, onde ainda ficaram os dois homens, de quem falei, permanecendo com sua terrível narração impressa em meu pensamento.

versos inesperados! vós que tam atrevida-  
-nte, e tão sem a existência d'uma leva sympa-  
-tia, vos entregais ao lirívico, ab tendo em  
-vista as riquezas, depositais no esquecimento

honra, a virtude, e a mesma amizade, fitai, ainda que momentaneamente, vosso olhos no que-  
ero horroroso que vos apresento, e talvez possa-  
veis colher algum fructo do fim desastoso do  
infeliz Guillermo. R. J. de S. S.

*R. J. de S. V.*  
(Est.)

**A vida Humana.**

.....  
O homem unso e vive um so instante,  
E nesse ate morrer.

### Um complexo de dores—de pesares.

De magnas—de tormentos;  
Um contraste de choro e de sorrisos,  
Incansável correr por entre espinhos,  
Um longo padecer entre amarguras,  
Um combate infernal, insaada luta,  
Entre as loucas paixões, que em nós sentimos,  
Se a virtude seguimos,  
Apparentes doçuras, que acobertam  
As sezes d'amargura;  
Prazeres que assuflam crueis dores,  
Da consciencia os brados penetrantes,  
Se trilhamos do vicio a larga via;  
E depois?... um sepulchro—a eternidade...  
Eis pois a vida humana!

Marco 28.

F. A. Ferreira Lima

## As Lagrimas.

A lagrima, dizem os classicos, que é um humor aquoso que caihe dos olhos; mas eu diria que é um producto liquido que irasharia com a força do calor quando o ~~sol~~ entra a ferir a ~~pele~~ produ-

zidas por diverso sinto, por alegria, si diversas cores e alteradas, ou de mas as mais ne-

# A MIRANTE MARANHENSE.

POLEMIKA, LITERARIA, E MUSICAL.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 180 reis por o numero, pagos á entrega do 2º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem sera Heide os viejos abater—A linguagem da verdade. A virtude é de exaltar, Pois sobre modo d'isto. Sem das raias da de censira Tudo quanto é fulcral. Um só ponto discutir.

## A MIRANTE.

### AOS NOSSOS LEITORES.

Com o presente numero finda a terceira assignatura, e com o numero 28 começa a quarta. Por ora ainda continua este jornal no mesmo formato, e logo que nos seja possivel iremos augmentando conforme as nossas forças. Esperamos pois que os nossos assignantes nos continuara a obzequiar com o lisongeiro accostamento com que nos tem honrado ate hoje.

Declaramos que d'agora em vante sica encarregando do encadernamento das 175 naturas o Sr. Francisco Pires, Irmão do nosso amigo Sr. Joaquim Antonio Pires, que se retira para a parte, por algum tempo, com quem se podem entender para negocios concernentes a jornal.

## TUDO É O DIABO.

Dá-se um doce, ou um presente áquelle dos meus leitores, que adivinhar qual é o nome mais fallado, e mais usado na linguagem das creatureas. Cada qual fará seu ente de razão, e ninguem acertará. A moça bonita e faceira dirá logo que é o nome de seu namorado, que lá no seu modo de entender merece que todos o publiquem. O homem de negocio dirá que é o de-freguez—porque é do que mais usa, pois que o dá a todos que lhe querem comprar alguma cousa. E assim, ningnem acertará.

A gloria de dizer qual esse nome, só a mim estava reservada. O nome mais fallado, o nome que apparece em todas as partes, quer no baile, quer na Igreja, quer em casa quer na rua; o nome que é pronunciado, quer pelo padre, quer pelo navegante, quer pelo jurisconsulto, quer pelo soldado, assim pelo homem seco, como pelo radio, é o nome do—DIABO!

E de certo que este nome mais publico; não ha cousa ruim, que saude mais na boca de te-

dos como seja este senhor. Só os feitos se untaes, e de tal calibre, que não se pode esquecer do heróe que os praticou. Não ha convergência onde o diabo não venha metter o seu nariz, nem ha lugar onde elle não se ache. Por maiores que sejam os prolixos dos confessores, não sei porque, é elle sempre chamado; e de tal sorte é a necessidade de falar em Al nome, que as velhas tementes da felta de desolvição dos confessores, o batizesam com nomes diversos:—cão—sujo—capeta—timboso—o que tudo quer dizer—DIABO!

Não ha objecto no mundo que não tenha o nome de diabo, e o diabo é o nome da cosinheira, na cosidencia de que é logo por lhe não servir depressa a panelha, chama logo ao fogo diabo, e se zanga. Outra chama diabo porque fez servir a panelha antes que viessem os temperos.

O apressado negociante que no momento de sahir vê cahir um aguaceiro tremebundo, chama logo a chuva do diabo, e se exaspera. Chama-a diabo o estudante quando ella passa antes que se passe a hora do ponto n'aula, por que ella prohibirá tambem o lente de ir. O oficial de officio, cuja ferramenta não corta, desesperado, chama a ferramenta, ferro do diabo. Algun a quem ella torou um dedo, ou cortou muito uma perna, chama-a diabo da ferramenta. A moça bonita que está coitada (o que é raro) e que fere o dedo com a agulha, descompe a agulha e a chama—diabo da agulha. Aquella que quer fumar uma bolha, e que a agulha não fura, chama diabo da agulha que nem fura. E assim, a julgar j'lo que se ve tudo pertence ao diabo, o que faz com nome o mais pronunciado e usado de todos os nomes.

Faz a gente uma valentia e se é por mal, ouve sómente em toda parte—salariinhos a chamar diabo, ao vendo diabo ao mal, e diabo as cordas. Se o porto também se ouve os arrieiros que clamam—diabo ao mal, diabo ao pedras que se quebram, diabo ao mal, diabo ao voo de rato, diabo ao mal se veria

... diabo aos negros de cadeira  
não esperarem por ella na saída, a moça  
que chama diabo ao sapato que calça só porque  
se rompeu e não resistiu aos seus saracoteios  
e pinotes. Corre-se à Igreja, e inda ahi se ouve  
chamar diabo aos sinos porque tocam muito;  
diabo ao sacerdote porque maneja os seus  
bodalos, ao proprio padre porque demora um  
pouco a missa sem ter consideração com os ou-  
vintes. Assim pois, o nome do diabo é o mais  
pronunciado de todos.

Vai um homem caçar, e nada matou: foi o  
diabo do cachorro que não soube procurar a  
caça; foi o diabo da polvora que era ruim; e o  
diabo da espingarda que não deu fogo.

Entra-se em uma casa, e ahi vê-se que a  
mãe, enraivada, chama aos meninos diabo, ás  
negras diabo, á carne que veio do açougue dia-  
bo, e só tem na boca, como se fosse algum  
queimado ou torrão de assucar a palavra diabo.

Na sujeitinhos que chamam diabo até ás mo-  
ças bonitas, fazendo-lhes porém o favor de dar  
lhe o diminutivo, e então dizem:—Fulana é  
muito bonita, é mesmo um diabinho.—As mo-  
ças chamaun a *Marmota* diabo, quando lhes  
fala nos namoros, nos pinotes, e nas anágua &c.

Dizem que este senhor diabo se alegra quan-  
do falam no seu nome. A ser assim, parece-  
ma que é o sujeito mais alegre quo ha, porque  
muito se fala nello. Enfim; tudo é o diabo;  
até este artigo foi escrito por não saber que  
diabo de artigo mandaria eu para a *Marmota*.

### AS MODAS.

Com licença, amaveis leitoras; queremos vos  
roubar algumas linhas, para empregal-as com  
nosco; também queremos saber o quo vai pelo  
mundo *fashionable* a respeito de nossas modas.  
Assim como as vossas cinturas perderam um  
pouco do seu cumprimento, as nossas casacas  
adquiriram o gosto inglez, mais curtas, mais  
justas ao corpo e mais airozas.

Não seria para admirar que as modas dos ho-  
mens continuassem no gosto das casacas e cal-  
ças polka, paletós-sacs, &c., tornando vulto à  
proporção que a sciencia aerostatica vai fazendo  
progressos; mas aconteceu inteiramente o  
contrario: os botões cresceram a ponto de via-  
rem de Madrid para Londres, conduzindo até  
arribar; e as casacas e as calças emmagre-  
caram de uma maneira espantosa!

Nas casacas as cinturas subiram tres dedos,  
as abas são curtas e estreitas, e os botões uma  
simples ordem de quadro. Os coletes já não  
têm o eterno bico, e já muitos dos bréus de Pa-  
ris querem abotinar o ultimo botão, pretextando  
que é moda que tem sido repetida por  
dúzicas vintas nos annos *boni temi*. A respe-

to das calças é que se deu revolução extraordi-  
naria, total! Agora as calças são um pouco  
largas nas coxas, e do joelho para baixo qua-  
si justas, com presilhas mui estreitas, presas  
simplesmente por dous botões; são em tudo con-  
formes ás que ultimamente tem o J. Charles cor-  
tados á vista dos ultimos figurinos franceses;  
assim como as casacas, para as quaes tem elle  
uma thesoura incomparavel.

Os chapéos pouco alteração tem tido, depo-  
is da ultima moda: os ultimos que vimos são  
mais baixas, com a aba mais larga, e um pou-  
co voltadas para dentro.

Eis o que de novo nas modas dos homens. so-  
bre as quaes voltaremos ainda.

C.

### CORRESPONDENCIA.

#### O que sofrem as senhoras aos homens.

Mui nos tem agradado agora esta folha; por  
alguns artigos que tem publicado, em que certas  
amantes *beijadoras* tem chuxado para seu tabaco.  
Algumas de nós, é verdade que dão paímos para  
mangas e sabem pentear os taes bichinhos: po-  
rém elles também por sua vez fazem o que po-  
dem, e triste do que cahir na esparrelha! —

*Jo-a-nas-do-tempo-da* João Jacques Roseau  
era moda dizer se que as moças são volúveis,  
que tem dois e trez amantes que repartem seus  
agrados com todos, e que é rara a que sabe ser fi-  
el, &c.: porém como se quer que uma moça es-  
teja a gastar sua humanidade, seu tempo e seus  
carinhos com um namorado que jurando-lhe to-  
dos os dias—paixão sem limites e fidelidade  
sem conta—apenas nos deixa em caza de nosos  
paes, ou d'aqueles que nos governão, vai para  
a de outra companhia e ahi repele as mias  
palavras, faz os mesmos protestos, e assim  
entretidas duas e trez victimas, por espaço de  
mezes e annos, e, quando Deos quer, passa ao  
poder de uma terceira ou uma quarta: que ás ve-  
zes é a ditosa que chega á senatoria ou ao an-  
tigo desembargo do paço, a que enfim tem a di-  
ta de proferir o—*Recebo a vós por meu legitimo  
marido, assim como manda a Santa Madre Igreja!*—E quem pilhou, pilhou: quem não pi-  
lhou, pilhasse! —

Se os homens fossem mais sinceros, e conse-  
quentemente mais constantes; se elles mesmos  
não andassem guerreando uns aos outros, con-  
quistando nossos afectos por mil disserem, ma-  
neiras, não nos porião na dura alternativa de  
não sabermos a quem dar preferencia, ou por ou-  
tra, de procurar escapar á *tyranisa machinação*  
dos ingratos.

Como se sabe, nunca é a moça, salva alguma  
aberração da natureza contra os usos e costu-

mes sociaes a que provoca o homem; é sempre elle o que desafia com palavras, e compromete com actos a reputação de uma jovem; havendo tantas infelizes, victimas de suas machinações, deve-se contar que em cada um anno, tantos são os homens perversos, tantas forem as victimas de que se tiver noticia, e que apparecerem expostas à censura publica; porque não havendo seductores, não haverão seduzidas.

Não ho este o unico mal causado pelos homens em companhia dos seus. Uma moça por que tem o uso dos cinco-sentidos--ve, ouve, cheira, gosta, (\*) segundo nos ensina a cartilha, apaixonando-se por seu bello que todos os dias a procura, que lhe dirige palavras cheias de interesse, vistas cheias de fogo, que a mimosa, que a obriga a uma justa compensação de obsequios, de afectos, vê ensaiarem-se as horas pelos dias, os dias pelas semanas e mozes e os mezes pelos annos; constante e sincera ella deixa mil vezes de corresponder a iguas favores, e de aceitar promessas que outros lhe fazem, porque enfim já gosta de um ente no mundo: suspira por elle, já se penteia com cuidado para vel-o, veste-se com gosto para appresentar-se-lhe, preparam com accio a boca para fallar-lhe, limpa os ouvidos para ouvil-o, corta as unhas para não offendel-o, por um acaso qualquer enfim, já não se ~~judgando~~ ~~um~~ inutil-sobre a terra, feliz por que considera que ha um ente que vive por ella, que nella pensa, e que por ella suspira, olha para o mundo com o interesse de poder breve entrar nelle, preenchendo o fim da sua horrosa missão.

Levada porém assim ao ultimo grão do suas esperanças um dia, outro se passa em que ja ella não vê o objecto que a encantara; um pretexto qualquer (se o amante reconhece ainda o mal que causa) o faz desapparecer, e outra que foi preferida, é a que vai merecer a gloria de espousa, sendo o abandono o premio de tantos sacrificios, de tantos suspiros e lagrimas que soltou deitainou omi segredo, do tantas privações por que passou, vindo a morte ou dura e cruel enfermidade, que equivale ao mesmo, a pôr termo a uma vida e sia toda intreia em constante dedicação, com a soluta privança dos appeteciveis gozos.

A constancia he uma virtude, e verdade, e a virtude um esforço sobre nossas paixões. Ja se vê pois, que para uma moça ser constante, e constante tal acreditada, quantos esforços não faz sobre si mesma!... As mais constantes não sao as mais felizes; porque desgraçadamente os homens, quando solteiros, se deixão sempre prender por essas demonstrações de jovial afecto,

(\*) Perdoe-nos o illusitro correspondente, as vezes tambem apalpa, porque apalpar é o d. sentido corporal.

por esses olhares rápidos e desfimados, por esses motejos picantes e significativos, por essas cenas de todos os dias, e de todos os países. A constancia, que em criaturas deste gênero tem um erro, pondo-as fôr das obrigações do dia, e muitas vezes da modestia; proporcionando todos os dias novas conquistas, com a ilusão de um amor constante e extremo, de uma dedicação a toda prova; males estes do que os homens, sendo causa, querem fazel-os reverter; mas outras, que por elles e só por elles nos sacrificamos, sem sabermos se o que nos dizem e o quer por nós fazem é uma verdade ou um artificio para chegarem ao fim de seus desejos, depois do que somos para todos elles uns objectos de escarnio e de desprezo, por nossa desgraça, desgraça de que elles e só elles forão os causadores!...

(Ext.)

### Renascença.

Como os taes versos--se eu fôra--  
Muito em roga agora estou,  
Dos quaes tem cheias as pastas  
Da Marmota a redacção;  
Escolheu d'entre os melhores  
(Ao menos metrificados)  
Estes que abaixo se seguem,  
Suppondo-os bem acabados,  
No album de uma beleza,  
Dos annos indo na flor,  
Escrive estes pensamentos  
Seu mimoso trovador.

Si eu fôra de coiro pequeno capato  
Havera apertar constante o teu pé;  
Si eu fôra caxorro, ou mesmo algum gato  
Havera de noite lambêr teu chulé;  
Si eu fôra colete de igil barbatanas,  
Havera por gosto teu corpo arroxar;  
Si eu fôra agua morna, em quatro semanas  
Sómento uma vez te havera banhar;  
Si eu fôra gusmoso sabão hespanhol;  
Havera esfregar teus sujos lençóis;  
Si eu fôra entre as flores um bom gyra-sol,  
Havera encaixar-me nos teus canecos;  
Sónti ser de palacio, si eu fôra retreta,  
Havera teu peso com geito aguentar;  
Do velho bofete si eu fôra gaveta,  
Havera teus ovos inteiros guardar;  
Mas eu não sou coiro, caxorro, nem gato,  
Gaveta, agua morna, sabão, gyra-sol,  
Colete ou retreta;--sou mesmo um gaiato  
Que quer o perninho escondido no anzol!...

A uma Virgem

Tu formosa como um anjo,  
Tu uas os encantos teus,  
Que os tão bella, como e bello  
Um pensamento do Deos!  
Simples como a flor do prado,  
Uma para como uma estrela,  
Era tão joven como a Aurora,  
Parecia mais linda do que ella!  
Nessa idade dos prazeres,  
Nessa idade dos amores,  
Se tu olhas, quanto vés  
Ao odoriferas flores!  
Atonde pois, bella virgem;  
Nessa tua fresca idade  
Raias vozes uma moça  
Era a voz da verdade!  
Nos bailes, passeios, festas  
Tua cara era senão flores,  
Erd ferem teus ouvidos  
Vil refinados louvores!  
Para mulher bella e rica  
Era sempre louvores fixos,  
Tua a maneira era o que não tem  
Nem amores nem caprichos!  
Era de todos os irgens bellas,  
Era de todos os que nascem na flores;

Passo os dias divertido  
Tocando minha rabeca  
Dando disfrutes ao mundo,  
Passando a mão na careca.  
  
GLOZA.  
Conheço que sou bem tolo,  
Sei que sou intronitudo:  
Amando sem sor amado,  
Passo os dias divertido.  
Tenho raça de macaco,  
Parentesco com marreca;  
Muitos pagam para ver-me  
Tocando minha rabeca.  
Se vejo moça bonita,  
No namoro sou profundo;  
Sou tolo, por isso vivo  
Dando disfrutes ao mundo.  
Se imagino no que faço,  
Sei que um dia levo a breca:  
Esta ideia se dissipia  
Passando a mão na careca.  
M. N. B. M.

Amor todo de virtude,  
Amor que detesta o vicio  
E que a honesta não illude.

Amo as tuas perfeições,  
Tuas virtudes venero;  
Eis-aqui como te adoro,  
Eis-aqui como te quero.

Na tres entes só que gozam  
N'este mundo os cultos meus,  
E queres saber quais são?  
E' minha irmã, tu, e Deos.

A Deos, os meus cultos todos;  
A minha irmã, amisa de,  
A ti, tudo quanto dás-se  
Ao depois da Divindade!

Fogo pois, virgem, de ouvir  
Perverso amor lisongeiro...  
Constante amor só eu tenho,  
Puro—fiel—verdadeiro!

MOTTE.

Passo os dias divertido  
Tocando minha rabeca  
Dando disfrutes ao mundo,  
Passando a mão na careca.

GLOZA.

Conheço que sou bem tolo,  
Sei que sou intronitudo:  
Amando sem sor amado,  
Passo os dias divertido.  
Tenho raça de macaco,  
Parentesco com marreca;  
Muitos pagam para ver-me  
Tocando minha rabeca.  
Se vejo moça bonita,  
No namoro sou profundo;  
Sou tolo, por isso vivo  
Dando disfrutes ao mundo.  
Se imagino no que faço,  
Sei que um dia levo a breca:  
Esta ideia se dissipia  
Passando a mão na careca.

M. N. B. M.

Coitada!

Minha amante por que choras  
Tão sentida,  
Essa lagrima que vertes  
Tão doida!  
Essa orvalho me parco  
Hum brilhante,  
Engamado na teu rosto  
Minha amante,  
Essa lagrima que estes  
Comasterada!

No meu peito tem cravos—  
Minha amada.

Essa perola mimosa,  
Essa baga  
De perfume cristalino?...  
E' asago!

Sim, asago no teu pensar  
Expressivo.

Esse pranto de ciúme  
Sem motivo.

Que se mostra no teu rosto  
Moreninho,

Nessas faces purpurinas  
Meu benzinho.

Teus ciúmes! quem te move?  
Teu amante?

Oh! não julgues minha bella  
Sou constante,

Supre as lagrimas sortindo  
O meu deseo,

Nesses labios de coral  
Dar-te um beijo.

Ricardo.

CHARADAS.

Como para o paladar

Eu não influo, nem sirro,

Também da sua terceira

Sem algum pezar me privo.

Como ella prò nome sou;

Porém d'ella não careço,

Porque sou canto d'um'ave,

A quem dá algum apreço,

Sendo signo... não col. gal.

Não me presiras dobrado!

Sentido, não cuide alguém

Que é marujo embarcado

Eu não sou bon.

Nem d'issò me gabo:

Se me não conheces,

Decerto és bem parvo,

Desejo aos olhos sante,

Mas com a Santa nada quer,

Porque nenhum bem nos tem,

Nem d'ella algum bem espere.

Animal amphibio

E' quadrupede animal

Ambras dão filhas ao mundo,

Mas de modo desigual;

Aquelle, as gentes é util,

Esta, nos viventes faz mal.

Sou da mephiticos gênero

Ruidoso, destronado,

Mas o vulgo me tem dado

Outra significação.

— 1 — *Tempo: 1865. Imp. por*

*Ramóns Rua Formosa n.º*

# A MARIOTA MARANHENSE.

POLÍCA LITERATURA, E REPROGRAFIA.

Publica-se uma ou duas vezes por semanu, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, na Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos à entrega do 2º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—  
A linguagem da verdade. A virtude heide exaltar.  
Pois sobre modo ~~drama~~ Sem das raias da decencia  
Tudo quanto é falso é. Um só ponto disserap.

## A MARIOTA

### As Mães, e as Filhas.

Por um dever imposto pela natureza, por Deos, e pela gratidão, deve a creatura reverenciar, acatar, e respeitar muito aquellas de quem recebeu a existencia, cujo rosto jámais se lhe apresentou senão faguedo e encantador com esse sorriso de mãe para filho. É principio impresso pela natureza no proprio coração humano, que não pode o homem jámais olhar para o rosto d'aquella que o amamentou sem commover-se; e quando, diz Eugenio Sue, perdiu o desvairado, depois de haver corrido tortuosas veredas, elle parece haver-se esquecido do nome de Deos, lombra-se sempre com amor, e gratas lagrimas, do nome de mãe.

Hoje, porém, parece que na geral corrupção das cousas, assim já não acontece. Isto de mãe é péta, e uma vez a creatura chegada à certa idade, que se importa ella do saber, e muito mais de olhar para quem lhe acaleniou no seu chorjar de infancia, no seu precisar de tudo? Muitos até se envergonham de dizer em publico o nome de suas mães; e muito figurão ha por ali, que, em quanto roda em rico coche, ao lado d'elle, aquella de quem recebeu a vida, estende a mão de pedinte ao viandante, e vegeta na miseria e na erupula!

Tambem, seja lícito dizer, a educação quo as mães dão aos filhos, e filhas, principalmente, muito concorre para o que se vê; em parte, são elles culpadas dos desprezos que sofrem, por que deixaram seus filhos sempre à vontade, praticando actos conforme seus naturaes instintos.

Deixando o bicho homem, filla-se aqui sómente das mães e das filhas.

Nasce uma menina, maginha, engorda, cresce, e principia a andar. Já pela sociedade em que vive, já pelos exemplos que vê, vai ella se industriando em certas cousas, que não deveria conhecer. Uma criança aprende facilmente tudo

o que lhe querem ensinar; e as mães, doidas em sua amizade de mãe, principiam desde logo a ensinar-lhe certas cousas, que são aprendidas e praticadas pela menina como uma gracinha, e recebidas sempre com aplauso e riso: não é raro, e eu tenho visto em muita casa o dizerem as mães:

— Sinhasinha é muito engraçada! Minha filha namore, ande, pisque uns olhinhos para o Snt. doutor. Bravo!... é muita faceira!

— Como é galante, minha senhora! diz logo o tal ouvinte, por essa complacente adulação do tempo presente.

Inda V. S. não viu tudo! Ande minha filha: tire tabaco: dê ao Snt. doutor. Forte begeira!...

O Snt. doutor ainda não ouviu nada: quer ver como ella falla, e o tino que tem? dê-lhe uma pitada, e pergunte-lhe:

— Quem foi que botou o babaco no seu ualiz?

Apenas isto feito, responde a engraçada menina: — foi o sinhô!... — Bravos! que retentiva!...

E a menina, que inda nada estudou, que apenas principia a entrar na vida, sabe já namorar, piscar um olho e abrir outro, e dar pitadas aos circunstantes, que aplaudem-na, e dão os parabens à mãe por ter uma filha tão esperta e engraçada: quando melhor seria que se lhe applicassem boas palmadas pelas taes intituiadas gracinhas. Ora, é preciso notar, e acontece quasi sempre, que os que presenciam estas graças, sahem d'ali criticando: mas, manda a etiqueta, requer a civilidade, que se louve a menina porque a mãe está presente.

Assim vai a filha crescendo, e ao chegar à idade dos amores, quando não sabe nem bonzer-se, já conhece a arte de sorvir dos olhos para dizer — eu te amo! — está persuadida que a namorar é cousa boa, pois que de tão cedo lhe a ensinaram. Dança, canta e toca; conhece os segredos do toucador, e ouve todos os dias a sua mãe que lhe diz ter preciso — agradar para casar — falso mais ighora, e se a levam à Igreja, e somente para que a cejam.

Ora, que respeito esta filha pode ter á sua mãe! a sua mãe!... que a ensinou a namorar, que namora ainda, e que fez d'ella uma mercadoria? nenhum; se acaso de posição insíma chega a fortuna, despreza a mãe, não sente por ella respeito algum, e não quer mesmo que saibam que ella é sua mãe! Viva a educação moderna!

Isso se vê nas classes altas. Nas classes baixas da sociedade, então as filhas são criadas de maneira a darem ás mães para o futuro o sustento, a roupa e a casa. Quando não tem vintem para comer, fazem sacrifício para comprar uma viola, e gastam antes o que podem arranjar, em banha cheirosa e flores para o cabello, do que remediar as necessidades.

Os tempos correm, as filhas dão dignos frutos da educação que receberam. Assim, não é raro entrar-se por ahí em muita caça, e encontrar-se a dona d'ela ensurecida contra a mulher que tem na cosinha, a quem trata com desprezo, e a quem passa repelões uns atraç dos outros; e essa mulher, se quer o leitor saber quem é—é a mãe da dita, que alli serve como escrava! São os frutos das lições de viola, e das pitadas de tabaco! Quem semeia ventos, colhe tempestades. E a mãe que se remune contra os

filhos, ou que dêem alguma coisa! Nas leis de Salomão, não havia de existir o parágrafo. Essa critica não é moralista, que se não pode dizer que é moralista, é que é de costume, e de costume. Mas é porque naquelles tempos as mães sabiam desempenhar seu dever. Sócio assim legislou, porque em seu tempo talvez as meninas não piscassem olhinhos por mandado das mães, nem dessem babaco aos doutores para lhes causar prazer.

A Marmota não sabe falar senão a verdade; quem se quizer zangar com ella, quo se zangue; porque é o mesmo. Uma mãe deve ser muito respeitada sempre: uma filha, para que desempenhe sua missão de filha, deve ser educada no temor de Deos, e na presença de bons exemplos.

#### A VIDA DO LOGISTA.

É indizível a paciencia e boni humor que são necessarias a um logista, ou outro qualquer vendedor que tem casa aberta de negocio; alem do trabalho de trancar e aferrolhar as portas com trinta mil fechaduras, por causa dos ladrões nocturnos, atura por penitencia uma quantidade de freguezes que dão prejuizo de tempo e massadas insuportaveis. Logo que o logista se encosta ao balcão, sequioso por vender alguma cousa, eis que chega um gamengo ocioso querendo alardear riqueza, procurando fazendas e casas e exquitzas que em toda sua geração nunca foram vestidas, se lhe dizem que não

onde haverá? Responde o logista: na casa de Fuão; mas a essa não vai elle, porque deve um calote muito antigo.

Dali a pouco chega o roceiro querendo compar de esperto e grande negociador, apresenta uma receita mal escripta; os caixeiros o o amado casa entram a traduzir a tal tachygraphia do sertão, n'este interim o sertanejo passa a vista pelas taboletas para se familiarisar com as fazendas; lido o rolo, pergunta elle os preços e por prevenção vai dizendo que tudo é caro; pede para ver as fazendas, leva á porta da rua, encosta os olhos, passa a lingua por cima para ver se está podre, e depois de toda esta séca desanima na compra, saíe apressado e vai á loja vizinha; assim corre todo o commercio até levar a espiga, e da casa onde leva maior bucha e donde se retira mais alegre, dizendo: *adeus até a volta*. Findo esto sinapismo de impertinencias, ahi vem uma mulher de mantilha campeando de sabixona, e logo dizendo que está com muita pressa, porque sahio de dia sómente para comprar aquella encommenda: procura cassa de raniinhos miudos, e recommends que seja bem fina; sobem os caixeiros até ultimas prateleiras, logo se abriu: quanta fazenda ha, a besta enfiou os dedos, puxa e fio do fio, e trega no mão, medita com quanto de hora, e quando mandia voltar mais cedo, que é para comprovar os resultados de tanta confusão; vêem logo despedir-se o logista, e diz que não tem dia que viva, metra-se a especular, e faça todo o trabalho baldado.

Chega depois o estudante sem muda, e perduario, finge-se muito amigo da casa, cita o nome do correspondente, e trava uma conversa a ver se fisga um calote. Chegam certos esperitinhos trapaceiros, ajustam varias fazendas, mandão cortar e depois de estar tudo prompto, dizem com uma voz muito doce—amigo Fuão, eu levo isto, Vinc. bem sabe quo eu só recebo dinheiro no fim do mes, e portanto do meu ordenado vonho trazor-lho o importo; mas sumindo-se pelo caminho nunca mais apparece.

E que diremos d'uma quantidade de sujeitos ociosos que vão só por luxo perguntar preços de fazendas estando ociosos de dinheiro e physiscos de credito? alem d'estes, outros ha que levam os dias inteiros nas lojas observando quem entra e o que compra; outros, aproveitando a posição por ser desfronte da casa da sua namorada. Outros, descompoem o caixeiro de cobrança, porque os foi incomodar lavando contas quando estavam no banho, ou dormindo a cesta da especulação.

Mas tudo isto é justo, e ainda mais flagelos deviam ter alguns logistas velhacos e ambiciosos em extreimo, que vivem estudando centenas

fazendas, formando uma confusão de pannos e chitas desenrolando para embrigar os olhos dos compradores. Eis aqui pois um dos motivos porque elles se queixam de não haver negocio, ou influencia de commercio.

### MA' LINGUA.

Esta senhora sempre é uma causa terribilissima!... Não ha memoria de que houvesse ainda arna tão perigosa como esta, e então com mais outra circunstancia—mesma preso no buxo do quem a tem!... Não ha portas, não ha paredes, não ha muros, não ha solidas fortalezas, não ha segredos que ella não vença; até no céo ao inferno esta maldita vai! Jesus, Nome de Jesus!

Ainda se podesse, cada um que a tem, conhecer-a tal; mas, não; todas a tem, a qual melhor; agora, aquelles que são victimas do seus golpes, esses sim, que infelizes d'elles quando chegam a saber aonde elles estão!...

Entra qualquer malevolo, por pessoa de bem, em casa de qualquer familia honrada, e recebido talvez não como merecia, mas como ordena a probidade d'aquelle casa, e quando fora, ou

que elles quizerem que seja, saem, e que com suas convidadas, e parentes, e parentes com seus descendentes com seus pais, e tanta discordia derramada entre tantas familias!...

Infeliz donzella, que não pudeste corresponder aos affectos que te jura o homem quo tinha entrada em casa de tens pais!... Tu vás andar na boca de todos; vás ser apregoada como uma devassa; és uma grosseira; és uma estupida; és malreuada; és tudo quanto uma lingua damuenda puder dizer que tu és.

Não tens remedio, has de sofrer, e has de morrer manietada ao pelourinho da deshonra!...

Cheses de familias! policiai as pessoas que nos fazem a corte; os homens de honra não se podem escandalisar dos vossos escrupulos, antes devem ser os primeiros a apoiar-los; limitai as vossas liberalidades; comed vossas franquezas, ou sereis victimas. Vás tendes a experiecia da idade e dos acontecimentos, apresentai-a, o sabed-a ministrar bem regulada a vossos filhos.

Nada de oppreções com elles, porque as amarras intito esticadas arrebantam; liberdade quanto lhes deixe estudar o mundo e conhecê-lo; uma liberdade, como a liberdade de todas as coisas razoavelmente intencionadas, e methodicamente observadas. Estudai bem as pessoas que li desdes para amigos, que outros tais elles so-

ração; e na sua lingua, que quando mais numerosas de mortes que houvera seriam poucas para soffrer-as.

R.

### SONETOS.

*Offercido a um certo Padre confessor.... tributo ao bom gosto.*

Namoro senhor Padre, — isso é getal;  
Porem para cazar; é mui custoso;  
Mas elle promettou... — em fim brioso,....  
E jurou-me tambem,—isso o que val!

Se visseis como é tão estremoso,  
Quando junto de mim... —é natural;  
Por isso julgo que... — oh! pensas mal,  
Dize... dize... — ser elle meu esposo.  
E pensas?... (coitadinha)!—sim eu caso;  
E muito bello moço, mui constante....  
Porem de ti menina; não faz caso.

Absolvo-te—porem se o teu amante  
Te deixar... —oh! não deixa! — por accuso..  
Vem amar-me mulher, que sou constante.

Ricardo.

### Suspiros de uma Viúva

Oh! Morte, quanto és dura, e nem tu...  
Que a vida d'esta vida me arrebatais.  
Meu esposo fiel... Quem assim...  
Mocidade, e consorcio, em seu com...

Ai, meu Deus! Ai de mim, triste! Endoudeço!...  
Charo bem, que nealma te retratas,  
Quanto eras amoroso! Ancias ingratas...  
Doco praser! de ti... ai! me despeço!...  
Aonde! onde acharei eu compaixão?...  
Oh gente! Oh mundo! Oh Mães da humanidade!  
— Truz, truz, truz.—Quem está ahí—Sou em Janjão!  
— Suba.—O que, senhoral... infa anxiedade!...  
Mais não chore, que eu dou-lhe a minha mão!...  
— Pois bem, não choro mais!... Vai-se, saudade!...  
O. P. BAZEL.

### MOYTE.

*Quem não gosta da Marmota,  
Não gosta da causa boa.*

### GLOZ.

E' um perfeito idiota,  
Refinado toleirão,  
E' carranca, e ferreiro  
Quem não gosta da Marmota.  
Diz minha prima Loleta,  
(Que não é ingenha a tia,  
Pois vio Paris e Lisboa,  
E opina serem d'algum mal)

## A MARMOTA MARANHENSE.

Primo:—Quem a não estimar,  
Não gosta de causa bon.

J. R. de S.

### MOTTE.

Vai-te ingrato fementido  
Já de mim não és senhor

### GLOZA.

Es por mim já conhecido;  
Por insignie tratante,  
Queres ser de novo amante?  
Vai-te ingrato fementido;  
Sempre foste mui singido  
No tempo de nosso amor,  
De novo queres impor?  
Ingrato, cruel, tirano,  
Homem astuto e deshumano  
Já de mim não és senhor.

Ricardo.

### Convite para a Valsa.

Minha senhora, é servida  
Dançar a valsa pulada  
Com este seu criadinho,  
Se não quer estar parada?  
Por modestia ella aceitou,  
Elle a valsa foi romper:  
Leu com a dama no chão;  
Perde... não foi por querer...  
nosso salões agora  
o mundo quer dansar,  
é um sujeito a uma dama  
honra de ser seu par.  
Aceita a moça o convite,  
(Coitada o que ha de fazer)..  
Diz o marmanjo, opprimindo-a:  
Perde... não foi por querer.  
E dos salões etiqueta  
A dama não recusar  
O cavalleiro que a pede  
Para uma valsa pular:  
Aperfeiça pela cintura,  
Fala mãos tratoa sofrer,  
E diz quando ella o repele:  
Perde... não foi por querer.

Pelo braço de um estranho,  
Sem nenhuma educação,  
E' moda andar a donzella  
Passeando em um salão:  
Ouve insultos do seu pão,  
Quo graças julga dizer:  
E, se ella cõra, responde:  
Perde... não foi por querer.  
Com viuva, honesta dama,  
Passeava um cavalleiro,  
Quo a saber procurava  
Quanto ella tinha em dinheiro:  
Não sabendo conversar,

Para a senhora outrejar,  
Vexou-a, e disse amedrando-a:  
Perde... não foi por querer!..

A senhora é muito bella,  
E' uma moça bonita;  
Mora sói já lhe prometto  
Ir fazer lhe uma visita:  
Como a moça repellisse  
Tão grosseiro pretender,  
Elle acabou com a desculpa:  
Perde... não foi por querer!..  
Seja tratante, perverso,  
Seductor, ou linguarudo,  
Em tendo bon presençá,  
Os bailes recebem tudo:  
Quando n desgraça succede  
A qualquer não proceder:  
Respondo o crime à innocencia:  
Perde... não foi por querer!..

### A FLOR SAUDADES.

Vem cá minha saudade  
Vem fiel, neste retiro;

Sentir do peito exhalar-me  
Hum magoado suspiro.

Vem ser minha companheira  
Linda flor, tu não padeces,  
Se tens da saudade o nonio  
Mas a dor tu não conheces.

Exprimes só mudamente  
O que eu sinto dentro d'alma,  
Mas não soffres, não padeces  
O sentir que em mim não calma

Tu és flor muito estimada  
Por donzella, no jardim,  
Não soffres a dor saudade  
Essa dor só dada a mim.

E' punhal que me traspassa  
Quo te não posso explicar;  
Vem oh! flor, fiel amiga,  
Vamos juntos desinhar.

E' curto o viver da vida  
Expiremos oh! saudade,  
Hum por outro demos cabo  
Como finda a humanidade.

RICARDO.

### CHARADAS.

1  
Subo sem asas tor aos altos ares,  
Sou um, e existo só sendo dobrado,  
Dizem que ja por mim em outro tempo  
Um Deos Menino fora visitado.

2

De capelo o animal vem a meu grito,  
E pra o de cabresto a meus clamores,  
Sou arvore dos homens estimada,  
Mas não produzo fructo, nem dou flores.

3

A homens e mulheres agasalho, 2  
De compassivo tenho a naturesa, 1  
Paes crueis me fizoram desgraçado  
Para que tivesse applausos e riqueza.

4

Sou uma flor e um vivento, 2  
Possuo sempre alegria, 2  
Fogem de mim os rapazes,  
Sou das velhas companhia.

5

Sou opprobrio e ornamento, 2  
Sou abundancia, e traslado, 3  
Aquelle sobre quem caio  
Fica logo asortunado.

Sig. das charadas do n. antecedente:—a 1.º é:—Saqueiro  
—a 2.º —Palarata—.

Maranhão: Typ. da Temperança. 1951. Imp. por. M. P.  
Ramos, rua Fornozza n. 9.

# A MARHOTA MARANHENSE.

## POLIA LITTERARIA, E RECUPATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Freguesia n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 80 reis.

Minha linguagem será  
A linguagem da verdade, A virtude heida exaltar,  
Pois sobre medo d'erro. Sem das raízes da docencia  
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

## А МАРМОТА.

## A INVEJA.

Sempre a Igreja assim foi, sempre ella investe Aquom mais por virtude se distingue.

A inveja he a mais sordida, vil e degradante das paixões... Oh! aborrecer um homem a seu semelhante porque elle é virtuoso, instruído, e porque possue em si qualidades, que o põe acima delle—invejoso—é o cumulo da ignorância, da banalidade... E em tanto, o que é mais comum das partes!

cer a outra para que o mesmo n'esta façao—  
elle quando é injuriado, quando é intrigado e  
caluniado busca desafrontar-se—embora o  
preceito de Deos—neste caso o homem obran-  
do contra elle, pratica com alguma razão —seu  
sim não he deprimir o merito de alguém —  
mas aborrecer a ontrem, intrigal o, calunial o  
só porque elle goza de outras vantagens, que as  
não tem elle—elle o injurioso... oh! é ser um  
demonio —é cometter um crime de lesa di-  
 vindade....

E a inveja é uma paixão tão má, que a Santa Igreja a pôz entre os peccados mortais.

E de que armas não uza o invejoso— este ente despresível, degenerado, quando quer pôr em exercílio sua ídole infernal!... Se aquella de quem é inimigo, tem sellado os actos de sua vida por meio de benefícios, de ações verdadeiramente nobres— vi-lo que arteiro as denigre— vi-lo que as conspura, revestindo-as de negras sombras.

Se, o de quem tem inveja, é um bom amigo, e ama a alguém, que lhe não dá ouvidos, ei-lo que caviloso busca derramar a sizinha entre os dous amigos, entre os que amantes.

nullidade, um ladrão de escriptos—ele que nem se quer, muita vez, tem capacidade suficiente para produzir outra cousa além de intrigas, de vis libellos—porque o invejoso é sempre um homem obscuro; porque elle é tão fraco, que não ousa atacar a sua vítima de frente—porque é ordinariamente na escuridão da noite, que elle põe em contribuição os daninhos sentimentos de seu coração—.

E acaso o invejoso sabe, o que seja amizade, amor, honra, virtude e saber? Acaso

que aqui atassalha a honra, as virtudes de um amante para vel-o aborrecido de sua amante—desta amante a quem elle inveja—e que o despreza—ali desunse a dous amigos, e acolá inculcando-se de critico—pedante quo é elle—taixa a este de estupido—e aquelle escripto do plagiato, como se fora elle alguma cousa, como se o campo da sciencia não fora de todos—como se por este ter plantado o quer quo seja em um terreno—aquelle outro está mesma cousa em seu terreno não possa cultivar!—

E quereis pela physionomia conhecer ao invejoso?... veei elogios a alguein, e vereis, que sua face empalidece... elle não poderá dissimular a aflição e o despoito, que o rala elle buscará contradizer as vossas palavras... e uma potencia oculta o levará até a reclarimar contra os elogios, que vós prodigais a outrem que não elle...

E porque o espírito humano tem uma tendécia extraordinária para o mal—eis o invicto triumphante—eis desligados talvez para sempre os dois amigos, os dois amantes—eis o homem virtuoso descredenciado, e aquele que começava de ser admirado perde seu talento dando de mão a suas artes, ou pelo

mentos fugiudo de apresentar suas produções—para ello—o invejoso, talvez, dal-as à luz depois dabaixo do seu velo!...

Agora ido buscar a elle, ao invejoso, e o veleis ancho, satisfeito, e transindo nos labios um rir do inferno!...

Mas quanto este rir será ephemero!... Ele dando passo a sua paixão dominante sem duvida gozará alguns instantes de alegria barata—mas sórta dasta occasião elle não terá um momento de tranquilidade sobre a terra—sua vida será um suplicio—e na hora do passamento, o remorso ainda o virá tornar mais miserável!.

E a animadversão pública!... Oh! quanto ho' digno de maldição, e ao mesmo tempo de dão invejoso!... Socrates foi intrigado—foi caluniado, e por fim uma taça de cicuta deu-lhe cabo da vida—mas os seus inimigos? ah! estes sórão tidos em tanto aborrecimento pelos Athenienses, que nem lhes era permitido falar com os outros que não seus cúmplices—a elles se recusava todos os mistérios da vida—nem por seus escravos podião ser servidos—os Athenienses tinham mais medo delles que os Judeos dos leprosos—e que foi feito delles? todos estes miseráveis se derão a... etc!...

## ROMANCE.

### OS MYSTERIOS DE UMA TARDE.

Onde vais ó Cavalleiro?  
—Ver quem de amor me matou.  
—Ves este cadáver?—Vejo.  
—E vais a entrevista?—Vou.  
(J. F. da Serpa Pimentel.)

A pena do Rotuancista, ainda o mais apto a ser capaz para definir a pompa de uma tarde que se goza do *Alto da-Carneira*, esta pitoresca Cidade de S. Luiz: é d'esse tipo levadico; que se pode admirar os prodígios da natureza, fazendo-se com a simplicidade dos ornamentos da filha da Santa Cruz; da que se desfruta à larga os últimos crepusculos do sol, adormecendo ao som das vagas! Os n'uma dessas tardes do mez de Abril do..., que me achando melancólico, e sentindo amago da alma opprimido de um certo indefinível, sahi da minha habitação para vencer as ideias que me embatiam na mente—dirigi-me para esse logar porque achei o apropriado; alli só havia o silencio interrompido pelo pipitar das aves, ou pelo sussurro dos ventos. Cheguei, volvi os olhos em torno de mim, a fim de ver se havia alguém que me observasse; e quando me sup-

puz à sôa, assentei-me à uma pedra junto à uva laranjeira, que exhalava grato aroma; meio tranquillo, comecei a examinar os pontos salientes pela formozura e asinenidade dos contornos. Distância de mim não muito longe, as margens do río Anil, quo se roçavão por sobre areia tão alva como o alabastro; e um seu canto de passaros, valsavão magicamente, correndo uns à pôs outros como a porfia. O rei dos astros dictava no horizonte os ultimos decretos: os raios havião-se apagado; a tarde tornava-se cér de chumbo pelo contacto da noite que já se avisinhava; o azul-setim do firmamento, de estrelas embutido, brilhava como se fosse a cauda de um pavão. Por alem do espesso bosque espargia-se o desmaiado clarão que annunciava a apparição da pálida Diana! Ela dentro em pouco erguêu-se do leito verde-negro, envolta nos lençóis de nuvens transparentes, como só sórta ballão aerostatico, dispendendo melancólicos sortilhos; a meiga pequapti carpia a auzencia d'esse dia: julguei-me um poeta, ao todo daquella paisagem aonde só via a mais sublimada poesia! Quanto nos enleva um quadro tão maravilhoso como este! O zefiro roçava as satas ásas na superficie desse río, modulando como as cordas de uma arpa; e esse susurro mavioso, agitava graciosamente as aguas do Anil, parecendo aos olhos meus, um tanque d'esmeraldas e de perolas; ou como uara d'essas maravilhas que nos sonhos vem acalentar a fantasia. Do sinistro lado da minha posição ergnia-se elegante palmeira, com o seu leque meio aberto sobre afronte, parecendo ser a filha de Tupá, guardando as mattas dos Tamoyos; o leque em que viravão os frroxos raios da lúa, formavão um lindo resplendor como lâminas d'espadas desafiando à quem ouzisse profanar à natureza. Entregue à estas distrações... indolente ao resto do mundo, sem nada mais invejar... dirigindo os meus olhares ora para o norte, ora para o boste... achava em tudo sublimidade! sublimidade tal, que seria mister elevar o pensamento as inexplicáveis regiões da arte, para la buscar a cintilção de um quadro todo cheio d'inspirações, de vida, e de amor. A Cidade, pratiada por estes raios da luz que tremolava na alampada da abobada celeste, repousava ao longe profundamente agazalhada. Que de ideias suscita o seu aspeto à taes horas! lá se devia o pharol de S. Marcos, do lado do ocidente, contemplando admirado a paz, o o silencio. A voz de uma mulher ou a de um cão, aspirou a melodia de sua alma, trazendo a dança gutural no pungir das suas recordações; atrebatado por essa força oculta, fui levado a saber o como. A um lugar de maior elevação!

## A MARMOTA MARANHENSE.

Que é fazenda avariada  
*Moça que passa dos trinta.*  
 Torna-se magra, e fainita,  
 Entra a ter lepra, e sigras,  
 E outros males ignas,  
 Começando a parecer,  
 Marido não chega a ver,  
 Fica velha sem casar.

T. de L.

### A conjectura Amorosa.

Bella virgem quem me dera  
 Quem poderá,  
 Teu auor feliz gozar:  
 Mas não pode o desdito  
 Venturoso  
 Ter a gloria de te amar.  
 Se de teus labios sahisse  
 Que eu odivisse  
 Uma palavra de amor;  
 Mudar-se-hia o meu fado  
 Desgraçado,  
 Teria sum minha dor.  
 Bella virgem vem findar,  
 Vem mudar  
 O meu vivor de tristeza;  
 Com teu olhar, teu sorriso  
 Eu diviso  
 As graças da natureza.  
 Só comigo compassiva  
 Decisiva  
 Neste amor que tanto almejo,  
 Eu desprezo quanto encerra  
 Toda terra  
 Para ser do teu desejo.  
 Não procures osquiança,  
 Que a tardança  
 Do teu sim, faz-me penar;  
 Vem fagulha com caricias  
 Dar notícias  
 A esta vida de pesar.

### Aviso interessante.

*D'uma menina bonita*  
*Tem-se grande preciso*  
*Para esposar um bom moço*  
*Vindo ha pouco do Sertão.*

Uai joven prendado o bello;  
 Que de nada necessita,  
 Precisa, p'ra sua esposa,  
*D'uma menina bonita.*  
 Quem quizer que se aproveite  
 Da feliz occasião:  
 " Chega, chega, minha gente,"  
*Tem-se grande preciso.*  
 Ningueni supponha levar  
 Forquilha ou gancho ao peitoço;  
 Chpraz a jarda não devo.

Pois que só quer-se a pequena  
*Para esposar um bom moço.*  
 Mas a' exige qu'ella seja  
 Da mais fina educação,  
 Pra bem morecer um jovem  
*Vindo ha pouco do Sertão.*  
 O moço além de bonito,  
 Tras consigo um fiador,  
 Steve dous mezes em França,  
 Trouxe carta de donitor.  
 Requer que a moça não tenha  
 O vicio da gullezina,  
 Qu' seja moça bem feita  
 E não tenha perna fina.  
 Qu'saiba cozer, bordar,  
 E que faça bons vestidos,  
 Qu' tenha cintura fina  
 Sem ter os pontos cahidos.

### Desabafo Poetico.

Ingrata, infiel, perjura,  
 Vária, perfida, inconstante,  
 Fica embora, que te deixo  
 Gozar o teu novo amante.  
 Em quanto cuido que tinhas  
 Puro amor, terra só pura,  
 Adotei, sem esta moacha,  
 Tua gentil formosura.  
 Mas hoja que te conheço  
 O baixo e vil coração,  
 A voz da razão escuto;  
 Manda deixar-te a razão.  
 Saiba o indigno, que estima  
 Uma ingrata sem limite,  
 Que não é capaz de amor,  
 Que é toda um inero apetite.  
 Eu conheço os teus desfeitos,  
 Eu já sei que é mentirosa,  
 E a nódoa d'esta vileza  
 Te faz ser menos formosa.  
 Não tenho vaidade alguma  
 Em gozar dos teus favores,  
 Que a minha gloria consista  
 Em achar puros amores.  
 Gostei mas era enganado,  
 So de ti tanto gostei!...  
 Venceu-se este triste engano;  
 O gosto em pozar troquel.  
 Se tu fôres do amor digna,  
 Como eu então te julgava,  
 Ao teu venturoso amante  
 Livro o lugar não deixava.  
 Mas, assim não me arrependo  
 So assim me desonganrei  
 Elle, tarde, inda hede achar  
 O que eu a tempo inda achari.  
 Quem perde o seu coração

Que se perde n'uma ingrata?  
 Nunca a fortuna mais leve,  
 Eu poderoso, f'lar vingado  
 Te dando a conhecer ao mundo inteiro  
 Mas espero que o tempo justicero  
 O premio te dará d'la liso agrado!..

A. de P.

### LOGOGRAPHO.

Cinco sylabas;—hi vai  
 Um pequeno logogripho,  
 Sain á luz inda moia egle  
 Que de á muito o tenho em gripho  
 1.º e 2.º folla,  
 Tambem foi muito constante,  
 A 3.º dezojava  
 De Hyminéo, c' o seu amante.  
 Ia na musica escurá  
 Minha 4.º como nota,  
 Assim como p 5.º existe  
 Aqui mesmo na Marmota.  
 A 1.º sempre afirma.  
 A 5.º junto a 3.º,  
 Com mais uma consoante  
 Mede o tempo na carreira.  
 T'6 verás 3.º e 4.º  
 Mesmo aqui dizendo Armin,  
 1.º e 5.º, faz palavra  
 Que não folla, mais não pia.  
 A 2.º e 4.º faz  
 Uni qualque sendo vivente,  
 A 2.º junto á 6.º  
 Faz o pano de repetate.  
 A 5.º e 4.º e 2.º  
 E' palavra italiana,  
 Não jngueis agora amigo  
 Que vos fasso ver campanna.  
 A 3.º c' o a 1.º  
 Pela barca é conhecido,  
 1.º 2.º e 5.º  
 Faz o son ser conhecido  
 A 4.º coin a 3.º  
 Juntando um (a) no fim,  
 Se não me engano, foi rei;  
 O que diz, não foi asáun?  
 Reueta minha 2.º  
 Que' uma fruta Brasileira,  
 E' Serás capaz d'ir boçal'a  
 D'um só pulo, ou de carreira?  
 Se fizeres á 3.º  
 O que antes te mandei,  
 Hum Pio, terás da certo  
 Satisfeito ficarei.  
 As vozes vem resultar  
 Augmento para as Nações,  
 Quando ha zelo... (alto la)  
 Em cartas repartiuções.

Ricardo.

Sig. das Charadas do n' anecedente  
 1.º Gaspar-2.º Frei-leo-3.º  
 Capado-4.º Rozario-5.º Cornucopia.

Namorado. Typ. da Temperança —

— suscreu a curiosidade sem perguntar a mim  
mesmo: de quem será esta voz?

“ Abrigado em longo sombra  
“ Um caçador repousava,  
“ Sentado sobre alta pedra  
“ N’onde aonde descansava:  
“ Naquelle bosque tão grato  
“ Era ali ondo caçava.

“ Ausente da cara amante  
“ Meditava elle saudoso;  
“ Por que em breve seria  
“ Da donzella seu esposo;  
“ Laço da tanta docura  
“ Que o tornava venturoso.

“ Mancebo esbelto engracado  
“ Era Henrique, o caçador,  
“ De meditar tão sozinho...  
“ Entregou-se à sua dor,  
“ Pensava na sua amante,  
“ Se era falso o seu amor.

“ Rosalia, se chamava  
“ Essa mulher, sua amante;  
“ N’ella pensava saudoso...  
“ Por estar d’ella distante;  
“ Mesmo assim, era constante.

(Continuar-se-há)

Ricardo.

### SONETOS.

Alu bem, quando te vejo eu arrebento;  
Dou pinotes, carmirus, assovio,  
Eu sinto convulsões, e tenho frio.  
De gosto estremecço, e não me aguento.  
Dou gritos, e patadas de jumento,  
Meu terno coração perde o pavio.  
Fazendo brincadeiras de vadio,  
No bojo da barriga eu sinto o vento.  
Quizora transformar-me em caranguejo,  
Morder-te o calcaneirar nímoso o bicho;  
Mas os dentes procuro, e não os vejo!...  
Por ter unha desordem eu me pello;  
Ciosar moça bonita é malo desejo:—  
Não é p’ra mim, Jarrete, o xaramello!...

Tu, Marilia cruel me tens ferido  
Com riva, com fator, com todo apuro;  
Não te move esse peito, ingrato e duro.  
A teus pés por amor me ver rendido!...  
Mil angustias por ti t’uho sofrido  
E, verdade, meu bem; por Deus o juro!  
Não queiras pejorar o meu futuro;  
Não queiras à tua vez me ver perdido!  
Se tens, como triste malfado

Em troca d’esta minha sympathia,  
A t’uha de vio ver tão desprezado!  
Assim mesmo inda estou, do dia em dia  
Cada vez mais babaô, e mais babado  
Morrendo pela tua companhia!

Acredita, arronegada,  
Na minha paixão dominada!  
O firme intratável.

### FRAQUEZA.

Quanto custa sofrer dentro do peito.  
Triste recordação que a mente lembra;  
Não ha dor que se iguale ao sofrimento  
De tanta ingratidão!

Sofrer destino igual ao que eu suporto,  
Sentir ágo tormento me arrastando?...  
Só tu mulhet, poderas asundar-me  
No chão da perdição!

Sofrer uma tortura incomparável  
Não seca o coração já denegrido;  
Quanto custa o despreso, ou revindicta  
D’aquella que amamos?

Egare os lados d’infamo seductor.  
Sofrever a ilusão se — zotando;

Quando para mim... — Gostem sorrirem  
Malheiros uns de modo?

Alguém se perdeu? — Deixa! —  
Quem viverá de viver? — Vida é vida, vida é vida!  
Malha ágo, aliás, o meu querido! —  
De tal ingratidão?

Ricardo.

### MOTTE.

Ha n’um sitio aqui bem perto.  
Menina, que amor excita.

### OLIZA.

Escutem que o caso é certo,  
E não é nenhuma asneira,  
Uma jovem seiticeira  
Ha n’um sitio aqui bem perto.  
Sendo eu menino esperto  
Só declaro que é bonita:  
A morada ondo ella habita  
Não me faz conta explicar,  
Que pode alguém desejar  
Menina, que amor excita.

### MOTTE.

Moça que passa dos trinta  
Pica velha sem casar.

### OLIZA.

Me disse D. Jacinta,  
Mulher muito acanhada,

# A MARMOTA MARANHENSE.

POLÍTICA, ECONOMIA, E REPROVAÇÃO.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 números, pagos à entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será  
Heida os vícios aliter—  
A linguagem da verdade, A virtude heida exaltar,  
Pois sobre mola deles. Sem das raias da decencia  
Tudo quanto é falsa-fale. (Um só ponto de repar.

## A MARMOTA.

### A PERDA DE TEMPO.

É sem dúvida o maior prejuízo que se pode ter, a perda de tempo, visto que com o tempo é que se ganha o dinheiro, e o tempo é necessário para todos os actos da vida; e por conseguinte, sendo elle mal repartido ou muito desperdiçado com um só objecto, claro está que sofreremos transtornos na economia do trabalho, e de outros muitos pontos em que se perde, o tempo n'esta nossa terra; um dos principais inconvenientes é a economia do arranjo familiar, o qual, pela miséria de atraço em que nos achamos, torna-se mortificante e difficultoso, como passamos a mostrar.

Principia-se a perder o tempo por se acordar tarde, uso este até prejudicial à saúde; acorda o pai de família são sete horas da manhã, quer tomar um banho, mas não há ainda água, porque o negro foi buscar, e ainda não veio; procura pelo almoço, ainda é cedo, porque está a esperar que o pão chegue da padaria; às oito horas chega o padeiro do pão; falta a lenha que a dona da casa esquecendo se de mandar comprar de vespertino, aí vai a negra buscar-a; porém achando uma conversa na taverna vizinha, ali fica boa meia hora; volta com a lenha, e pergunta-lhe a senhora—que estiveste fazendo, como tardaste tanto?

Responde a negra—estive esperando troco que o homem da venda não tinha.

Pois bem, acendo já o fogão para se fazer o almoço, que seu senhor quer sahir.

Falta o café.

Pois vai à venda do Sr. João, e trazem uma vintém de café; vai depressa; é um pé c'á outra la.

Chega o café; porém falta o leite, torna a sahir a preta, e lá se vai mais tempo.

Falta a manteiga para o pão, porque o resto

da do dia antecedente as baratas comeram à noite.

Diz a dona da casa—vai depressa à venda e traze uma amostrinha de manteiga.

Volta a negra e diz—sabia, o homem diz que não dá amostra não; porque sabia todo dia manda buscar amostra e nunca manda comprar.

Depois de mil gritos e descomposturas à cosinheira, chega o almoço e vê-se a primeira batalha; porém já são 10 horas do dia!

Principia a vestir-se... procura cuidar nos seus arranjos; mas tira a camisa do guardaço, põe a cintura, levanta o vestido, e por isso não pode querer a gravata; aqui temos mais demora ora quanto se põe a cinta da costura, e aí basta agüentar.

Já por aqui se vê que a principal parte do dia, que é amanhã, vai perdida com estes chapates, e d'aqui pôr diante continua o verâo, como mostraremos na segunda parte deste artigo.

## ROMANCE.

Nº 30.

### OS MYSTERIOS DE UMA TARDE.

(Continuado do n.º 29.)

Não fui senhor de mim durante o tempo em que a sua voz representava por todo aquele lugarez maravilhoso; relava-me como estatua petrificada, bebendo goles do prazer que me prodigalizava uma casuabilidade tão rara; magnetizado por esses sons que não é fácil à linguagem definir os, pela maravilhosa da frases proprias para exprimir termos de suas almas em comunhão; tão doces... tão suaves abertas... com os olhos avidos procurando a cristalizadas fonte desse mystico barroco; que, a não recuar o labo de audacioso, ter-me-ha afeitado em busca d'essa esculpta do diabo. Einfim, dividi-me da margem opposta do Anil, como garç

acocorada, essa caza que guardava o talismã dos vates; não trajava luxo algum no exterior, porém lhe ornava modesta simplicidade que se coadunava muito com a magnética voz, e com a amenidade do lugar. Quando achava-me saboriando as notas que no ár se esvuião... tomado o paladar do coração que se explicava... querendo traduzil'as... forão os meus ouvidos açoitados pelos ecos de outra voz! porém, não com aquella melodin, e serenidade emanada das candidas palavras, mais sim, com certa expressão synistra... de labios ameaçadores!—Era um trovão que rebombava, depois que o céu havia rido. A' vista do que então observava, instei comigo mesmo para disvendar a consequencia de semelhante inímiga; combinei as minhas idéas que se achavão naufragadas, mas embalde; nada pude conseguir a exceção de conhecer que a segunda voz, erão brados de ciúme: Ella, com essa linguagem feiticeira (que só tendo por dicionario a mente do Trovador apaixonado, poder-se-ha discravar) revelava ao seu amante protestos de constância; porém, esse, havendo conhecido a infidelidade do anjo, que outr'ora fôr no céu dos seus amores, afôitamente a desmentiu:

" Constante só quando o via  
 " Rendido junto á seu lado,  
 " Deix ausente della então...  
 " Era logo atraçando  
 " Porque certo cavalleiro...  
 " Foi-lhe mais afeiçoadão.  
 " Henrique nada sabia  
 " D'esse outro cavalleiro.  
 " Pois se sabe, elle veria  
 " Mostrar-se também guerreiro;  
 " Por que o amante offendido  
 " Quer vingar-se,—vem ligeiro.  
 " Um companhoiro d'Henrique,  
 " Que lhe foi sempre fiel...  
 " Por saber do tudo corre  
 " Montado no seu corcel;  
 " Corre á ver o seu amigo  
 " P'ra acuzar a infiel.  
 " Contou-lho todo o successô,  
 " Chorando d'Henrique, a sorte;  
 " Porein ello mal que sabe  
 " Protestou lhe dar a morte;  
 " E' jurou quo a infiel  
 " Sofreria o mesmo corte.

Callou-se a voz, e a taça da minha curiosidade completamente encheu-se. Exforcei-me por alcançar alguma couza quo se relacionasse com o que se acabava de passar, se ocoixri a novidade, ou se era somente as revelações ouvidas. O gromiga da natureza caprichosa que

te abrillhantava mais as suas scenas, não se via mais do que o resonar dos vejetos embalados pelo sopro da aragem engolftando-se nos odores que, com o orvalho transpiravão; as turinhas, pequapás, e rolas, de vez em quando asfinavão-se com a melodia do silêncio.

Hera iuna orchestra! O brouze santo, deu onze badaladas. Farto de me haver demorado longo tempo, curei de retirar-me; e quando estava para proseguir na minha volta, ouvi morrer nos meus ouvidos, sepultar-se na minha alma, os sons de uma flauta suspirando.

Embalada pelas aguas do Anil, do lado da Cidade, avesinhava-se uma canoinha com dous vultos trazidos pela correnteza, como fragil florinha em lucta com os elementos, galgavão a proximidade desse sitio aonde por felicidade ouvi o discante da bella enamorada.

Mancebo (disso um delles) vós para quem a mocidade ha sido extensa primavera, vós para quem a vida é um sorriso, não comprehendéis como eu, as bellezas destes arredores; vós para quem o céu sempre é brilhante, não avaliaes a significação do silêncio d'estas mattas.

Velho, (disse o outro) aferremo-nos aqui.

Sim, mais haveis de cantar que muito folgo em vos ouvir; oh! não toqueis mais essa flauta. aqui tendes o violão, tangei as cordas o cantai.

Nisto ouvia-se o ferro da canha mergulhar com rapidez, e logo após as ondulações d'esse instrumento.

Velho, ves tu aquella caza aonde brilha como estrella aquella luz?

Sim.

Ah! ves?... pois é lá que deparo o objecto da minha predilecção; é alli... que como a minha voz, desejava ter a felicidade de chegar bem junto d'ella; mas como não me é dado o prazer de a taes desoias desfilar... por indescripção nossa velho, por já ser tarde! oh! mas so cantar....

Hei-a sus, qua esperare?

Se cantar... de certo conhecerei a minha voz, chegará na janella... dar-me-ha signal... oh! canteinos! canteinos!

Faço-me da vela; com presteza chegaremos até lá se assim for.

Mas o que hei de eu cantar? oh! seja o fim do Romance que discrêve os amores do Henrique.

E cantou! e a sua voz de tendr, era sinada pelos sons que vibra a minha alma, quando agita-se no vár... os olhos que conversão com os meus olhos.

Shakespeare, interprete do coração humano, diz com razão:—" o homem que não tem no coração nenhuma alguma, e que não é comum ao peito humana, por termos altos, é capaz de

## A MARMOTA MARTINENSE.

*traição, de estratagemas, de injustiças. Os movimentos de sua alma são lentos, e silenciosos como a noite: não vos ficeis de um simulacro homem.—* A essa philosophia dos filhos de Apollo, as portas da minha alma, estarão sempre abertas para recebê-la; sempre franca aos gôzos dos prazeres puros, porque nella mora Deus! —sim: a alegria, o entusiasmo, a coragem, a admiração, a colera, o desespero, o furor, e todas as más paixões, que os physiologistas chamão alegres, são despertadas do lethargo em que dormitão, por esses sons tão cheios de arrubos! —A virtude mora no homem arrebatado pela harmonia, quando a sua imaginação vê a regiões desconhecidas; não ha um só pensamento, uma só idéa, que não esteja relacionada com o Creador! quem a ouvir os arpejos do um coração vibrando sons que mal podem-se julgar, não senta todos os gritos da sua alma! Deus, flores, mulher, amor, e poesia, de tudo estava eu tarto quando ouvi cantar a esse homem!

E o canto d'elle era assim:

" Vem correndo feroz tigre  
" Buscar a preza fatal,  
" Mas temeu fero leão  
" Que também tinha punhal.  
  
" Ambos elles se encontrão  
" Resolutos para a guerra;  
" O leão assanha a fúria  
" Contra o imigo se aferra:  
" Luctaram! — misero tigro  
" Vencido ficou por terra.

A sua voz como o aroma da flor que se eleva na immeidão e lá se perde... havia-se calado entre as páginas do silêncio; e nessa janella donde vira-se brilhar o clarão da luz, no lugar opposto à esse rio, chegou o vulto de pessoa curiosa: distante mesmo assim podia-se distinguir que era mulher.

Velho, ves tu aquelle vulto recostado na janela que alem ves?

Parece uma mulhorr. (disse o outro)

Enganas-te, (tornou-lhe a mesma voz) aquelle vulto que alli ves, é um anjo! —hei-a com presteza, ergue o ferro da canoa, abre as velas ao vento, dà azas ao meu corpo.

E ouvio-se o som da corrente, resvalando na borda da canoa, como quem puxava: e o outro vulto, desenrolava com anxiedade a tela que estava amarrada ao mastro.

Como horrivel phantasma, impellido como lavas do vulcão, ligeiro como o relâmpago, terrível como o raio, negro vulto galgou a praia: envolto em pardo alboroz, com desabado chapéu na cabeça que lhe occultava parte das sardas, e a barba longa que lhe varria os peitos... —bradou com voz horrida:

Julio, previne a tempestade!

O eco da voz lhe respondeu: 'Tempestade! — Es pô já nessa vida, se por ventura seguir-te nessa empreza: (foi como a authentia, de novo professo por esse vulto ouzado;) tenho na vontade um sceptro, posso dar-te o abysso!

A sua voz perdida nos campos do passado sem que ninguem lhe respondesse: e a vela branca tusada pelo vento, levava mansamente a canoâ, como se fora garça banhando-se n um lago.

De subito esse vulto arrojou por terra o alboroz e o chapéu, lançando-se áo rio! —na mão direita lusia-lhe um ferro, como forma concreta, e a esquerda luctava com as aguas do Anil: os da canoâ poserão-se de pé, ao aproximar-se o vulto que imprudentemente acompanhava-los. Lucta renhida á longe se escutava, e depois... nem mais se viu vela branca!

No dia seguinte houve quem denunciasse que se tinha achado o corpo de um velho, já pasto pelos círros, enterrado no mangal; e em uma das corôas do mesmo rio Anil, o cadáver de Julio! —Contava elle 17 annos de idade, estava nos sorrisos do river, e foi a sua fida como a dor, ceifada quando apenas dispontava: deparou-se com um retrato que trazia no pescoco preso á um trancelim de cabello, o qual foi conhecido ser de Adelaide! (causa unica da tal assassinato;) pareiu o auctor de tão nefando crime, ainda não foi possível descobrir-se. Adelaide a unica sabedora dos amores que intritava, poderia ser a delactora do rival; mas essa, havendo sabido do que se acatava de passar... oh! bella creatura, eniouqueceu...

Dous mezes havião decorrido depois do assassinato de Julio; os sinos da cathedral, e de diversas Igrejas da Capital, choravão lágrimas do dôr pela morte dessa infeliz amante: ella foi sepultada no mesmo cemiterio á pár do tumulo de Julio: se na vida não se unirão, unidos jazem os ossos d'ambos n uma lapide sindella.

Heloisa e Abailard, assim reponzao;

Iguaes no tanto amar.

Ide amantes n'essa lousa

Iluma rosa desfolhar.

Ricardo A. C. do F.

## MOTTE.

*A dama que não for bella  
Tem de relha a condiçao.*

OLEZA.

*Sómente sebo de vella  
Por sustento deve ir  
Muitas caretas soffrir  
A dama que não for bella.*

Como tal ninguem com ella  
Aventure uma expressão  
Porque sofre indigestão;  
E' medonha ave agoureira  
Tem poder de feiticeira,  
Tem da velha a condição.

MOTTE.

*Por você me desprezar  
Não hei de morrer solteira.*  
GEOZA.

Quer que então leve a chorar  
Toda a noite e todo o dia  
Sem ter pois mais alegria  
*Por você me desprezar?*  
Pensará que hei de acabar  
Os meus dias feito freira?  
Ou que faça uma ontra asneira  
Por me haver você deixado?  
Se assim ésta enganado.  
Não hei de morrer solteira.

Um assignante, pede-nos a publicação do seguinte:

RETRATO.

Pinhar e pincel  
Comigo de ignoz  
Prezada, justa  
Vená me ajudar;  
Dai-me expressões  
Para a pintar:  
Hum poneo louro  
São seus cabellos,  
Oh! quem me dera  
Eu sempre velos!  
Fronte engracada,  
Olhos brilhantes,  
Como estrellinhas  
Mui scintillantes.  
Nariz bem feito,  
Roca miniosa,  
Dentes de jaspe  
Labiós de roza.  
A linda cõr  
De minha amada,  
E' do alabastro,  
Porei rozada.  
Airoso collo,  
Cintura fina,  
Braços, e mãos...  
Como é divina!  
Seu rosto apela-

Que as pedras querem  
Seus pés beijar.  
Em tudo é bella  
A minha amante,  
Porem não sei  
Se ella é constante.  
Eu bem quizera  
Que o seu retrato,  
Seus sentimentos  
Mostrasse exacto.  
Sim, eu quizera  
Que o seu amor,  
Fosse visivel  
Ao seu Cantor.  
Embora digão  
Que está mal feito,  
Porem com tudo  
Guardo-o no peito.  
Nem eu desejo  
Que mais ninguem  
Te aperfeiçoe  
Meu caro bom.  
Pois se o pincel  
Não foi bastante,  
Sei contemplar-te  
Oh! minha amante.  
Agora quero  
Tua ternura  
Para cortar  
A formozura,  
Não mais exijo  
Em recompensa,  
Do que gozar  
Tua presença.  
E que teus olhos  
Comigo falle,  
Que no seu peito  
Amor te abale.

J. R.

MOTTE.

*As amigas verdadeiras.*

Entre as moças mais notáveis  
Eu julgo ser as primeiras  
As que sabem ser amantes  
*As amigas verdadeiras.*  
Fuja muito dos velhacos,  
Das ligidas embusteiras;  
São dignas dos meus afectos  
*As amigas verdadeiras.*  
As belas moças d'Europa  
Serão mimosas, faceiras;  
Mas no Brasil são divinhas  
*As amigas verdadeiras.*  
A mõr parte das mulheres  
São grárias pechincheiras;  
Boas poneas são como dizem,  
*As amigas verdadeiras!*...

Não são essas do que eu falo  
*As amigas verdadeiras.*  
Ae sinalo, vista alegro,  
Boa moda belas maneras,  
São qualidades que adorau  
*As amigas verdadeiras.*  
Boas mães boas esposas  
São de certo na brasilera,  
N'ella temos facilmente  
*As amigas verdadeiras.*  
Vou parar, que repito-me  
O ataque das coseitas;  
Não quero mais pôr em glosa  
*As amigas verdadeiras.*

A' uiva soberba.

Porque é que me diademha?  
Por teres uns meigos olhos  
Que tanto gosto de vêlos?  
Por teres um rosto lindo?...

Porque tens labios sorrindo  
Devoissão tanta belleza?  
Por me ver-s com tanta  
Amar-te, sempre, o muito?

Porque me veis tã  
Gostar d'essa cõr  
D'essa fronte tão  
Com que vencez...

Por seres todas  
Te mostras tão  
Oh! seres mais formosa  
Se não fosseis presunida.

Essa belleza é singida  
Que te empresta a beleza,  
Augmentando-te a idade  
Marcharás ob linda flor.

RICARDO.

CHARADAS.

1. a  
Toma a metada de um Deos;  
Tira o bõi o mais pesado;  
O nome achares de um rio  
Aqui muito frequentado.

2. a  
Sou uma fructa gostosa,  
Da mousie uma figura;  
Sendo um animal amphibio  
Do terrivel catadura.

3. a  
Sou do mundo grande parte,  
Meu nome a todos oculta;  
Sou alma de um animal  
Nascida na Africa suíta.

Sig. do Logogripho do n.º antec-

dente — E. A. S.

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RESENHATIVA

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será  
Heide os vicios abater—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre modo detesto Sem das missa da docencia  
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

## A MARMOTA.

### O que é um baile?

É um pedaço da noite que cada pessoa, que a elle vai, passa com diferente modo de sentir.

Vamos porém entrar por esse pedaço de noite a dentro; vamos a um baile; vamos ver o que n'ele se passa, para vermos nelle o que sente cada um que ali vai.

Logo que se annuncia o baile, os socios, que pela maior parte são moços solteiros, entram a casa das famílias conhecidas a pedir, instar que lhes queiram honrar o seu dia com suas agradáveis presenças: os velhos fazem-se rogados pretextando uma imensiude de motivos porque, em sim, o baile sempre vai trazer alguma despeçinha para as meninas; mas os rapazes atirando-se aos pés destas, imploram por aquelles que elles amam mais, e as meninas, como se lhes tocou na tecla, vão já fazendo suas tenções, e os paesinhos não tem remedio senão anuir; porque, em sim, são meninas.

Ahi começam elles a apromtarem-se, e são poucas as negras e os moleques para irem comprar tantas cousas que se precisa, por mais que o cartão de convite diga que é expressamente prohibido armamento de luxo ou de maior preço. Isto vai assim desde a ultima inte a penultima, como diz a carta do Tio Antonio.

Chega-se ao dia desejado, é todo consagrado áquelle importante objecto; não ha tempo para correr, nem ha fome, nem se come para não engrossar muito a cintura, chega a noite, e lá se encaminham para o salão.

Quanto mais se aproxima, mais cresce a ansia de chegar; todas levam em mente a cada qual maiores aventuras; entram e cresce a satisfação ao presencinarem o gosto, a boa ordem, o cuidado e zelo que observam em tudo. Encaminham-se as senhoras para o quarto da dona da casa, e augumenta-se o prazer ao verem

tão bem dispostas tantas cousas quantas lhes possam ser precisas.

Por ora não necessita-se de coisa alguma, e lá sahe tudo para o salão. Agora, aqui permita-se-nos que o digamos, parece-nos aquillo a modo de uma exposição!... mas não pode ser de outra maneira.

Está tudo á vista: velhos e velhas, moços e moças, tudo neste momento enche a sala. As velhas sentam-se pelos cantos, os velhos falam bem por ali, de qualquer maneira; em quanto os moços passeiam aos dous, aos tres a consultarem sobre qual é das moças a mais bonita. Cada um lá deitou as suas vistos, e separaram-se para tomarem pares.

Deixemol-os nos seus empenhos, e atelemos um pouco para aquelles que dizem:—ai meu tempo!... Aquellas que já vão muito pelo inverno dentro ainda se consolam, porque já estão desenganadas; mas algumas que ainda vão pelo verão, ainda que com állas já com filhos, não cedem a sua vez a ninguém; e esperam, esperam, e tornam a esperar, e nunca chega nuna almasinha perdida, ou, como ellas dizem, se ella lá chega, um moço muito agradável, muito bem educado que as tire para par.

O baile a estas não agrada muito, e quando se vai ali pela terceira contradança, se ainda não dançaram, dizem logo:—Vamos-nos embora, minhas filhas.—E não ha fivelhas a parar.

Os velhos, esses sabem bem o que são filhas, e para as consolar, ainda que preciso fosse estarem toda a noite ali a ferros, de bom grado o fariam, porque isso algum dia se havia de acabar....

As moças feias, momente se os rapazes não são muitos (coitadinhos!) desesperam; vingam-se então em esconder-se p'los cantos, em quanto as outras dançam, para que ninguém saiba que elles não dançaram. Mas lá chega um dia de chuva, que é o dia das férias, então, como ha poucas férias, se lá, e elles também tiram o seu ventre da casa. Mas ainda assim, ahi

infelizes!... em quanto se dançã ainda elles tem um cavalheiro; mas em quanto se dançã só pensa esto que a quadrilha está levando muito tempo e mal acaba—vai a senhora para seu lugar.—Ora, é verdade que nas occasões de carrestia as feias são as que fazem-se rogadas, passam até a ser grosseiras; e por isso então fica uma cousa pela outra. As moças feias fazem-se sempre mais notaveis do que as bonitas; por exemplo: são mais escarminhas; quando passam por alguma parte em que ha moços, viram a cara para a banda; nunca acham moça que lhes agrade; nunca querem casar, &c., e tudo isso as torna mais notadas.

Quanto ás bonitas, as rainhas das assembléas, essas então a maior parte dos cavalheiros regalam-se e falam-se; mas é de vel-as ao lado de outros que, como elles, se tivessem a ventura de as alcançar para uma quadrilha, por sua vontade mais as não deixariam.

Quando estas aparecem, o primeiro que lhes põe a vista em cima corre logo a ellas: lá está uma que é vaidosa, e quando o cavalheiro, chegando á sua frente e fazendo a sua inclinação lhe diz: V. Exc.... etc.; ella, se lhe agradou, para se encarecer, diz que já tem tres pares para a que elle pede; mas se elle chegar primeiro... Porem isto era de o fazer passar

uma muita cabeças de honra que acima dos homens, e ahi fica o sujeitinho de sentinella, como o perdigueiro a abocar ao primeiro signal. Se não lhe agrada porém o cavalheiro, a menina dá a resposta que todas elles tem mais prompta:—Já tenho para todas—, desengano que para una das mais doces esperanças é fatalissimo.

Lá vem porem, como aqui para o fim d'este artigo, o melhor d'esta suncção: são aquellas moçinhas a quem não se faz favor nenhum, nem se lhes dá nada mais em se lhes chamar—Anjos.

Dizem que os semelhantes se atrahem; não sei se assim é; mas ás vezes assim bem o parece.

Olham-se, e no mesmo momento parece que ha um oer occulto quo ao toca. Chegam-se, como que sein querer; fallam-se, como que insensivelmente; para elles não ha falsos pretextos, nem palavras fingidas: procedem naturalmente. Dirige-se o cavalheiro, pede com simplicidade natural uma contradançã, ella com a mesma franquesa lh'a concede; chega-se a occasião, voltam-se na roda, e não sei quo ha nestas alminhas que, em quanto juntas, tudo n'ellas é a prazimento. Vouam as cinco contradanças, neabam, e este par não tem vontade de separar-se; toca-se outra quadrilha, e já agora ficam para dançar mais esta. Acabam o baile, e, ou por tráthas ou por malhas, o cavalheiro soube a que família pertencia aquella moça, e onde mora; já não pôde passar um dia sem que

a veja ou lhe passe pela porta. Está para haver outro baile; mas entre elle ainda se collocam não sei quantos mil seculos, e o mancobo receia até que morra antes que elle chegue. Chega a final, e é de suppor quais serão os cuidados de ambos! É uma das maiores bemaventuranças d'esta vida o avistarem-se!... Como que se abrissem diante de ambos de par em par as portas do céo!... Parecem-lhes acharem-se em um Paraíso!...

Diga este par o que é um baile!...

### SONETO.

Adeos cara Marilia!—Inda aqui vem?  
Sim, porque quiz te ver.... Quem o chamou?  
Como estás raiosa!—Muito estou.  
Mas eu não te fiz mal—Nem me fez bem.  
Cruel! Quanto és amada!—Mas por quem?  
Por mim, séra, por mim.—Quem o mandou?  
Porem és tão ingrata!—Pouco o sou.  
Tal não devera ser—E isso que tem?  
Tú fazes-me infeliz—A culpa é sua.  
Não tens temores disso?—Não me importa.  
Marilia isso é verdade?—Nua e crua!  
Meu Deus! que triste vida—Vai bem torta!  
Vou-me embora, Marilia? E' franca a ria.  
Adeos perfida, ingrata!—Encoste a porta.

X. Y. Z.

### Devagaçãõ.

Feliz quem amor sentir não sabe  
Porque tarde ou nunca tem desgosto,  
Encara sempre o mundo com despresso  
E traz consigo sempre alegre rosto.  
Mas tal não me acontece que gemendo  
Por amar uma mulher que me foi falsa.  
Traidora, fementida, até ingrata,  
Me faz hoje sofrer tanta desgraça.  
Porem quem foi disto culpado,  
Para que lhe declarei o meu amor  
Thesouro precioso dos humanos  
Que deve ser tratado sem rigor.  
Loucura foi minha em entregar-lhe  
Porque não procurei eu indagar  
Se tinha qualidades que podesse  
Um terno coração se lhe offeriar.  
Mas quo valem pesquisas quando amor  
Se entraña de regente no mortal,  
Expulso jamais pode o peito humano  
Sair, embora que dahi parte seu

M. A.

### O Carnaval

Meninas de grande e  
Eu o tempo do carnaval

Esta quadra minhas belas,  
E' mui bella para tudo!  
Os amantes se desfazão  
Dos gostosas aperturas;  
Hei-a sus, oh! nacionados  
Bahi da vda esse luxo.

Brincai sim, que o tempo é proprio  
Mas guardai sempre o decoro,  
Pois abusos semelhantes  
Entre nos en já deploro.

Homens ha tão atrevidos  
Que n'essas occasioes,  
Chogão ter a ouzadin  
De insectarem beliscões...

Meninas, se algum sujeito  
Praticar d'esta maneira,  
Esse entrudo não é bem  
Deixai d'esa brincadeira.

Conseguem as tapiocas,  
As cheirosoas cubacinhazas,  
Azétru, mel vermelhão  
Mais sentido nas unquinhas!

Le um beijo... poisa eer  
No rapaz que é da astigação,  
Porem isto não se veja  
Seja dado em confusão.

E deusas, ah! vem chegando  
O tempo de confessar;  
Vede lá voossos peccados,  
Vede lá voossos brincar!

Seja licito o brinquedo  
Que é bem boni, é divertido,  
Mesmo em peças bem pregadas  
Ri-se a gente, do cahido:

O papel mui bem prendo  
Entre o corpo e a camisa,  
Encostando-lá — hei-a sus  
No brinquedo se precisa.

Bolhas gominas no chapéu  
São que o dono isto perceba,  
Quando for pôr na caueça,  
Faz que o riso se concreba.

Os filhós de algodão  
Sendo mui bem temperados  
Ofereci aos conhecidos  
Que sahirão todos lugrados.

No beijo do copo d'água  
Se esnagares a pimenta,  
Oh! que peça bem pregada!  
O sujeito se esfugiu.

Porem eu, que tudo sei  
A cerca da brinadeira,  
Estou livre do cahido  
Em qualque da ratoeria.

Lado ugata isto verinho  
Depois de lido haver tudo;  
Ea nos versos unibem sei  
Fazer peças do entrudo.

Autel em fundo verde

No peito do meu amor.  
Que ficou toda ensardada  
Sem querer fazer as peças!  
All nil all cahid! enhiol bravol bravol!  
Que tal foi a pessoa?  
Cumprí e'a promessa;  
Consinta-me agora  
Que eu já me dispeçá.

### MOTTE

Lembranças de uma paixão.

#### GLOZA.

Oh! tempo que tudo mudeas  
Que opprimes o coração,  
Porque não ricas do peito  
Lembranças de uma paixão!...

Sim, uma ingrata adorei  
Pura enusar-me utilição!  
E tu não podes findar  
Lembranças de uma paixão!...

Apaga disto meu peito  
Sau osa recordação!...  
Faze com qui se os queçam  
Lembranças de uma paixão!...

Uma lembrança me afflige,  
Lembranças da ingratidão!...  
Tô sonhando me atraumento  
Lembranças de uma paixão!

Ah! meu lido, tu que adverso  
Me roubaste o coração,  
Porque também me não roubas  
Lembranças de uma paixão?...

Foge, para sempre, foge  
(Oh! cruel recordação)!...  
Eu detesto até da ingrata  
Lembranças de uma paixão!

Assim vivo eu illudido  
Pobre do meu coração!...  
Causam-me angustias de morte  
Lembranças de uma paixão!

Adeus, filha amante, adeus!...  
Eterna separação  
Huide apagar-me de todo  
Lembranças de uma paixão.

M. P. F. J.

#### NOTA DA REAÇÃO.

— Perdõe nos o Sr. correspondente, que nonen estivemos mais apaixonados do que agora; nonca mais vivas entia

As lembranças da paixão.

Si aborrece essa ingrata; porque lhe diz ainda adeus?... Deixa-a hirto ento, deixa-a ento a ento, que é o unico meio de extinguir em seu peito

As lembranças da paixão  
Pobre moça... talvez que tem

fel e constante receber estes vermos  
em troca de sacrifícios que trahia feito!... Ha homens tão injustos!...  
Cotia a Marmota é conciliadora; lá  
vão também glorificadas

Lembranças de uma paixão!

Quem ama spera e quer  
De hym ou devo união,  
Não pede ao tempo que apague  
Lembranças de uma paixão.

Quem promete a muitas bellas  
Vozes do seu coração,  
E' que dista de muitas vezes  
Lembranças de uma paixão.

D'uma, recche-se um beijo,  
D'outro, um aperto da mão;  
Com isto se neutralizam  
Lembranças de uma paixão.

Apenas por moça nova  
Tom-se nova inclinação;  
Destroem-se as existências  
Lembranças de uma paixão.

Como os homens sobre amores  
Mais ou menos assim são;  
Por isso nunca conservam  
Lembranças de uma paixão.

AOS OLHOS DELLA...

Que olhos, ah! céos, qu'eu vi,  
Que olhos tão sorteados!

São olhos, são olhos d'ella,  
São olhos os mais fagueiros  
Que olhos!... São de rebimba,  
Que olhos!... de beija-flor;

São olhos que ainda não vi,  
Olhos qu'exprimem amor,  
Que olhos pardos, e belicos  
Que encantam meiga paixão,

São olhos de essa virgem,  
São olhos do coração,  
Que volver tão bonitaco,  
Que tremida da cordura!

São olhos, que quando vi  
Morio liquer de treurna,  
Que olhos!... visto de lado!...  
Que olhos!... que os gozaria!...

São olhos de fada amiga,  
São olhos... quem os tocrai!  
Que olhos tão luz... os.  
Que o hor qu'eu... o vi!...

São olhos d'uma Rosella,  
São olhos por quem morri!

L. J.

### MOTTE

Amar de cravo faz malha  
Pregão desto é de apagão

01.02.4

Amar de velha é entredo,  
De austuto é de apagão,

4  
Amor do gato arranhão,  
Amor de frade faz medo.  
Amor de moça é brinquedo,  
De soldado é cassuada,  
Amor do tollo é pancada,  
De poeta é fingimento,  
Amor de doudo é tormento  
*Fijo delle a desfilada.*

## MOTTE

*E das moças ciumentas,  
E hypocrita, ansoncira.*

## GLOZA.

Mulher velha é rabugenta,  
E' beata, é santarrona,  
E' coruja, é feiarrona,  
*E das moças ciumentas.*  
Toma ajuda de pimenta,  
Traz seringa n'algibeira,  
E' bruxa, e é feiticeira,  
E' cascada, e é cibica,  
E' pascassa, como moca,  
*E hypocrita, ansoncira.*

J. A.

## QUEM DIZ SEI, DIZ QUE SIM.

Quem d'isso eu quero um beijo,  
Quem d'isso eu quero um beijo,  
Tens medo de dar-me um beijo?  
Um beijo só não faz mal.  
D'aquelle, que hontem me deste,  
Gostei tanto!... oh! se gostei!...  
O que nós ambos sentimos...  
Nem tu sabes, nem eu sei!  
Tu cornaste?... isso é verdade;  
Dize lá? Tambem corei:  
Não respondes?... és maldosa...  
Não fui eu que te ensinei.  
Quando teus labios, tão meigos,  
Eu senti nos meus roçar...  
Que emoção terna e suave  
Fez de amor meu peito arfar!...  
Descrevert'a eu desejara,  
E não posso tal fazer;  
Mas dando-te outro beijinho  
Poderás comprehender?  
? Queres fazer a experiençin,  
Cara Joaquinha, meu amor?  
Falla?... dize... anda depressa;  
Não tens de que ter temor.  
Não sei, me dizes!... o a furto  
Olhas, Joaquinha, p'ra mim?...  
Ah!... comprehendo o teu mysterio:  
*Quem diz não sei, diz que sim!*

## LIVRE-NOS DEOS!....

De homem que mente sem necessidade.  
De esposa infiel, ciumenta, ou desregrada.  
De menino malcreudo.  
De medico a quem é indiferente a sorte do enfermo.  
De taverneiros que compram furtos aos escravos.  
De mulher má, morando na vizinhança.  
De naimorada esperta, que não tem zelos do amante.  
De mulher com falla de homem.  
De quem falla muito em honra, e chora, por qualquer cousa.  
De velha mexiriqueira em casa de familia.

## CHARADAS.

Dá-me a existencia a dor, a pena, e custo;  
Mas me apura quem mais me mortifica;  
Tenho uso nas mecas delicadas,  
E também sou remedio na botica.

Fructo mimoso de flexivel vora;  
Campo em que espalha seus thêcos;  
Faz perder ao incauto navegante  
Muitas vezes co'a vida os seus lauvores.

Na escoria meu principio começou;  
Neutra ao ferro, pois nada d'ello quero;  
Nas nôas, fragatas e brigues sempre estou,  
E, como específico, o efeito l'assevero.

Se eu não fôra na embarcação,  
O mar a ivadira até o porão.

Sou fluido insípido e transparente,  
Que da terra oriunda o nome tenho;  
Não sou eu nem elle; mas em frente,  
O segundo entre os doua eu sempre venho.  
Se não puderem na musica m'encontrar,  
Lembra-to que sou adverbio do lugar.  
Instrumento eu sou de botica,  
Que de marfim ou pau se fabrica.

Brilhando o acto em scena,  
Assim s'exprimo o espectador.  
Em mim. Ceres off'rece ao lavrador  
O resultado de colheita amena.  
Pela policia sendo encontrado,  
Sou preso, e desde logo atado.

Em esquina e esboço só eu moro.—  
Em mim vem residir inuito mortal.  
Sem o que não verá o Deus que adoro,  
Inda que m'ache no solo da coral.  
Sou de—lata,—e (não sou de direito),  
O instrumento que o pôlio agitou

A sig. das Charadas dão a antecedente — a 1.º En-  
canga — a 2.º Jacaré — a 3.º Marfim.  
Maranhão Typ. da Temperança — 1881.

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITERARIA, E REPRODUTIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ribeiro, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 réis por 9 números, pagos à entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre modo disto Sem das raias da decencia  
Tudo quanto é salteado. Um só posto discripar.

## A MARMOTA.

### A Perfeição.

Esta palavra que na lingua portugueza quer dizer exactidão, limite do apuro, extremo do bom gosto, e ultimo toque da mão da graça, não pode jamais ser aplicada senão ás obras materiaes quanto aos objectos do mundo; e quanto aos homens ou creaturas em geral só se pode encontrar a perfeição, e essa ainda assim inexacta, na parte moral, e unica na parte physica dos viventes; porque este bom bocado reservou Deos para si, o que vemos claramente se observarinos com apurada analyse qualquer pessoa; e n'esta mesma occasião cada um que lê este artigo considere bem em si mesmo que se convencerá desta verdade notando as faltas de perfeição ou defeitos que tem no seu corpo; as pessoas vaidosas, principalmente certas mulheres tolas que se tem em conta de bellezas perfeitas não faz conta esta opinião; porém examinemos de perto essas vaidades que havemos encontrar defeitos enormes escondidos no colorido dos ornatos e no solhado dos postigos; e quantas andam por ahi nas salas parecendo muito bonitinhos na cara, e entretanto, uma tem o umbigo estufado, outra uma sorda antiga na perna, esta um xulézinho nos pés que incomoda as camaradas, ou certa morrinhasinha de não lavarem bem o corpinho, ás vezes engracado e digno de melhor aceio, &c., &c.? E por tanto, n'este caso, contentemo-nos de conseguir uma perfeição ao menos approximada na parte moral; mas, nem essa podemos por desgraça nossa e facilidade do tempo gozar, porque tudo n'este seculo anda em abreviaturas, tudo é fantasmagorico e quasi nada de realidade; e como pois teremos uma verdadeira civilisação se tudo marcha para o atraço em vez de seguir para o adiantamento da perfeição!

Dos homens que no publico representam, n'agos lugares de importancia, bem poucos são

os que se podem chamar perfeitos, porque uns são imperfeitos na probidade e honesta de seu cargo, e outros são imperfeitissimos na intelligença do seu serviço; e quanto é prejudicial á sociedade ter-se homens esqupidos, ou velhacos?!

E já que o homem não pode ser habil em muitas cousas, o seja ao menos em uma só, que assim estariam os felizes, desempenhando cada um os prabalhos de sua repartição ou incumbencia: bem poucos são os que no tempo presente, entre nós, merecem o nome de—absolutos;—este termo italiano assás expressivo, que quer dizer—completo ou perfeito,—e este mal é procedido de que na época actual não se preparam os homens para os fins que se quer, como, por exemplo, o nosso lavrador em vez de mandar o filho estudar laboura, manda estudar mathematicas; o negociante que deve criar o filho estudando o commercio, e praticando, para que esteja habilitado quando herdar o seu escriptorio ou armazém, manda-o estudar philosophias; e por esta forma só temos homens improprios dos lugares que ocupam, e é sem duvida a idéa mais triste que se pode dar de um individuo—dizer-se que elle não sabe do seu officio; porque, se não presta n'elle não pode ter o credito de fazer boas obras, e ganhar a palha de *absoluto*. Ah! e quanto é bello, quanto é estimavel, util e brillante o cidadão que é completo n'aquelle lugar que exerce! Então vale o homem mais do que na realidade é: e bem se pode afirmar que um vigario, ou mesmo um simples padre, que seja bom padre, vale mais que um máo bispo, um bom carapina vale mais que um máo ourives; n'ultimo exemplo que citamos, as officinas entre nós tem retrogradado, principalmente algumas, como sejam a de mateineiro, &c., &c., porque os de hoje não executam as obras que nossos antepassados fizeram, e tudo assim vai para diante; até as casas são mal edificadas, o que se observa na fraqueza dos soalhos que hoje em dia não ha sala de casa nova que o soalho não estremeça quando se anda.

Os antigos conseguiam tudo perfeito porque

Além disto, actualmente a mania é cada um quem se tornar universal, o que é impossível; porque já ser forte ou perfeito n'um só ramo é estioso, e isto se vê em todas as classes, por exemplo, homens que querem ser todos iguais, pregadores publicos, bispos e curas de Irmandades, directores de sociedades, officiaes de guarnição, e finalmente quem em vir do salão temperar quanta panella ha, acreditando se fia não prestar elle para nada, porque tantos egos procura que não pôde dar conta d'elles. Também é moda na educação das moças ensinar-se umas trintas mil cousas para elles saarem quatro palavras de cada uma, sem ter oio de perfeição em uma só; e a propósito d'inos, que é tão bella a perfeição, que ha poucas dias ouvimos em uma casa uma moça perita pianista tocar a polka com tal graça que atraeu a atenção de todos, e sendo uma excepção de pouca dificuldade, ella brilhou por causa perfeição e bono gosto com que se desenvolveu; assim seria bono que todas cuidassem de primar n'um só ponto, e não como acontece que aprendem tudo para nada saberem perfeitamente; e que os homens perfeitos considerem as suas da Marca com graça.

São homens que fazem dez mil maravilhas;  
São homens tão ratos no tempo presente,  
Que fazem a todos pâsmar de repente.  
E com este artigo—regale-se a gente.

E com este artigo—regale-se a gente.

## ROMANCE.

Era noite de horrivel pensar,  
Toda a terra em silencio jazia,  
Eu só, triste, velava no mar.  
Que a paixão de minha alma exprimia.

Minha sorte constante cumpria,  
E no fado tyramo pensava.  
Em sônhio nas aguas me via  
Esperando a quem tanto adorava!

Longas horas se tinham passado,  
E já triste somente chorava !  
Eis que chega com passos mui lentos,  
Caro bem por quem tanto esperava !

Porque tardas cruel? quando vens  
Dar alivio a quem tanto pensava!!  
— "Não maldigas, ingrato, diz ella,  
Que eu juntaria ao concurso faltava.

18. *Leucosia* *leucostoma* *Leucosia* *leucostoma* *Leucosia* *leucostoma*

Non erimes que tanto te adorar,  
Por a causa sómente um engano.

Horas mortas já eram no bairro,  
Eu sómente a viagem emprehendia,  
Eis que acorda mamãe assustada,  
E, gritando, chamou-me—Sophia !

Caminho tomei do meu leito,  
E singindo que estava dormindo:  
Ela chega, e me veudo deitada:  
Ela dorme (ussem fala), sahindo.

Mas apenas no leito deixou-me,  
Em viagem me torna outra vez,  
O Caminho procuro mais perto.  
Que natureza sômente nos fez.

E partindo, qual louva por ti.  
Pelas brechas me fui entranhando,  
Como as horas se tinham passado,  
Vinha triste, de ti me lembrando !

Do caminho perdendo o seu trilho,  
No deserto fiquei sem destino,  
Louca aflieta reclamo socorro;  
Apparece-me um astro divino !

Tão garboso seu dia mostrando,  
Tão formoso meus olhos o viam.  
Tão brilhante, que em luz excede  
Seus iguaes que nos céos existem.

Mergulhado, não vés, n'esse monte,  
Como surge pomposo e altivo !  
Como gyra e percorre os espasos  
Esse astro, com fogo tão vivo ?

Foi o guia que trouxe-me aqui.  
Esse astro que vés tão brilhante;  
Adoremos, porque tão somente  
Me guiou onde estavas amante.

Inda queres, cruel, criminar-me?  
Inda dizes que muito tardei?  
Não tens pena? Vê quantos tormentos  
Um semente por ver-te passar!

Mas agora, que livres estamos,  
Dos perigos que a noite trazia,  
Só nos pôde talvez perturbar  
Bella aurora no trazer-nos o dia! —

— "Sim devemos já tudo a pagar,  
Minha bella, pois estamos ligados;  
O passado lanceemos de parte,  
E lembremos que somos amados.

Nossos votos ergamos aos céus,  
Pela dura que faz-nos gozar;  
E julgemos que sempre com-nos,  
Nesse amor jazendo, nos todar!

### **Amietia juncea (Gmelin) subidae**

Sempre firme serei em te amar!  
Até quando a vil parca tyranna  
Nossos corpos quizer separar!!

Não maldigas a sorte que tenha,  
Não maldigas meu triste viver.  
Sê constante não temas desgraças,  
Que eu constante comigo hei de ser.

Sacrifícios da Bella que adora  
Fido amante não sabe esquecer:  
Quanto fazes por mim verdes,  
O proverbio---Querer é Poder---

Si entre os homens haja homens ingratos,  
De corrupto, infiel coração:  
Tú comigo serás venturosa,  
Que o teu premio será ~~o~~ minha mão.

M. A. B.

## SONETO.

A uma mulher perjura.

## MOTTE.

Mulher casta e fiel, pura e constante.

Mulher, dize---porque foste perjura  
Aos sacros juramentos que fazias  
Nessas horas de amar, em que dizias  
Qu'eu só era teu bem, tua ventura!...

Não recordas, mulher, aquella jura  
Que então fizeste ao céo quando singrias,  
Que de amor fido e casto só sentias  
Atear-se em teu peito a chama pura!...

Oh! falsa! oh! fementida!... quem pensara  
Ingrata ver-te um dia ao peito amante,  
Que tenro amor constante te voltara!...

Adeos, impia, perjura!... N'este instante  
Quiz o céo ostentar-me ser mui rara  
Mulher casta e fiel, pura e constante.

M.

A'os olhos mais bregeiros, e gaiatos que toho visto.

Esses olhos me maltratão  
E me matão  
Em um singello volver;  
São olhos que só de os vê---  
Me arrebataão  
Me arrebataão sem querer,  
Olhos do tanta poesia  
De magia,  
Quem os vê não se intristece;  
E d'elles, nunca me esquece  
C'õ alegria,  
D'esses olhos, que enlouquece.  
Vélos ternos exsitando

Convidando...  
Tão jocosos à sorris...  
Quem pode d'elles fugir  
Insistir,  
A' esses olhos brincando?  
São elles qual dous brilhantes  
Diamantes,  
Engastados n'uma flor:  
Têm elles tanto pudor  
Tanto amor  
Tanto amor esses infantes.  
Esses olhos me maltratão  
E me matão.  
Com tal força e tal pudor...  
Que perdi todo o querer  
De viver,  
Sem esses olhos que matão.

RICARDO.

## MOTTE.

Que lucros tira quem ama.

## GLOZA.

Na rua, feito um busão,  
Estava eu embebido  
Vendo só um bem querido  
A quem dei meu coração;  
Mas levo tal encontrão  
Que vou-me esbarre na lama,  
Inda mais, a minha dama  
Se pôs a rir por me ver:  
Pergunto, e quero saber,  
Que lucros tira quem ama?!

J. M. S. J.

## Os Cabellos.

Mimosas madeixas  
Tão pretas que são,  
Qual d'ebano fios...  
E' forte prisão  
São elles que prendem  
O meu coração.  
São mimos de amor  
Aquellos cabellos,  
Que alli se deslisão  
Aflagos tão bellos  
Que a todo o instante  
Men bem quero vel'os.  
Foi n'esses cabellos  
Que vi simpathia,  
São elles quem gérão  
Amar, e magia  
São elles feitiços  
De candida Armia.  
Parceem azoricho

N'côr que elles teem,  
São lindos caxilhos  
Mimosos, do bem.  
Como esses oh ! Bella,  
Não vi de ninguem.  
RICARDO.

Epigrammas.

De varas fiz n'na cruz  
Sendo a base um grande couso,  
Trajei com rico vestido  
Que ficou-lhe todo souso.  
Mas quo importa ? com cautela----  
Arranjei-lhe a perfeição,  
Metendo d'aqui, d'allí----  
Bocados de algodão.  
Depois de prompta, se visses----  
Derieis,—que linda moça !  
E'ra por fora,—perfeita,—  
Por dentro,—toda éra ouca !  
RICARDO.

Aquelle rapaz mui feio,  
Anda sempre a namorar;  
Naô sabe ler e nem tem  
Canisa para mudar.  
Quem importa lá essas coisas?  
Amanha n'um violão?  
Canta e dança, embora mal,  
E tem nisso presumpção.

As moças, que naô distinguem  
As boas letras das tretas,  
O amam, inda mais porque  
Prega petas, faz caretas.

J. R da R. A.

COUSAS QUE CAUSAM GRANDE DESPERO.

Ao negociante.

Vencer-se uma letra no dia em que elle naô tem  
o dinheiro na gaveta.

Mandar caixeteiro furar, e este demorar-se na rua.

Saber que o socio tem moça, ou perde a noitas a  
jogar.

Brigar com vizinho, e este, por birra, vender os  
generos mais baratos.

Aos namorados.

Pilhar a amanta em namoro, ou saber que ella se  
corresponde com outro.

Ter a namorada n'um baile, e não ser para elle  
convidado.

Dar um presentz do gosto, e vol-o depois em po-  
der de um rival.

Estar brigado com a bella, e vol-a muito a seu  
gosto rindo com os convidados.

Adivinhações.

O nome do meu querido  
Começa por letra *P* ;  
Mas tambem n'elle ha um *C*  
Em certo lugar mettido.  
Sem ficar muito escondido  
Um *D* se lhe encontrará.  
Um *E* porém nunca um *A* ,  
Apezar de ter um *O* ;  
Com *I. N. U.* e *R. s6.*  
Prompto o leitor o verá.

OUTRA.

Por um *A* principio tem  
De pessoa um bello nome ;  
Porém o que me consome  
E' ter elle um *I* tambem !  
Dous *DD* lhe dizem mui bem ,  
Pois bem lhe diz outro *A* ;  
Completo inda não está ;  
Mas com dous *EE*, separados ,  
E um *L*, dos meus peccados ,  
Completo então ficará !

CHARADAS.

1.

Sem mim poetas não ha,—  
Christão sem mim naô existe ;  
Umas vezes sou alegre,  
E sou outras vezes triste.

2.

Das aguas produzido e desprezado—  
A um tempo naô existe e é vivente.—  
Sendo na estação fria abandonada,  
Uso frequente tem na estação quente

3.

Minha falta suprir o homem pode.—  
A minha pode só o Omnipotente :—  
Dizem que viagei de muito longe  
E gosto me acham todos excellente.

4

No ministro sou um crime,—  
Faço o homem respeitavel :—  
Em todo a humanidade  
Sou um vicio detestavel.

5

Sou o abrigo dos homens.—  
Sou o flagello do gato :—  
Nunca digo de direito  
E sempre digo de fato.

Significaçao das charadas do n. anterior  
a 1.º *Aipo*, a 2.º *Cachoeira*, a 3.º *Fiscos*,  
a 4.º *Spatula*, a 5.º *Capoeira*. 16.º *Fisc*

# A MARHOTA MARANHENSE.

POEMA MARANHÃO, DE MARANHÃO.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Tempestade do Sr. M. P. Rios, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos à entrega do 2º numero, folhas avulsas 60 reis.

## A MARHOTA.

### A CURIOSIDADE.

Assim como os homens tem molestias privativas que soffrem por causa dos seus vicios ou maus habitos, assim tambem as mulheres mal educadas tem a sina do outras ; ao menos prejudiciaes ; e como nessa occasião tratamos das molestias ou zchaques moraes, é de advertir que o peior d'elles, no sexo feminino, é a *curiosidade*, doença agudissima que ataca o pensamento por tal forma que o doente não se pode ocupar de mais nada ; apparece-lhe uma sêde indagativa, continua um desejo penetrante, violento, e anseias inmortais de saber tudo quanto ha ; o doente de curiosidade não admitté demoras, deseja umas vezes transformar-se em passaro para voar, e ir aonde quer, e outras vezes em pulgas para se escorregar e entrar nos lugares mais escondidos.

As beatas de mulheres de mantilhas são as mais curiosas que existem sobre a terra ; elles procuram varios motivos para nutrirem a sua infinita curiosidade ; umas, entrando nas casas para oferecerem rendas e costuras para se comprarem ; outras, levando recados e noticias de casamentos e novidades que tem apparecido na vizinhança ; e as seculharias donas das casas, que muitas tambem são curiosas, recebem essa gente com todo o agrado, convidam logo as inex-riqueiras para passarem o dia, se com o fim de ouvirem as noticias que a maior parte das vezes são mentirosas ; outras ha, das tais *visitantes*, que estando em uma sala, e desejando entrar pelo interior da casa, para bisbilhotarem o que se passa, inventam uma dor de curvar para ver se lhe mandam entrar ate o quintal ; e chega a tal ponto o prazer que sentem as tais senhoras em nutrir a curiosidade, e depois contam o que viram, que ate no confessional vao dar noticia de tudo aos padres quando se confessam.

Minha linguagem será *honesto* ou *vizinho* abater — A linguagem da verdade, A virtude honra exaltar, Pois sobre molo detesto Sem das raias da decencia Tudo quanto é falsidate. Um só ponto discrepar.

Em summa, uma d'essas mandrinas quando vai a uma casa de fumilia équivalente a uma importante gazeta que traz avisos e correspondencias de tudo quanto se passa na cidade, e até dentro das casas : as tais abelhas introduzem-se por todos os cantos e lugares ; são iguanas ás baratas, que por mais que se enxotem de casa, sempre apparecem : o officio da mulher embuseteira é servir de correio de amor, trazer novidades ás casas, e assistir as festas de igreja, e abis são ellas infallíveis, a ponto de vereem no mesmo dia duas e tres festas.

Contudo, tornando á curiosidade, ella é util à sociedade, e a qualquer individuo em particular, quando é bem entendida, e aplicada a utilitários : como por exemplo: a curiosidade do homem esquisito augmenta e esclarece as sciencias ; a curiosidade do chimico descobre lindas operações ; a curiosidade do artista melhora e ahrevia a factura das obras, e por isso a curiosidade tambem se entende como amor ao bello e à perfeição, o que vemos em rapazes que por ahi existem tocando muito bem instrumentos, só por curiosidade, sem saberem uma só nota da musica.

## CONVERSA

*Da Xiguinha, e sua mãe Joaquina.*

*J.* Quero saber quando é que o Sr. Hernesto pretendo concluir este casamento que lhe prometteu ?

*X.* Minha mãe, Vane, não tem mais interesse do que eu, pois que eu sempre pertenço a Hernesto — quando é este dia tão desejado para mim, porquinha sabe o que ello me traz de prazer ! não tenha pressa, memória, e dia ha de chegar.

*J.* Esta é a resposta — dia ha de chegar, o dia ha de chegar e nunca chegar ha que anhos que vem aquelle brinquedo da minha esmola.

*X.* Não diga essas paradas tuas, não chame Hernesto brinquedo, pois elle é um rapaz da sua familia e tem palavras.

J. Esta palavra he de chegar, ha de chegar, e disso não passa; que me importa que elle seja de sua família so elle é um resinado malandro! por certo que se elle continuar com a mesma resposta, heide deitá-lo pela porta fóra.

X. Estou certa quo Vmc. não fará isto a um rapaz tão amavel como é Hernesto, e de mais elle me ama e eu tambem amo a elle, e não consentirei que se faça isto.

J. Muito bem, muito bem, eu não mando nada nesta casa, pois agora lhe digo que heide fazer o que entender a tal respeito.

X. Pois bem, faça Vmc. o que quizer, o que lhe digo é que Vmc. se deve lembrar que Hernesto é quem paga a casa, onde moramos e se Vmc. o deitar para fóra, elle não pagará mais.

J. Não faltará quem pague.

X. Porém quem pagar é por meu respeito e assim tem sempre Vmc. de marchar no mesmo terreno.

J. Pois seja como fôr, pôde ser que o que venha a pagar case contigo, o que o pelintra do Sr. Hernesto não faz.

X. Desta forma serve Vmc. de anzol e eu de isca, e ainda lhe digo que eu quero agradar a um e a outro, pois esteja certa que eu sirvo para estranheira, amo a Hernesto e queremos outro.

J. Estou muito bem arranjada com tal rolinha, has do dar com os burros n'água, já disse uma vez e torno a dizer que quem lhe governa sou eu.

X. Pois disse e torno a dizer, que meu coração é de Hernesto e não será de outro; Diabos me levem se eu lhe fôr falsa—nunca niguem me dice isto.

J. E' o que ella sabe e diabos, e ser muito atrevida.

X. Nunca niguem me dice isto. Vmc. só é que sabe dizer, e eu resmungar, porque Vmc. está hoje muito quizilenta. Adeus que vou tomar o meu cristal, antes que chegue Hernesto.

F. G.

### SONETO.

Meu amigo João, stou p'm casar  
Com moça bem bonita, e festeira;  
E se alguém me dizer que fico asneira,  
Respondo que só eu a vou aturar.

E brinquedo, jantando a gente achar  
Quem lhe traga um caldinho na sopa  
Nas ruas passar semanalmente  
Trazendo ao lado a bela a conversar;  
Gostou de ser casado o pai Adão.

Foi lhe a menina que se casou  
A ella dedicou seu coração...  
Dizem tolos que é mau viver assim;  
Siga qualquer a sua opinião;  
Quem disto não gostar, deixe pra mim!

### O meu desejo.

Se eu podesse singrar esses mares  
Como singra o ligeiro barquinho,  
Eu de certo que agora apertara  
Em meus braços meu caro bebezinho.

Se eu podesse romper esses ares  
Como rompem as aves ligeiras,  
Eu de certo que agora esculhara  
Suas vozes gentis e fagueiras.

Se eu podesse ofertar-lhe daqui  
Um dos beijos que falam de amor,  
Só com isto ficaria contente  
E mil graças daria ao Senhor.

Se eu podesse enviar-lhe um suspiro  
Que pintasse o meu triste sofrer,  
Meus desejos findavam-se aqui  
Pois findava-se o meu padecer.

Porém eu que não posso ofertar-lhe  
Nem se quer, nem se quer um só beijo,  
Que não posso romper esses ares,  
Mas que nutro sómente o desejo;

Que não posso enviar-lhe um suspiro  
Que lhe pinte o meu triste penar;  
Nem desejo que ardente me acabe  
Brevemente heide a vida acabar!

E. A. B.

### MOTTE.

Certa mocinha fadada,  
Quiz comigo variar.

### GLOZA.

Era esperta a tal brincadeira,  
Quando junto de mim juntava  
Que só a mim é que amava  
Certa mocinha fadada,  
Tomando por brincadeira,  
Me amar, que era só por:  
Me faria fôr vez de falar...  
E della me aborrecia  
Depois é que vira a falar  
Quiz comigo variar.

I. J. S.

112.  
Não será mais publicada  
Esta folha interessante?

GOZA.

Is não sendo anuncinada  
Por uina semana a Marmota  
Me perguntou D. Cota.  
Não será mais publicada?  
Não sei não, priim adonda.  
Respondi no mesino instantes  
Eis que o Redactor prestante  
Pôz termo nos meus temores,  
Dando logo a seus lotiores  
Esta folha interessante!

I. B. S.

MOTTE.

Toda moça bandoleira  
Fica velha sem casar.

GOZA.

Virtudes, loucura, esneira,  
Que só uocâ dão privações;  
Isd pode excitar paixões  
Toda a moça bandoleira.  
Aquelle que, rezadaria,  
Vive em casa a trabalhar,  
Sem d'la a lla chegar,  
Isa pelo buraco,  
Ango sempre a dar caraco,  
E a lla com casar.

MOTTE (1)

Ha n'um cílio aqui bem perto  
Menina que amor excita.

GOZA (2)

Senhor Ant. Is isto é certo,  
Julguei embora ser asneira,  
Uma Joven seifaceira  
Ha n'um cílio aqui bem perto.  
Como o Senhor, sou esperto,  
Gostei de moça bonita,  
Se me dissesse onde ella habitat.  
Mas não me quero explicar,  
Pra que quem desejar,  
Menina, que amor excita!..

I. B. S.

A Quaresma.

E' chegado o tempo proprio  
Do crime se minorar,  
E aos pés do Confessor  
As culpas se declarar.  
Meninas, cheguem a campo,  
Contem suas bregairas;  
E' tempo de descobrirem  
Com quem foram namoradas.  
Para as nossas traficantes,

(1) Vido Marmota n. 29.

(2) Pelos mesmos consuantes.

Não, nadie se cencencia,  
Deve o padre "pescar" -lhos  
Dez surras por penitencia.  
Sonhadores que tem rouhado  
Os outros sem compaixão.  
De purgarem seus pecados  
E' chegada a ocasião.  
Vizorios, que tem vivido  
Na vicia cencubinados,  
Com cordeiras bem torcidas  
Sejam todos agouitados.  
A lente de mantilha  
Fica tosta alvoracada,  
Na Igreja de noite e dia  
Fazendo a sua morada.  
Pod e' alhas recomendain  
Jejunt p'ra silêncio;  
Eu vi uia jejunito  
Cois quatro vintens de pão.  
E pelo meio do dia,  
Por estar muito fraquinhia,  
Por ordem do sínho padre  
Chaveu sua brancinha.  
E que tal, n' tal sugestão  
Que jejum tão penitente!  
Pois bebeu em cima d'isto  
Um copinho d'nguardento.  
Este tempo do quaresma  
E' bem bom p'ra o laverneiro,  
No azeite, e no bocalhão  
Augmenta muito o dinheiro.  
Não falso do tempo santo,  
Dos abusos é que eu falso;  
P'ra uns é tempo de resa,  
P'ra outros é de regalo.  
Na quarta feira de trevas  
Começa a tasularia;  
Enche-se a Igreja de padres,  
De empades a Sacristia.  
As trevas mettem horror  
Polo que n'ellas se faz;  
Não ha copinho que escape  
Aos beliscões do rapaz!  
A função da quinta feira  
E' festa do grande tam;  
Em casa não fica nada.  
Seja máo ou seja bom.  
As Procissões... a Alleluia...  
Depois a Resurreição...  
Emiss não ha Penitencia  
Na Quaresma, ha só Função...  
As moças em toda paró  
Meam os pés do Confessor,  
Vão tão chibantes, que fazem  
Tentação no peccador!...  
A gente que menos poda  
E' que é fiel no preceito  
Da Igreja, que para os outros  
Nada merece respeito.

A uma Bella

Percorrendo por certa noite,  
Recorrida na janelha  
Avigio certo menino  
Risonha, morena e bella.  
T'java simples vestido,  
Mas decente e delicado;  
Caiu-me-lhe o lindo collo  
Um bello lenço encarnado.  
Seu cabello cur da noite  
Trazia bem penteado;  
De seu pescoço pendia  
Au reluzente anelado.  
Seu labio era bem havazem  
Ao lindo labão da resa.  
Que com o n'ser d'aurora  
Se torna linda e formosa.  
Se por junto d'esse labios  
Alguma alha patente,  
Supondo quo fosse rosa,  
Mesmo talvez os chupasse!  
Por certo não se enganava;  
Pois labios tão delicados  
Hade por certo ser doces  
Como fructos sazonados!  
Tudo n'ella é sympathia;  
Seu labio é linda, achar  
Sua voz, sona de alegria.  
Seu sorriso é um encanto.  
Aí  
Depois de tanto tempo,  
Sóptimo ficar aí,  
E ficar aí.  
Quissem poderia impassivel  
Encarar com tacs pinturas?  
E' por certo tal belleza  
Obra prima da natureza!  
Se o mais puro cherubim  
Se pudor pôr n' seu lado,  
Certamente o cherubim  
Hade ficar eclypsado!  
Recebe, pois, joven bella,  
A quem no mundo som tanto,  
Fatais sinceros louvores  
Que ao som da lyra hojo canto.

M. S. M.

EPIGRAMMA.

Sem dinheiro ninguem pôde  
Seus parentes enterrar,  
Baptizar os seus filhinhos,  
Nem os santos festajar.  
Desta sorte por dinheiro  
Se pratica a caridade;  
Se enriquece muita gente  
Com a lei da christandade.

J. R. R. A.

## EDITAL PÚBLICO.

As moças todas  
Vou declarar,  
Qu' muito breve  
Me vou casar.  
Serei feliz  
Se Deus quizer,  
Terei comigo  
Boa mulher.  
Quero que seja  
Religiosa;  
Nos seus agrados  
Fina, extremosa.  
Eu não exijo  
Sabedoria,  
Basta que saça  
Boa harmonia.  
Não quero bailes  
Nem theatricalices,  
Bastam-me apenas  
Suas meiguices.  
Não quero vinho  
Superior:  
Nos labios d'ella  
Tenho licor.  
Veremos juntos,  
De madrugada,  
Romper a aurora  
Bella, engracada.  
A esta hora,  
Vivendo assim,  
Irei às flores  
Do meu jardim  
E não me importo  
Com os parentes;  
Todos do Eva  
São descendentes.  
Embora seja  
Trina engeitada:  
Sendo bonita,  
E' minha amada  
No berço e cova  
Não ha nobreza:  
São todos nobres  
Por natureza.  
Eu não procuro  
Muito dinheiro;  
Quero amor puro  
E verdadeiro.

Nós comeremos  
Nossa farinha;  
Ambos vivendo  
N'uma casinha.  
Se não tivermos  
Grande riqueza,  
Teremos beijos  
Por sobre-mesa.  
Eis sendo noite,  
Melhor que um rei,  
Nos braços d'ella  
Deseançarei.  
E quando o frio  
Tudo cortar,  
Tenho o seu peito  
P'ra me aqueçar.  
Irei à fonte  
Refrigerante,  
Banhar o cólo  
Da minha amante.  
V' rei calhido  
Na pélle fina,  
Bella agua doce,  
Bem crystalina.  
Assim procuro  
Passear meus dias;  
P'ris não desejo  
Tafularia.  
Não quero sedas  
E nem toquin  
Nós sentaremos  
Sob o capim.  
Adão e Eva  
Forão viventes,  
Sem terem luxo  
Resplandecentes.  
Esta é aiuinha  
Opinião,  
Tal qual a tenho  
No coração.  
Digo o que sinto.  
Sem sifgimento;  
Não tem rebolhos  
Meu pensamento.  
Quem na poesia  
Fala a verdade,  
E' pobre tolo,  
Qui tem maldade.

## Adivinhanças.

Fero quem diz Coração,  
A letra que eu mais preciso;  
Do centro do Paraíso  
O dos A A que emprestado;  
Do S e T esquecida;  
Do N N (não é um I),  
Do um C epmo o que  
faz.

Tendo um O, fico acabada  
O nome que aponto aqui!

O nome, que escrevo agora,  
E' o da minha paixão!  
Dous A A nella encontrarei,  
Por ser nome do senhora;  
Um C, que fica por fôra,  
Um L no centro posto,  
Um R, e I de que eu gosto,  
Um O, e a final um N;  
Ah! meu Deus!... embora eu pene  
Dai-me a ver sempre o seu rosto!

## LOGOGRAPHO.

A primeira é muito fina,  
Tão fina que é transparente;  
Debrada a minha segunda  
Torna a gelinha doente.

A primeira é a segunda,  
Ou d'á pressa, ou da vagar;  
A terceira é a primeira  
Dá gritos d'incomodar.

A terceira com a quarta  
Não se vê senão pintado;  
E' causa que não existe,  
E' um ene imaginado.

Se aqui estou, se está me vendo,  
P'ra que in'stä procurando?  
Atira o papel p'ra o lado.  
P'ra que está me advinhando?

## CHARADAS.

Sou do Brazil uma fruta, — 2

De Pedro tenho a cadeira: — 2

Sou desticto, carregando  
A syllaba derradeira.

Nado, vdo, e ando em terra, — 2

Nunca mudo de lugar. — 1

Sou a senhora do mundo,  
Sem mim não ha que esperar.

Sou porta porque entram ricos, — 1

Título de fidalguia; — 2

Sou mui bem visto de noite,  
Mas me percebam de dia.

Ho um bicho nojento, e venenoso, — 2

As muros d'la sua côte da frente, — 3

E' sem ser cestanhoiro nem palmeira,  
Dá cocos e cestanhas juntamente.

Sou um homem que não fala, — 2

Femo seu fertilidade; — 2

Fruta que tem duas cascas; — 1

E' um remedio na verdade.

Sig. das Adivinhanças da n. anterior: — 1.  
Prudencia — a 2.º Adelinda — E. das Charadas — 2.  
1.º Estrofe — a 2.º Lampada — a 3.º Pecego — 4.º Venalidade — a 5.º Ca —  
Marmota — 1.º — 2.º — 3.º — 4.º — 5.º — 6.º — 7.º — 8.º — 9.º — 10.º — 11.º — 12.º — 13.º — 14.º — 15.º — 16.º — 17.º — 18.º — 19.º — 20.º — 21.º — 22.º — 23.º — 24.º — 25.º — 26.º — 27.º — 28.º — 29.º — 30.º — 31.º — 32.º — 33.º — 34.º — 35.º — 36.º — 37.º — 38.º — 39.º — 40.º — 41.º — 42.º — 43.º — 44.º — 45.º — 46.º — 47.º — 48.º — 49.º — 50.º — 51.º — 52.º — 53.º — 54.º — 55.º — 56.º — 57.º — 58.º — 59.º — 60.º — 61.º — 62.º — 63.º — 64.º — 65.º — 66.º — 67.º — 68.º — 69.º — 70.º — 71.º — 72.º — 73.º — 74.º — 75.º — 76.º — 77.º — 78.º — 79.º — 80.º — 81.º — 82.º — 83.º — 84.º — 85.º — 86.º — 87.º — 88.º — 89.º — 90.º — 91.º — 92.º — 93.º — 94.º — 95.º — 96.º — 97.º — 98.º — 99.º — 100.º — 101.º — 102.º — 103.º — 104.º — 105.º — 106.º — 107.º — 108.º — 109.º — 110.º — 111.º — 112.º — 113.º — 114.º — 115.º — 116.º — 117.º — 118.º — 119.º — 120.º — 121.º — 122.º — 123.º — 124.º — 125.º — 126.º — 127.º — 128.º — 129.º — 130.º — 131.º — 132.º — 133.º — 134.º — 135.º — 136.º — 137.º — 138.º — 139.º — 140.º — 141.º — 142.º — 143.º — 144.º — 145.º — 146.º — 147.º — 148.º — 149.º — 150.º — 151.º — 152.º — 153.º — 154.º — 155.º — 156.º — 157.º — 158.º — 159.º — 160.º — 161.º — 162.º — 163.º — 164.º — 165.º — 166.º — 167.º — 168.º — 169.º — 170.º — 171.º — 172.º — 173.º — 174.º — 175.º — 176.º — 177.º — 178.º — 179.º — 180.º — 181.º — 182.º — 183.º — 184.º — 185.º — 186.º — 187.º — 188.º — 189.º — 190.º — 191.º — 192.º — 193.º — 194.º — 195.º — 196.º — 197.º — 198.º — 199.º — 200.º — 201.º — 202.º — 203.º — 204.º — 205.º — 206.º — 207.º — 208.º — 209.º — 210.º — 211.º — 212.º — 213.º — 214.º — 215.º — 216.º — 217.º — 218.º — 219.º — 220.º — 221.º — 222.º — 223.º — 224.º — 225.º — 226.º — 227.º — 228.º — 229.º — 230.º — 231.º — 232.º — 233.º — 234.º — 235.º — 236.º — 237.º — 238.º — 239.º — 240.º — 241.º — 242.º — 243.º — 244.º — 245.º — 246.º — 247.º — 248.º — 249.º — 250.º — 251.º — 252.º — 253.º — 254.º — 255.º — 256.º — 257.º — 258.º — 259.º — 260.º — 261.º — 262.º — 263.º — 264.º — 265.º — 266.º — 267.º — 268.º — 269.º — 270.º — 271.º — 272.º — 273.º — 274.º — 275.º — 276.º — 277.º — 278.º — 279.º — 280.º — 281.º — 282.º — 283.º — 284.º — 285.º — 286.º — 287.º — 288.º — 289.º — 290.º — 291.º — 292.º — 293.º — 294.º — 295.º — 296.º — 297.º — 298.º — 299.º — 300.º — 301.º — 302.º — 303.º — 304.º — 305.º — 306.º — 307.º — 308.º — 309.º — 310.º — 311.º — 312.º — 313.º — 314.º — 315.º — 316.º — 317.º — 318.º — 319.º — 320.º — 321.º — 322.º — 323.º — 324.º — 325.º — 326.º — 327.º — 328.º — 329.º — 330.º — 331.º — 332.º — 333.º — 334.º — 335.º — 336.º — 337.º — 338.º — 339.º — 340.º — 341.º — 342.º — 343.º — 344.º — 345.º — 346.º — 347.º — 348.º — 349.º — 350.º — 351.º — 352.º — 353.º — 354.º — 355.º — 356.º — 357.º — 358.º — 359.º — 360.º — 361.º — 362.º — 363.º — 364.º — 365.º — 366.º — 367.º — 368.º — 369.º — 370.º — 371.º — 372.º — 373.º — 374.º — 375.º — 376.º — 377.º — 378.º — 379.º — 380.º — 381.º — 382.º — 383.º — 384.º — 385.º — 386.º — 387.º — 388.º — 389.º — 390.º — 391.º — 392.º — 393.º — 394.º — 395.º — 396.º — 397.º — 398.º — 399.º — 400.º — 401.º — 402.º — 403.º — 404.º — 405.º — 406.º — 407.º — 408.º — 409.º — 410.º — 411.º — 412.º — 413.º — 414.º — 415.º — 416.º — 417.º — 418.º — 419.º — 420.º — 421.º — 422.º — 423.º — 424.º — 425.º — 426.º — 427.º — 428.º — 429.º — 430.º — 431.º — 432.º — 433.º — 434.º — 435.º — 436.º — 437.º — 438.º — 439.º — 440.º — 441.º — 442.º — 443.º — 444.º — 445.º — 446.º — 447.º — 448.º — 449.º — 450.º — 451.º — 452.º — 453.º — 454.º — 455.º — 456.º — 457.º — 458.º — 459.º — 460.º — 461.º — 462.º — 463.º — 464.º — 465.º — 466.º — 467.º — 468.º — 469.º — 470.º — 471.º — 472.º — 473.º — 474.º — 475.º — 476.º — 477.º — 478.º — 479.º — 480.º — 481.º — 482.º — 483.º — 484.º — 485.º — 486.º — 487.º — 488.º — 489.º — 490.º — 491.º — 492.º — 493.º — 494.º — 495.º — 496.º — 497.º — 498.º — 499.º — 500.º — 501.º — 502.º — 503.º — 504.º — 505.º — 506.º — 507.º — 508.º — 509.º — 510.º — 511.º — 512.º — 513.º — 514.º — 515.º — 516.º — 517.º — 518.º — 519.º — 520.º — 521.º — 522.º — 523.º — 524.º — 525.º — 526.º — 527.º — 528.º — 529.º — 530.º — 531.º — 532.º — 533.º — 534.º — 535.º — 536.º — 537.º — 538.º — 539.º — 540.º — 541.º — 542.º — 543.º — 544.º — 545.º — 546.º — 547.º — 548.º — 549.º — 550.º — 551.º — 552.º — 553.º — 554.º — 555.º — 556.º — 557.º — 558.º — 559.º — 560.º — 561.º — 562.º — 563.º — 564.º — 565.º — 566.º — 567.º — 568.º — 569.º — 570.º — 571.º — 572.º — 573.º — 574.º — 575.º — 576.º — 577.º — 578.º — 579.º — 580.º — 581.º — 582.º — 583.º — 584.º — 585.º — 586.º — 587.º — 588.º — 589.º — 590.º — 591.º — 592.º — 593.º — 594.º — 595.º — 596.º — 597.º — 598.º — 599.º — 600.º — 601.º — 602.º — 603.º — 604.º — 605.º — 606.º — 607.º — 608.º — 609.º — 610.º — 611.º — 612.º — 613.º — 614.º — 615.º — 616.º — 617.º — 618.º — 619.º — 620.º — 621.º — 622.º — 623.º — 624.º — 625.º — 626.º — 627.º — 628.º — 629.º — 630.º — 631.º — 632.º — 633.º — 634.º — 635.º — 636.º — 637.º — 638.º — 639.º — 640.º — 641.º — 642.º — 643.º — 644.º — 645.º — 646.º — 647.º — 648.º — 649.º — 650.º — 651.º — 652.º — 653.º — 654.º — 655.º — 656.º — 657.º — 658.º — 659.º — 660.º — 661.º — 662.º — 663.º — 664.º — 665.º — 666.º — 667.º — 668.º — 669.º — 670.º — 671.º — 672.º — 673.º — 674.º — 675.º — 676.º — 677.º — 678.º — 679.º — 680.º — 681.º — 682.º — 683.º — 684.º — 685.º — 686.º — 687.º — 688.º — 689.º — 690.º — 691.º — 692.º — 693.º — 694.º — 695.º — 696.º — 697.º — 698.º — 699.º — 700.º — 701.º — 702.º — 703.º — 704.º — 705.º — 706.º — 707.º — 708.º — 709.º — 710.º — 711.º — 712.º — 713.º — 714.º — 715.º — 716.º — 717.º — 718.º — 719.º — 720.º — 721.º — 722.º — 723.º — 724.º — 725.º — 726.º — 727.º — 728.º — 729.º — 730.º — 731.º — 732.º — 733.º — 734.º — 735.º — 736.º — 737.º — 738.º — 739.º — 740.º — 741.º — 742.º — 743.º — 744.º — 745.º — 746.º — 747.º — 748.º — 749.º — 750.º — 751.º — 752.º — 753.º — 754.º — 755.º — 756.º — 757.º — 758.º — 759.º — 760.º — 761.º — 762.º — 763.º — 764.º — 765.º — 766.º — 767.º — 768.º — 769.º — 770.º — 771.º — 772.º — 773.º — 774.º — 775.º — 776.º — 777.º — 778.º — 779.º — 780.º — 781.º — 782.º — 783.º — 784.º — 785.º — 786.º — 787.º — 788.º — 789.º — 790.º — 791.º — 792.º — 793.º — 794.º — 795.º — 796.º — 797.º — 798.º — 799.º — 800.º — 801.º — 802.º — 803.º — 804.º — 805.º — 806.º — 807.º — 808.º — 809.º — 810.º — 811.º — 812.º — 813.º — 814.º — 815.º — 816.º — 817.º — 818.º — 819.º — 820.º — 821.º — 822.º — 823.º — 824.º — 825.º — 826.º — 827.º — 828.º — 829.º — 830.º — 831.º — 832.º — 833.º — 834.º — 835.º — 836.º — 837.º — 838.º — 839.º — 840.º — 841.º — 842.º — 843.º — 844.º — 845.º — 846.º — 847.º — 848.º — 849.º — 850.º — 851.º — 852.º — 853.º — 854.º — 855.º — 856.º — 857.º — 858.º — 859.º — 860.º — 861.º — 862.º — 863.º — 864.º — 865.º — 866.º — 867.º — 868.º — 869.º — 870.º — 871.º — 872.º — 873.º — 874.º — 875.º — 876.º — 877.º — 878.º — 879.º — 880.º — 881.º — 882.º — 883.º — 884.º — 885.º — 886.º — 887.º — 888.º — 889.º — 890.º — 891.º — 892.º — 893.º — 894.º — 895.º — 896.º — 897.º — 898.º — 899.º — 900.º — 901.º — 902.º — 903.º — 904.º — 905.º — 906.º — 907.º — 908.º — 909.º — 910.º — 911.º — 912.º — 913.º — 914.º — 915.º — 916.º — 917.º — 918.º — 919.º — 920.º — 921.º — 922.º — 923.º — 924.º — 925.º — 926.º — 927.º — 928.º — 929.º — 930.º — 931.º — 932.º — 933.º — 934.º — 935.º — 936.º — 937.º — 938.º — 939.º — 940.º — 941.º — 942.º — 943.º — 944.º — 945.º — 946.º — 947.º — 948.º — 949.º — 950.º — 951.º — 952.º — 953.º — 954.º — 955.º — 956.º — 957.º — 958.º — 959.º — 960.º — 961.º — 962.º — 963.º — 964.º — 965.º — 966.º — 967.º — 968.º — 969.º — 970.º — 971.º — 972.º — 973.º — 974.º — 975.º — 976.º — 977.º — 978.º — 979.º — 980.º — 981.º — 982.º — 983.º — 984.º — 985.º — 986.º — 987.º — 988.º — 989.º — 990.º — 991.º — 992.º — 993.º — 994.º — 995.º — 996.º — 997.º — 998.º — 999.º — 1000.º — 1001.º — 1002.º — 1003.º — 1004.º — 1005.º — 1006.º — 1007.º — 1008.º — 1009.º — 1010.º — 1011.º — 1012.º — 1013.º — 1014.º — 1015.º — 1016.º — 1017.º — 1018.º — 1019.º — 1020.º — 1021.º — 1022.º — 1023.º — 1024.º — 1025.º — 1026.º — 1027.º — 1028.º — 1029.º — 1030.º — 1031.º — 1032.º — 1033.º — 1034.º — 1035.º — 1036.º — 1037.º — 1038.º — 1039.º — 1040.º — 1041.º — 1042.º — 1043.º — 1044.º — 1045.º — 1046.º — 1047.º — 1048.º — 1049.º — 1050.º — 1051.º — 1052.º — 1053.º — 1054.º — 1055.º — 1056.º — 1057.º — 1058.º — 1059.º — 1060.º — 1061.º — 1062.º — 1063.º — 1064.º — 1065.º — 1066.º — 1067.º — 1068.º — 1069.º — 1070.º — 1071.º — 1072.º — 1073.º — 1074.º — 1075.º — 1076.º — 1077.º — 1078.º — 1079.º — 1080.º — 1081.º — 1082.º — 1083.º — 1084.º — 1085.º — 1086.º — 1087.º — 1088.º — 1089.º — 1090.º — 1091.º — 1092.º — 1093.º — 1094.º — 1095.º — 1096.º — 1097.º — 1098.º — 1099.º — 1100.º — 1101.º — 1102.º — 1103.º — 1104.º — 1105.º — 1106.º — 1107.º — 1108.º — 1109.º — 1110.º — 1111.º — 1112.º — 1113.º — 1114.º — 1115.º — 1116.º — 1117.º — 1118.º — 1119.º — 1120.º — 1121.º — 1122.º — 1123.º — 1124.º — 1125.º — 1126.º — 1127.º — 1128.º — 1129.º — 1130.º — 1131.º — 1132.º — 1133.º — 1134.º — 1135.º — 1136.º — 1137.º — 1138.º — 1139.º — 1140.º — 1141.º — 1142.º — 1143.º — 1144.º — 1145.º — 1146.º — 1147.º — 1148.º — 1149.º — 1150.º — 1151.º — 1152.º — 1153.º — 1154.º — 1155.º — 1156.º — 1157.º — 1158.º — 1159.º — 1160.º — 1161.º — 1162.º — 1163.º — 1164.º — 1165.º — 1166.º — 1167.º — 1168.º — 1169.º — 1170.º — 1171.º — 1172.º — 1173.º — 1174.º — 1175.º — 1176.º — 1177.º — 1178.º — 1179.º — 1180.º — 1181.º — 1182.º — 1183.º — 1184.º — 1185.º — 1186.º — 1187.º — 1188.º — 1189.º — 1190.º — 1191.º — 1192.º — 1193.º — 1194.º — 1195.º — 1196.º — 1197.º — 1198.º — 1199.º — 1200.º — 1201.º — 1202.º — 1203.º — 1204.º — 1205.º — 1206.º — 1207.º — 1208.º — 1209.º — 1210.º — 1211.º — 1212.º — 1213.º — 1214.º — 1215.º — 1216.º — 1217.º — 1218.º — 1219.º — 1220

# A MARIOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, & REPRODUTIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 réis por 9 números, pagos à entrega do 2.º número, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será  
Heide os males abertos—  
A linguagem da verdade, A virtude heide ex-lata,  
Pois sobre modo detesto Sem dar razão da ignorância  
Tudo quanto é falsidade. Viva zo ponto de repulsa.

## A MARIOTA.

### O THEATRO.

—Deve-se fazer justiça a quem a tem, e honra a quem a merece.

A deliberação tomada pela Assembléa Provincial para que se salvasse o nosso theatro das ruinas que lhe estavam eminentes, é um dasquelles actos que o hade sempre honrar.

A boa vontade com que o Exm. Sr. Azeredo Coutinho sancionou essa lei, e o empenho que tem mostrado para que se faça uma obra digna de tão magestoso edifício, hade fazer com que S. Exe. seja sempre lembrado, com saudade, pelos maranhenses, ainda mesmo por aquelles a quem hoje o espirito de partido tem levado a fazer-lhe uma guerra, talvez, pouco leal.

Felizmente na obra do theatro não tem havido partidos, e praza aos ceos que não apareçam. Ali todos tem feito o que tem estado ao seu alcance, e temos a satisfação de dizer, que a todos vemos empenhados pelo bem acabado da obra.

O Sr. Dr. Tiberio, que ja em diversas obras publicas tem dado provas da sua actividade, n'esta tem sido incansavel.

E forçoso é dizer, que nunca vimos no Maranhão uma obra publica andar tão depressa, e ser feita com tanta economia! A intelligença, e o zelo que elle tem empregado nesta administração, honra-o sobremaneira.

Sabemos também que o Sr. Albuquerque se ofereceu ao Governo, para *gratuitamente*, e com os seus discípulos, os educandos artifices, fazer os relevos e desenhos necessarios para a decoração da sala. O procedimento do Sr. Albuquerque confirma a boa idéa que geralmente della se faz, e nós folgâmos que elle tenha esta occasião de publicamente mostrar o esplêndimento desse jovem, que tem a Província por Mão, assim de ver appreendidas as suas outras de execução, cuja correção o bom gosto

mais de uma vez tem causado a admiração de alguns entendedores.

Sentimos outro tanto não poder dizer do Sr. Tribuzi—pacienza. Mas temos fé, de que para uma elegante decoração da sala, não precisámos mais do que o Sr. Albuquerque, e o Sr. Rocha Pereira; que sabemos também se prestou de boa vontade para fazer o que estiver ao seu alcance na sublime arte de pintura.

A dedicação do Sr. Rocha Pereira pelo theatro, não nos deixou duvidar um só momento de que elle havia de tomar uma parte muito activa na sua restauração. E pelo que diz respeito a pintura de scenario, que tem de prespectiva, e de um genero muito distinto da pintura vulgar—confessámos, que para essa nunca contámos senão com elle, e com o Sr. Brandão.

Todas as alterações que se tem feito, ou estão fazendo no theatro tem sido muito bem calculadas, e merecido a approvação geral, e isso é o ter-se rebaixado e dado mais inclinação ao palco scénico; o rebaixamento também da platea, para a qual se abriram os compartiimentos que não tinha; a colleção das caixas no fundo da caixa; a abertura dos camarotes, que os torna mais arejados e bem policiados; a mudança da iluminação para gas; a colleção do relógio com mostrador transparente; o forrar o sallão de papel pintado, e pôr-lhe vidraças nas janellas &c. &c., tudo, como já dissemos, tem merecido a approvação geral, mas é preciso não parar ainda aqui; nós temos também uma reclamação a fazer a S. Exe., e uma reclamação em nome do velho sexo maranhense.

As grades da fronte dos camarotes tem um defeito desde o seu principio, que é serem muito altas; e este defeito não pode agora ser diar-se, porque para o fazer-se, é preciso gastar muito dinheiro. Temos pois a pedir que se mandem fazer para cada camarote quatro banchetas, ou mochos de palhinha mais altas, ou ó polegadas do que as cadeiras regulares.

assim de não se di fructar só a cabeça das nossas bellas quando estão assentadas. Ora esta utilidade, cuja despesa pouco deve exceder de 300\$000 rs. (porque para as frizas bastam dois bancos de boa naparabuba) tem a dobrada vantagem de não dar ás pessoas que alugam os camarotes o inconmodo de mandar vir para o theatro cadeiras de sua casa, para o que, todos nós sabemos, que nem sempre ha pretos disponíveis; e pôde também poupar-lhes o desgosto de ficarem algumas vezes sem ellas, como ja aconteceu a quem está escrevendo estas linhas. De mais a mais isto não é innovação, porque assentos nos camarotes ha-o em todos os theatros, e no nosso sentio-se sempre esta falta, que será muito conveniente e até indispensável remediar.

Ora isto é pelo que diz respeito ás Madamas, porque os Srs. Machaézes também tem a sua reclamação a fazer, que é, quando não possam ser todos os assentos da platéa devididos, que o sejam ao menos os da superior, e estes de padihinha.

Agora em quanto ao pessoal do theatro fazemos votos para que a direcção seja entregue ao Sr. Miró, como já ouvimos dizer, porque desta forma sabemos que havemos de ter theatro, e ter de vez em quando frequentadores tão bons como os que no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não obstante a opinião reflectida sobre este ponto, porque é de fato a opinião do Sr. Miró é de fato a opinião de todos os que só se importam com o Brasil.

Falla-se também por abi que vem com uma companhia de canto o Sr. D. Pedro; porém (seja aqui dito entre nós) com este Sr. contámos tanto como com o Sr. Tribuzi.

Ide-vos pois dispendo amavoirs leitoras, para as bellas noites que vos aguardam no passatempo mais honesto, e ao mesmo tempo mais instructivo que os homens tem inventado; e tende fé de quo S. Exc. o Sr. Presidente não deixará de prestar a atenção, que é proprio de um cavallheiro quando o bello sexo se lhe dirige, á vossa reclamação de assentos para os camarotes.

## COMMUNICADO.

### UMA BELLA MARANHENSE.

Eu a vi!... Ella era tão bella, tão seductora, tão pura, e tão casta como a propria innocencia!

Porem antes eu não a visse... porque a minha vida não se tornaria um negrume atroz e medonho, um obstinado desejar em vão, fadigoso nutrir de esperanças, que todas descabiam

para o nada, um constante padecer, um martyrio lento e desesperado!...

Sim... eu a vi; mas no momento em que cheguei a vel-a, antes morresse, porque minha alma, deixando o tenebroso abysmo d'este peito afflito, iria no céo gozar perennes doçuras iguaes a aquellas que libei sómente um instante, em quanto a via, para tragar depois durante a minha vida inteira todas as amarguras do inferno. Oh!... foi para minha eterna desgraça, que appareceu-me aquelle anjo, e foi-se como um sonho de felicidade!...

E como ella era tão bella, tão seductora, tão pura, e tão casta como a propria innocencia!... Eu a tenho retratada na minha alma, como ella estava, quando a vi!

Sentada ao seu piano cantava ao som d'elle como um Archanjo ao som de uma harpa celeste; e a sua voz, e o seu instrumento rivalizavam com a voz, e com as harpas dos mesmos Cherubins!... Assim que ella cantando enchia o explendido salão de sua morada, ou antes que ella era uma divindade, enchia o augustuário de seu templo de estranhas e dulcissimas harmonias, como só existir podem no céo, aonde ella parece tel-as aprendido para ensinal-as á terra! Oh! tão bella assim, tão seductora, tão pura, e tão casta! Deos unicamente creou uma, e nunca poderá crear outra mulher!... Eu a tenho retratada na minha alma.

Ondas do mais lustroso ébano se debruçavam mollemente sobre aquelle divino collo, enia que excedia a cõr mimosa do jambo, defendido por um lindo lencinho branco e transparente, enjapontas iam prender-se no seu angelico seio entre a gola de seu vestido, também branco, que, avaro de tantos mimos, de tanta o tão peregrina formosura, resguardava aquelle todo divino, aquelle inapreciavel thesouro de graças incomparaveis!

Eu a vi pela primeira e unica vez, em que fui ditoso um instante sómente, em quanto a via, para ser desgraçado em quanto viver, em quanto n'esta alma eu a tiver representada! Os seus mais livres movimentos avidamente eu acompanhava com os olhos chamejantes do amor, e tão convulsivo o meu coração pulsava, que parecia querer saltar fora do peito para ir poilar junto a ella, cujo todo encantador, era de uma pureza tanta, que eu me arrebia de que o fogo, que por dentro me devorava, por que todo eu era chamas, todo era amor, fosse atravez dos meus olhos nodoar; fosse extinguir aquelle encanto angelico de candura, e innocencia do que adornou lhe a natureza.

Ella acabou de cantar; e eu a vi chegar à janela; contei-a de perto, ora um prodigo de formosura!...

(Continuar se ha.)

## CORRESPONDENCIA.

SNR. REDACTOR.

R. F., 1.º de Março de 1851.

— Mais vale tarde, que nunca. moro longe, e por isso só agora é que me proponho a pretender a mão da moça dos 200 contos (\*) se ainda estiver em leilão; e para chegar ao meu fim esta é a carta que lhe dirijo.

— SENHORA.— Aqui está um moço bonito, esperto, vivo, elegante, perfeito, amoroso, apurado, afectuoso, e enfim, um ente perfeito, sincero, e tudo quanto existe de bom; elle não tem parentes alguns (excepto os da parte de Adão e Eva); não usa fumar; sabe tocar tres instrumentos a saber: sole, realejo, marimba (tudo isto sem aprender), e pratos se também quizer; os meninos se bem lhe aprovver, e se quizer mais, de-lhe um junquilho e um corpinho, verá como elle toca *optimus cum laude!* (estes são os predicados que poucos tem), e ainda elle sabe mais cousas; tzz guolas, méxas, torcidas, pavios, e também phosphoros; também faz versos, e por isso foi aprovado por Ophélio (que tem muito gosto de o conhecer) Apollo (muito meu amigo), e as Musas (meus autores). E que tal, diga-me. Senhora Dona, se o rapaz não é chique, não é patusco!!!

E é por isso que elle se anima a offerecer a tua dextra à d. Vno. ou V. S., ou Megestade, ou Reverendissima, (eu não sei o título de que cosa.) por isso... vao todos em comitante e serva.

Agora: *In nomine patris, et Spirito Sancti.* — Amen.

Ora esses conselhos bem: —

1.º Assim que casar comigo deverá rapar a cabeça.

2.º Deverá estar todo o dia assentada; e olhe que eu n'isso sou pratico e conheço a palmos quem todo o dia está assentada; isto é, apalpando o assento.

3.º Deverá andar muito direitinha.

4.º Quando chegar à janella deverá ter sempre um lenço na mão para tampar a chocolateira.

5.º Não deverá acreditar em feitiços.

6.º Não deve gostar muito de carno.

7.º Quando passar por lugar onde houverem moços, deve virar a cara para uma banda, como faz a gente feia.

E basta, que com isto me contento.

Diga-me, onde mora, que quero ver o seu mimoso semblante (mimoso pelos 200 contos); em quanto eu, moro na ponta dos Anzões, voltando à direita logo à esquerda, passando uma

casa, no pé logo da outra. Os padrinhos estão arranjados, e são: o P. Ruas, e a D. Maria. Seu esposo futuro,

*Agosto M. L.*

## A' EDIÇÃO.

Meu amigo, e camarada  
Ahi remetto esse aviso,  
Para dar publicidade  
A' cerca do prejuizo.  
Que vos passo a relatar;  
Por não poder aturar.

A bem do povo Christão, avisamos aos Reverendissimos Vigários, tanto das diferentes paróquias do interior, como da capital, que tenham todo o cuidado sobre as crianças que forem receber o Sancto Baptismo: por quanto vemos hoje muitos dos que são tidos por criaturas degenerados em grandiosos brutos: e para haver menos desses entre nós, é o motivo que nos levou a comunicar semelhante fuga de indagações a cerca do expedido:

Por tanto espero  
Ser attendido.

— R.

## SONETO EN ACROSTICO.

Cantar os dores teus, não me é dado  
Enjo, filha do céo, querida amiga.  
Não me é dado cantar a tua  
Desse rosto gentil, formado.

Imperas sobre mim sem ser forçado  
Depor em tou favor toda a magia:  
Ao menor mandamento, co'alegría  
Os teus pés subinssos estou prostado.  
Mulher, anjo do céo, feitiço d'alma!  
Cuide fostes formada obra divina!  
Responde-me se amor te deu a palma.  
Eis tu demônio acazo que fascina?  
Tembora, sejas má, amor me acalma  
Enindo-me à ti, que és minha sinta.

RICARDO.

## NOTAS.

Quem não gosta da Marmota,  
Não sabe o que é cousa bôa.

OLAZA.

Quanto a mim, bella Carlota,  
Ente amado jámais foi.  
Misero é (Deos me perdoi).  
Quem não gosta da Marmota.  
Moço, ou moça, bem se nota  
A ser tal, que é muito à tua...  
Rón-se pois quem se ron...  
Querendo Deos que ella ature,

(\*) Vida Marmota n. 2.

## A MARMOTA MARANHENSE.

Todo o que a lêr não procure,  
Não sabe o que é causa boa.  
D. J. C. B.

### MOTTE.

Os olhos da minha amada  
São *Gentios* de Guiné:  
De Guiné, por serem pretos,  
*Gentios*, por não ter fé.

### GLOZA.

Qual meninos sedutores  
Que já tecem namorada...  
São assim apaixonados  
Os olhos de minha amada.

São travessos, bolicosos,  
São românticos até;  
São gaítos traquinando,  
São *Gentios* de Guiné.

Ora errei! — *Tapuio* negros!  
Muza, sonhos indiscretos;  
Mas embora — explicarei,  
De Guiné, por serem pretos.

Mas *Tapuio* também são  
Eu direi porque assim é:  
São meninos no brincar,  
*Gentios*, por não ter fé.

RICARDO.

### A inconstância.

#### A moça e a borboleta.

Em manhan clara e serena  
Por uma vagem amena  
Passeava,  
Divagava  
Uma formosa donzelle  
Eis vio voando adiante  
Borboletinha galante,  
E curiosa  
Cubiçosa  
De acolher — lá vai 'traz d'ella...  
Para um — para outro lado  
Vai o lindo insecto alado  
Adejando,  
Volteando,  
E balda os passos da moça,  
Que segue ligeira, ardente  
Aqui — ali — diligente  
A esquiva  
Fugitiva  
Mas nem que alcanga! — o posso.

Ora a vontal travessa  
Se libra sobre a cabeça  
Da donzelle,  
E junto a ella  
Pausa, gira, folgança.  
E a menina, ora correndo,  
Os seus braços estendendo,  
Ou saltando,  
Vollas dando.

### A perseguem com asas.

Ora, o insecto pouava  
Sobre as flores, que encontrava,  
E engracudo,  
Namorado,

Sen calix beijar queria:  
Vinha a moça cubiçosa,  
Pé — ante pé — cautelosa,  
E no tocal-o...  
E ao pegal-a...

A borboleta fugia...

Já cançada estava a moça  
Desta continuo lidar,  
E sobre a mimosa relva  
Se assentou por descansar;  
E d'ali saudosas vistas  
Pela campina alongando,  
Via a linda fugitiva  
Já num flor — já voando.

Até que em sombrin relva  
D'ali mui proxima entrou  
E a moça que a vio admirar-se,  
Co' um suspiro assim falou:

"Engracadas borboletas  
"N'ste prado vejo mil;  
"Todas trajão bellas cores,  
"Mas nenhuma tão gentil.  
"Ah! que si eu asas tivera,  
"Tu não zombaras de mim;  
"Eu te seguiria nos res,  
"Eu te prendera por sim.  
"Mas que importa? és uma ingratata;  
"Quo vagas de flor em flor;  
"Todas beijas, todas deixa,  
"Sem saudades, sem amor!"

X. Y. Z

### O que eu sinto!

Tenho um tumulo no peito,  
É meu corpo Cemiterio,  
Onde as lagrimas sepulto,  
Onde incerra-se mysterio.  
La se acha para sempre  
Um terrivel sofrimento,  
Tem por distico na louza  
— Aqui jaz negro tormento! —  
Sim Leandra, sepultei  
No lugar qu' é de costume...  
Incerra... Queres saber?...  
— Sim, o que? — Negro ciume.  
Ah! de novo que não surja  
Para não me assustar...  
N'essa louza com teus crimes  
O teu corpo sepultar.

RICARDO.

### Lamentos de uma praça.

Gosa o rico mil prazeres,  
O pobre cumpro o seu lado  
Q'é melhor mil tozes sim.

### Do que a vida do Soldado.

O mendigo, indo vagando...  
Não se julga desgraçado...  
Tem comtudo mais prazeres  
Do que o miserio soldado.

O perverso, criminoso...  
A maldição condemnado,  
Izento dos seus remorsos  
Folga mais do que o Soldado.

O mancebo deslizos...  
Pela amante despresado...  
Tem prazeres que não tem  
Qualquer vici, sendo Soldado.

Se por ventura apprroveite  
Estar só co' amante ao lado...  
Da corneta o som romquenho  
Arranca d'ella o Soldado.

E se em outra occasião  
Tem amor já os ligado,  
Estridentes écos soão  
Chamando à guerra o Soldado.

Triste sorte! — sem carinhos...  
Vive assim o desgraçado,  
No rigor da disciplina...  
Sobre e cala-se o Soldado.

RICARDO.

### Adevinhaçao.

Um nome, um pouco comprido.  
Que tem tres A A A, vou fazêr:  
Talvez mesmo sem saber  
Se estou em boas mettidas...  
C' o principal de Marido,  
Dous R R, um D, e um I.  
Um G que nunca vedi,  
Do nome digno de amor.  
Por ser de Santa e de flor,  
Ficam as letras aqui.

### CHARADA.

S flores devo a existencia...  
É longa a aancia que tenho...  
Não fallo, porém callada  
Mostro bem o que contento.

### AVISO.

Esta reimprimindo-se os primeiros ns. desta folha; e assim que estiver concluida a impressão, será anunciarida. Rogamos as pessoas que desejão possuir colleções inteiras, queirão dirigir-se a esta typ para tratar com o encarregado della.

Sig. das adevinhações do n.º antecedente a 1.º *Constância* a 2.º *Carolina*. Das charadas a 1.º *Caru* a 2.º *Pataca*, a 3.º *Phosphoro*, a 4.º *Sapocacira*, a 5.º *Amulanas*.

Maranhão Typ. da — Temperanca —  
impresso por M. P. Ribeiro, rua  
Formosa casa n.º

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA ILUSTRADA, & ECONOMICA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ruios, na Rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 números, pagos à entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater— A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar, Pois sobre moço d'este Sem das rias da decencia Tudo quanto é falsidade. Um só ponto disser.

## A MARMOTA.

### Classificação dos Maridos.

—O negocio de ser marido não he tão simples como por ahi se julga. Ha por ahi sujeitinhos que em tendo quatro cabellos na cara, e achando-se arrumados em contínuo de qualquer reparição, ou guarda d'alsandega, ficão logo tão cheios de si e empavonados, que sem mais em nada cuidar, se atrevem a subir escadas alheias para pedir mulher para casar. Parece que não pensão: Não seria por certo fha nôma que a laes pingados eu desse. O negocio do matrimonio naô he por ahi arroz co-sido que naô ha quem naô saiba fizer, ou bana-na, que he fructa de todo o tempo. Tem seu xiste, e incerra muito mysterio; por isso o ser marido ne coust grande e de consideraçao.

Ha porém muitas classes de maridos, e muitos d'estes que não valem uma pitada de rapé em corniaboque de velho. Classifiquemos.

Ha maridos bons, e que comprehendem seu officio. Estes cuidão da vida, regulão suas tespazas, daô educaçao aos filhos, naô fogem do trabalho, naô desejão ver sua mulher com trastes enja origem naô conhecem, e se exforçao para que lhes naô falte o necessário. O ser marido assim, tem que se lhe diga, e não he para qualquer; e maridos d'estes apparecem presentemente tão rares como as moédas de ouro. São elles tambem os únicos que merecem o nome de maridos, que tudo mais he phantasmagoria marital!

Além d'estes, ha maridos patuscos, que sem se importarem com o necessário para casa, e nem que o aluguel d'ella se esteja vencendo, e que a lavadeira já naô queira fiar, sahem de casa, e levaõ em pagodes dias e noites, noites e dias, e quando voltaõ para casa, nem inquirim da mulher porque maneira se passou, e o que se comou. Estes, naô sei porque capricho da sorte, quase sempre encontrão mulheres vir-

tuosas, honradas, e boas, que saõ martyres de seus deboxes.

Ha maridos jogadores, que regulão a casa pela bussola da jogatina. Hoje que tem felicidade na banca, a mulher apparece coberta de sedas, e filós, rendas e adereços, nada lhe falta. Amanhã que a banca foi a gloria vai-se tudo p'los ares, e saõ capases de deixar a mulher embrulhada n'uma coberta, para vender e jogar a importancia de seus vestidos.

Ha maridos da raça desesperada, e estes são os peiores, porque levaõ o negocio debaixo da tempestade do cacete, e d'esta maneira arruina todas as questões, ~~de todas as necessidades da família.~~

Outros ha de bom humor, e excellente estomago, que vaõ vivendo funcionando dentro de casa da melhor maneira que podem, sem darem cavaco com os negócios particulares da mulher. Que se importaõ elles com as desgracas alheias, se passão bem? Que tem que perguntar-se a uma mulher, onde comprou tal vestido, e com que dinheiro, quando ella se apresenta com elle, e tem suas rendas na sua, e suas agencias? He huma optima classe de maridos, e muito gostão d'elles certas mulheres, a ponto que já vi uma mandando dizer uma missa para que Deus lhe desse um marido que não quizesse esmerilhar tudo.

Ha maridos emburrantes e talos, que tem ciúmes da mulher quando naô devião ter, e são franceses de mais quando naô o devião ser. Não querem que a mulher receba ninguém em sua ausencia de casa, e naô falle nem com um pobre que vá pedir esmolla na escada, e com tudo vão com ella aos proseplos do natal, e festas dos conventos.

Emfim a classificação dos maridos he tão grande e vai a um ponto tal, que para ser fio de uma vez, jamais se acabaria; por isso fico aqui, e o mais supradõ os leitores.

## COMMUNICAD

HUMA BELLA MARA  
(Continuação da n.)

Inutil fôra o querer descrever as formas angelicas de seu corpinho; porque tanto esforço não cabe à linguagem dos homens; e em toda a natureza apenas achar-se-ia, para dar uma pobre mesquinha idéa do que ella era, a nuvem purpurea e transparente a perecer em um céo de anil soprado braudamente pelas perfumadas virações de uma tarde de primavera; e assim mesmo nada fôra, comparado com os encantos d'ella; valeria muito menos ainda que o topo-sio à par do diamante!

Oh! que n'aquella hora, travada de martyrio, e gosto para mim, podesse eu penetrar no augusto santuário, onde ella estava, e nós ambos estar podéssemos a sós, escondidos ás vistas invejosas do mundo; eu me ajoelharia ás suas plantas; sim... me ajoelharia, porque sei dobrar humildes os meus joelhos ante uma divindade, e então lhe diria: — Eu vos amo, vós sois o唯一的 na terra para quem eu vivo, e por quem folgaria de dar a minha vida se

... e assim eu morria, e assim eu morria... —

— O que é isto? — Oh! que é isto? — Numa

— Olha, oh! blusão!... ella me disse... —  
e eu respondei: — Que é isto?... —  
pésados e ardentes como uma bateria de fogo  
em braza, me esmagaria o coração, e me  
quidaria a vida, — e eu não tenho coragem para  
tanto; não, não!... Mas que digo?! Ela  
um Anjo, e um Anjo é sempre bom, é semj-  
compassivo; e assim ella se compadeceria de  
mim, procuraria extinguir os meus tormentos  
com uma só palavra, que comprehendesse to-  
das as harmonias, todos os encantos, todas as  
delicias do céo, e que em viçosos e amenos  
jardins convertesse os desertos áridos em cam-  
pos do meu futuro. — Um—sim—que eu lhe es-  
cutasse, encheria o vazio immenso d'esta alma,  
e eu seria na terra um Nume!...

Porém, amarga e atroz realidade! Eu a vi  
sómente uma vez, e ella desappareceu como  
um perlimpoco, e na alma, para meu martyrio,  
sicon-me o seu reflexo, como o clarão pallido  
e vacillante, que deixa na terra o sol quando  
em seu acaiso vai repousar das ludigas do  
diu!... Oh!... sempre e em toda a parte ella  
comigo!

Se durmo, a vejo em meus sonhos sempre el-  
la, sempre sedutora, e sempre esquiva! Se vo-  
lo alta noite quando repousa toda a criação,  
ella é o querido objecto das minhas vigílias!...  
Dormi, dormi, e visto polas solidões, ella me  
vejo assim a minha sombra, e ou a vejo em

tudo, e em tudo escuto a sua voz! Nas florinhas do prado, bem que não tenham as suas graças, julgo vel-a; no arroio, que murmurava devesas, bem que monotonio, creio ouvir as harmonias de seu canto. Sempre e em toda a parte elle comigo, e sempre ouvind-a, e sem poder achar uma esperança de felicidade, sem poder emal-a em meus braços e dizer-lhe uma palavra do fundo d'alma arrancadas e elvias de um amor immenso, e unico na terra: Ela vos amo; este coração ate hoje virgem de amor, e nunca dominado por outra mulher vosso, meu Anjo! minha vida! meu tudo!

Oh sempre impossivel entre nós ambos!... Antes todos os martyrios do inferno, do que amor sem esmera!

## SONETO.

(Imitando a Francisco Manoel do Nascimento.)

Sahia de upi pagode em noite escura  
Tombando aqui, alli... sem ter destino...  
Sargentu emborrachado, que sem timo...  
Deu c'as venas num canco. — Oh! crea...  
Disse; — e com o dedo logo á cintura  
Tirando a espada: — Olha que te ensino  
Sacrilego jumento! — e poz... a mão...  
Tremendo grito deu na r...  
Com tal força, que d'ella c'as venas...  
C'a ferrugem espada em...  
De subito, lhe brada accezo em ira:  
Ah! tens arna de fogo! — és imprudente!  
Dizendo assim, do canco se retira.  
— Não brigo por ser arna diferente! —

RICARDO.

## MOTTE.

Toda moça dá desfrute;  
Quando chega a namorar.

GLOZA.

Quem por que attenda, ou escute  
Toda namorada as paixões  
Vão, que sem exceções  
Toda moça dá desfrute;  
Dellas não ha quem resiste  
O modo de se portar:  
Leva a tir, leva a chorar  
Suspita, soluça, e geme  
Faz que morre, faz que tremo  
Quando chega a namorar.

## MOTTE.

Já não presta para nada  
Se tratou seu casamento.

GLOZA.

Toda moça anebatada

## A MARMOTA MARANHENSE.

Sempre tem algum sendo;  
Todo o que promette a mão  
Já não presta para nada.  
T'ras moças é logo empada,  
Já não tem encantamento,  
T'ê chamação bicho nojento  
Ao mais etibante sujeito,  
Se conserva amor perfeito,  
Do tratou seu casamento.

Aristarco das Moças.

Despacho com que certa menina indesferio  
Um requerimento do seu antigo amante.

Já te quiz, hoje não quero.

GLOZA.

Eu ha muito que te amei  
Como pode um peito amar,  
Do que este cassuar....  
Hem quer te abandonei.  
T'neua mais esquecerai  
Já que teu amor tão fero  
Que não soube ser sincero.  
Vou ser submissa....?  
Eh responde à tudo isso  
Já te quiz, hoje não quero.

RICARDO.

PRIMA,

Ver a lha no seu tecto,  
Biansamente á passear,  
Qual menina tão douzella  
N'um festim meiga á dançar....  
V'la assim toda correndo  
Entre nuvens esconder-se,  
Qual virgem foge medrosa  
Im seductor esconder-se....  
V'la saltando risomha  
Envolto n'um mar de anil,  
Qual meigos olhos nadando  
N'um rosto d'encantos mil....  
Não te vence na belleza,  
Não se mostra mais brillante,  
Como tu querida prima,  
Como o teu lindo semblante.  
RICARDO.

DEVANEIO.

Ignez! — Se a mente de um poeta, será capaz de conceber uma idéa de quanto tens de encantador em ti; mas com tudo será inacessível para descrever os admirações d'essa belleza.

Esta mulher, basta aparecer para agradar, basta falar para vencer; é suficiente que seus olhos volvam um singelo olhar de simpatia, sobre qualquer objecto da sua predilec-

ção, para inspirar-lhe a vida: oh! e que linguagem esse olhar exprime! elle denuncia a sensibilidade de seu coração, e o sentimento que nutre a sua alma angelica!... Leitor, se te eu podesse expor a minha mente aberta como as paginas de um livro... talvez que d'esse modo houvesse probabilidade de comprehender algum dos traços da sua perfeição; (mas não realidade!).

Se esta mulher te aparecesse deitada em uma relva de flores, com os pés descalços, e os cabellos de ébano á descrição da brisa... tendo para occultar a castidade do seu corpo, um véu de cassa transparente... o que faria! — Os teus pés ficarião arraigados na terra, o teu corpo como estatua de gelo, e a mente incendiada em uma atmosphera de chamas! — e ella... sorrindo da tua ingenuidade; e se esta mulher te dissesse toma um beijo! — oh! ficaríeis como eu, louco por esse demônio... fascinado por esse anjo... duvidando do que estava vendo... do que tinha vivido... como ainda duvido que ella me ame assim como eu adoro á ella.

RICARDO.

EPICRIMMAS.

Em outro tempo as mulheres  
Com densos veos se cobrião,  
E ás vistas dos curiosos  
Por modestia se escondiam.

Os veos só convem ás feias,  
Que ás bellas não pode ser.  
Porque esconder não se deve  
O que os olhos devem ver.

X. Y. Z.

Aqui jáz um pobre moço  
Que morreu d'uma paixão;  
Está visto,—que mulher  
Só morre por condição.

RICARDO.

COMMUNICADO

DE UMA MOÇA ANÔNIMA.

Recordação do ingrato.

Que silêncio tão suíoso  
Meu coração entenece,  
Em doce silêncio d'amor  
Minha alma entregue adorinece!  
Como a lha tem nascendo,  
Tão faceira, e tão inimiga,  
Minha bella, quanto inveja  
Tua existência ditosa.  
Leyo brisa como vda  
Entre as folhas da palmeira

Ah! se eu fôra como a brisa  
Tão mimoso, tão faguoira!  
Silêncio, brisa, e levar  
Escutai os meus queixumes,  
Neste meu peito arredei  
Os cruéis negros ciumes.  
Eu vivia bem contento  
Os meus dias eram flores,  
Essas flores dos meus dias  
Eram brincos dos amores.  
Quando eu via o sol nascer  
Eu saíava de contente;  
Meu prazer, minha alegria  
Toda estava em Deus somente.  
Mais um dia, estando eu só,  
Joven belo entrar eu vi,  
Foi hastante só eu vê-lo,  
No meu peito amor senti.  
Lindos olhos me lançando  
Nas seus labios vi poesar  
Um sorriso que seu peito  
Só pudera me enviar.  
A seus encantos rendida  
Toda a ella me entreguei;  
Mas depois de amor jurar-me,  
Foi caminho quo não sei.  
D'elle saudosa aqui venho  
Com os flores conversar  
Só os anel de sua rabiella  
Com elas só se pode.  
Ah! que sempre abandona-me  
Só os meus mimosos  
Saudos aqui me deixou,  
Sofrendo cruentas dôres!...  
Aísim são todos os homens!  
Querem tudo conquistar!...  
Tudo querem... para terem  
Prazer em tudo deixar!...  
A Pombinha.

### CONSELHO.

Cobre o chão Francisquinha  
Põe o pento recortado;  
Anse a vár o namorado,  
Que para a Missa caminha.

Muito no lenço a cartinha  
Ajoelha junto a grade;  
Pois com mais facilidade  
Ali se ouve a gracinha.

Bate no peito formozo.  
E leva os olhos no Céo;  
Mas escuta o Chichisbêo,  
Terno, doce, e servozzo.

E se o maganço geitozo  
Inclinar o seu chapéu,  
Desvia a ponta do véo  
Da-lhe o bilhete amorozo;  
Be domos o conforço  
Te talhar importunato

Diz-lhe quo seja prudente  
Com as servas do Senhor;  
Pois se descerat amor,  
Do Templo do omnipotente,  
Hade rér mui pouca gente  
Ali entrar com servor.

F. C. A.

### A inconstância.

Vamos tratar da inconstância,  
E de quem não sabe amar;  
Quem tem coração volvel  
Que não pode captivar.  
Vive sempre desprezado  
Não goza do puro amor,  
E' qual borboleta esquiva  
Voando de flor em flor.  
Assim como o inconstante  
A ninguem consegue agrado,  
Do toda gente no Mundo  
Será sempre desprezado.  
Quem varia em seus amores  
Tem de louco a natureza,  
E de amar, e ser amado  
Nunca pode ter certeza.  
E' bem que amor tenha sempre  
Um pouquinho de azedume,  
De firmeza quantidade.  
Muito pouco de ciúme:

Porém quando amar  
Procura a mais belha,  
D'pois vendo outra  
Esquece-se della:  
As flores não gostam  
Da tal enquada;  
Nem uma nem outra  
Lhe atende a mais nada.  
Quem isto pratica  
Tem vil coração.  
Que expõe seu amor  
A' venda em leilão.  
Usando de amor  
Com toda firmeza  
Alcança e domina  
A toda belleza.  
Nas artas de amor  
Devemos jurar:  
Vencer ou morrer  
E nunca mudar.

Por uma Senhora.

### A minha Lyra.

Esta lyra que Deus me doou  
Têm por fado somente carpir,  
E jamais esta lyra souo  
Sendo dores que debes sentir.

Quintas fibras tem o meu coração  
Tantas cordas contam de fadura;

E por uma qualquer sensação  
Só tangor—me sabe—tristura.  
E' sim triste, quando ella deplora,  
Tambem teria, quando ella supplica;  
Suspirando... pareço que chora,  
Quando chora, que dores compõe!

Esta lyra que Deus, me doou...  
Só não diz... terás um amor,—  
Só não diz... porem já souo  
Ah! consola-te meu trovador.

RICARDO.

### Adevinhaçāo.

Tim de um ANNO  
Letra final,  
E em lugar della  
Põe, por cauella,  
A principal  
Dobrada sicam,  
Interess-nhas,  
E em vogas presas  
As consonantes!  
Tendo isto feito,  
Dirme-hás agora;  
Se é nome de homem,  
Se de Senhor.

### CLARADAS

Pútrido o denro de cera...  
Um sonho por um...  
Coração de amor...  
Não vir cá a laor da fura.

Da primeira ninguem gosta —  
A segunda sempre agrada; —  
Para servir este ofício  
Requer-se cara estanhada.

Diridi o povo iléreca, —  
Pelêo a Thetis juntei; —  
E do povo dos Romanos  
Os direitos sustentei.

Sou elemento da vida —  
Sou elemento da morte —  
Do sol ao homem abato;  
Do homem, o torno forte.

Ajudo à vegetação — 2  
Sou em poder singular. — 2  
Sou do bretabhalha instrumento,  
Do desrango sou lugar

Sig. da adivinhaçāo da n.  
Dente é Margarida. — Da Cauda é  
— Melancia. — E o Logographo do  
n. 33 é — Logographo

Matinhão Typ. da — Temper no —  
Impresso por M. P. R. —, na  
Fermosa casa n. 9.

# A MARMOTA MARANHENSE.

MOLHA LITERARIA, E INSTRUCTIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. R. mos, na Forinosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 reis por 9 números, pagos à entrega do 2.º número, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre molto detesto Sem das raizes da docencia  
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto de reparar.

## AOS SNRS. ASSIGNANTES.

Com o presente numero termina a quarta assinatura desta folha. Os Redactores têm grandes vistas a respeito da continuação da *Marmota* baseada no geral acolhimento que do publico recebem todos os dias.

Esperam os Redactores da bondade dos Senhores subscriptores a continuação de suas assinaturas.

## A MARMOTA.

### O conhecimento dos homens.

São tantos e tão diversos os caracteres dos homens; são tantas as formas por que elles se fingem, e tantos os modos de praticar de cada um, que a maior dislculdade que ha no mundo presente é sabermos com quem fallamos, e com quem estamos; além das naturezas serein diferentes, os genios designaes, e os corações ocultos; o juizo mais penetrante, ou o talento mais apurado, nada pôde avaliar com certeza; porque as ações dos nossos semelhantes nesta época andam sempre coloridas com a impostura, e assombradas com a hypocrisia.

Por isso, com toda razão, alguns homens já escabriados dos enganos em que tem cahido, duvidam sempre neste seculo, em que tudo anda falsificado, em que todas as cautellas são inuteis, todas as seguranças fallíveis, todas as hypothecas baldadas; neste seculo, em que o amigo que mais perto está de nós é o primeiro traidor; o parente mais chegado é consanguíneo, o primeiro a fazer a guerra e arrancar tudo quanto pode atracar com as unhas; neste seculo, dizemos, em que a sinceridade se gasta às oitavas, e a vellucaria às arrobas; como pois ter conhecimento dos homens!!! Só se abrindo o coração, só se cortando a cabeça e deixando-a no penhor! Entretanto, por nossa desgraça a ladroeira e falsificação tem-se introduzido em

tudo; nos comestiveis, nas drogas, nas fazendas, nas pedras e nos metais preciosos, só não se encontra illusão no nariz que a gente tem na cara, porue apalpando-se, sempre se tem no mesmo lugar, e do mesmo tamanho. E ainda hu quem diga que estamos no seculo das luzes, e que a instrucção tem dado muita moralidade! Se a moral é assim, Deus nos livre della, e antes a estupidez da inocencia. Toda esta incerteza e perversidade é quanto as transacções commerciaes, e tratos da vida; o que diremos das palavras e pensamentos figurados dos homens no tempo de hoje! Ha sujeitinhos por ahi que se assigna — seu venerador —, mas, o contrario, é seu dominador, outre a sigla de — patrício do coração —, e é inimigo sem compaixão; se encontra o amigo, diz com muita basofia: — aquella casa está à sua ordem —, mas quando o procuram esconde-se, para não dar um simples copo de agua; outro parolla, diz com ar de protector, prita alardear generosidade: — se precisar de dinheiro, — comigo —; pede-se uma quantia, não dá nem um h.º, e com tantas mentiras, e hypocrisias, — custadas em palavras doces, como se pode ter um conhecimento perfeito do homem verdadeiro para ser apreciado e procurado!! A experiençia, filha do tempo e mestra da vida, só nos dá um combimento certo mostrando a cada passo que o caracter, da maior parte dos homens é variavel, como as aguas do mar, e por consequinte devemos ter conhecimento de que tudo é duvidoso; todas as conjecturas são susceptiveis de mudanças; todas as esperanças são precarias, e todos os planos falham quando menos se espera; o homem seguro e disposto no seu modo de pensar deve só contar consigo, com o seu braço, e com a sua gaveta, quando esta não for visitada por algum Sieguez occulto. A melhor receita que ha para termos algum conhecimento dos homens é observal-os de longe, e ocupar os poucas vezes. Ora, isto é quanto a nós homens de calçis; o que diremos perante tal gente que veste saia!!! Isso é um De-

nos acuda! — Quanto mais se cava, mais profunda vai a mina do conhecimento; quanto mais se applica o telescópio da observação, mais escura se acha a atmosphera em que elles vivem, de sorte que nunca se chega vêr uma estrelinha de certeza.

O marido matematico acaba louco, porque nunca acerta com o calculo da opinião da mulher; quando o marido quer applicar a algebra do talento, ella acrescenta os algarismos da magica, de sorte que o pobre padecente nunca pôde tirar a prova real da conta, e saber quanto possue nella! Certo é que a maior parte das mulheres são donadoras na sciencia das lograções; vemos por ahi meninas tão espertas, e tão macanas, que cada uma é capaz de enganar a meia duzia de homens velhos e experientes; finge um agradinho lisongeiro e o vão applicando com regra de proporção; á medida que o papalvo vai-se mostrando apaixonado, ella vai contando pétas e aproveitando os meios que pôde; mas assim que vê o sujeito de algibeira vazia, volta-lhe as costas, solta-lhe uma garrahadada de mangação, e ahi fica o pobre do José Bauana com a língua na boca, dando o cavaço pelo bicho que engatou. Nada, nesta não é de rir, de rir, porque é rato velho, que não passado por fôrma de aroeira! —

As reflexões, fazendo um a passo, por mais de dia em dia o coitado de Deus, as pessoas se torna mais difícil e impossível pela corrupção dos costumes, falta de sinceridade, e volubilidade de carácter.

## ROMANCE.

### Uma vítima d'Amor.



### OS AMORES.

— ANNO DE 1829. —

D'nn si gentil ambiante  
Chi non sarebbe amante?  
Qual barbaro potrebbe  
Mirarlo, e non languir?

METAST.

Emilia era um objecto digno de idolatrar-se; sua idade não excedia de 15 annos; possuia uma fortuosura admiravel, uma voz encantadora, e maneiras em extremo fagueiras; seus pais lhe daviam dado excellente educação; finalmente a inunda expressão de seus olhos levava o coração de qualquer jovem.

N'uma magnifica sala de Baile, onde se via grande quantidade de Bellas, nenhuma lhe captava a preferencia. Seu negro vestido de malhava sua esbelta figura, fazendo realçar a

candidez de sua cutis; esta cor altra removia uma mãe cariossa; o termo de seu lucto estava expirando, as rosas, que cingiam sua cabeça, já o faziam colorir; seu ar injucundo produzia uma sensivel oposiçao com as flores, que a coroavam.

Não mui afastado della, um mancebo, que parecia ter 19 annos, a mirava com extasis; seus olhos estavam fitos n'ella, e pareciam tragar o menor de seus meneios. A estranha beleza d'Emilia ateou em seu coração a flama do amor; quanto mais a attentava, mais os encantos o subjugavam. Emilia lançando por acaso os olhos para o logar, onde estava o jovem, encontra-os com os delles, e por algum tempo o observa; sua elegancia parecia haver-lhe n'alma inspirado aquelle sentimento indissivel, que muitas vezes torna gostosa a existencia.

Paulo, assim se nomeava o mancebo, não perdeu esta particularidade, e discerniu a atenção, com que Emilia sobre elle havia demorado seus olhos; julgava-se já o mais afortunados dos homens. Quanto é fraco o coração! — Quantos paradoxos não apresenta! — Mas quão seductores são os seus sophismas!

Paulo informou-se a respeito de sua familia, fazendo todas as pesquisas proprias de um jovem em identicas circumstancias. Tudo lhe dâ o relogio da madrugada. todos os dias se retirar; Emilia despede-se das suas amigas, esta separação é assellada com o costume amazade. Emilia pelo braço de seu pae caminha em silencio; Paulo a segue em pequena distancia, e vê a habitação da sua amada.

Havia já decorrido um mez quando por intervenção d'um criado conseguiu a entrega de uma carta, em que lhe descrevia o fogo do seu amor. Com quanta alegria não leu Emilia esta carta! ah! ella se imaginava a mais venturosa das amantes.

### ■ ■ ■

### O ADEUS.

— 1830. —

Ah! Marilia! vendo em pranto  
Esses lindos olhos teus,  
Cresco a pena de deixar-to  
E não posso dar-te adeus.

F. E. LEONI.

Um anno já havia volvido, e os dous amantes sem descontinuarem na sua correspondencia; o amor entre elles crescia progressivamente, quando Paulo é forçado a ausentar-se para uma de suas fazendas: que transição cruel para um perfeito amante! que angustias terribel! —



A vespera do apartamento está chegada. Meia noite acabam de anunciar as torres dos templos da Capital; a casa de Emilia jazia em profundo silêncio, só ella em seu aposento velava, onde uma cançada luz apenas clareava; uma labutaçâo de idéas ocupava a sua mente; sentada em uma cadeira aguardava o momento de horror; este silêncio só igual ao dos tumulos era de quando em quando interrompido por um doloroso suspiro, com o qual parece lançar a alma atormentada. Um leve ruído a sobresalta, levanta-se, e vê abrir-se a porta da sua camara; uma figura um pouco alta, embuçada em um capote, se introduz cuidadosamente, e com timidos passos; apenas perdo de Emilia deixa conhecer-se; ella ao vê-lo, recua exclamando.

—Que vejo !... é elle !... Paulo ?... ausentas-te ?... deixas-me ?... ah ! retira-te... queres reduplicar as minhas mugugos ?... aumentar as minhas aflições ?... ah ! dize, como poderei sopportar esta labareda, que as entradas parece abrasear-me ?... Paulo !... o amor é, para ti, um vocabulo inaudito.

Emilia, diz elle com voz magoada, não mereço essa linguagem; negocios uteis, como sabes, me chamam á minha herdade; eu parto, mas a minha ausencia será breve.

Com estes, e outros colloquios a noite quasi findava a sua derrota: os dous amantes são obrigados a se apartarem; neste lugubre momento a infeliz se lança nos braços de Paulo, e depois de lhe jurar uma constancia eterna, perde os sentidos, e desfalecida cai no pavimento.

Paulo sac conduzido pelo confidente de Emilia. (Continuar-se-ha.)

## MOTTE.

*Vingado estou de ti por meus rivais !...*

## SONETO.

Pela ultima vez, Gelia inconstante,  
Ouvirei os teus ais e os teus queixumes,  
Já que o fogo infernal d'atros ciumes  
Te cerca de tormento devorante !...

Tu quizeste rasgar meu peito amante  
Da terrivel trahiçâo c'os ferreos guines;  
Mas debalde, cruel, que os mesmos Numes  
Neguram que o teu plano fosse avante !...

Eu te amei, é verdade; eu te adorava;  
Mas tu querias inda muito mais !...  
Amor, adoraçâo não te bastava !...  
Oh ! o tempo é bom mestre dos mortais !

De amar-te... achei em Joanna o que te dava:  
*Vingado estou de ti por meus rivais !...*

M. C.

## A' PEDIDO.

Doce beijo na candida face  
D'um infante, donzella, imprimiste,  
E de ardor era cheio esse beijo  
E com elle minha alma feriste !

Ah ! que desse momento perdido  
N'esse beijo foi minha ventura,  
N'esse beijo tão cheio de graças,  
N'esse beijo de tanta docura !

Já não gozo da paz deleitosa,  
Minha sorte de todo mudou,  
Meu socego, donzella, esse beijo,  
Esse beijo fatal m'o roubou.

J. J. M....

## MOTTE.

*Mai Zabé dixe pla mi  
Vacè memo nan qué nada.*

## GLOZA.

Oia pla mi Há Zuaqui,  
Desglaça mi acutieéo:  
Sai daqui sua Zudeo  
*Mai Zabé dixe pla mi;*  
Nunc, vio muhé assi  
Cu sua pâzâbra danada  
Faze gente & glaçada;  
Num diaz que Déo quize  
Eu pla elle haue dize,  
*Vacè memo nan qué nada,*  
*Pazido pru Pâ Mané Caxango.*

## MOTTE.

*Tu acordas para a vida,  
Eu para a dôr acordei.*

## GLOZA.

Te desperta.—Foi ouvida  
Esta voz no meu sonhar;  
Outra vez ouvi bradar  
*Tu acordas para a vida:*  
Nisto vi minha querida  
Quando mal me levantei....  
C'o rival!—pronunciei  
Nesta horrivel confusão,  
Ah ! não é uma illusão  
*Eu para a dôr acordei.*

RICARDO

## MOTTE.

*Quem pode deixar de amar ?*

## DECIMA.

Só soberbo fanatismo,  
Só muito audaz ignorância,  
Só phantasmas da inconstância,

# A MARCHA DO RENENSE.

FOLHA LITERARIA, E RECREATIVA.

Publisa-se una ou duas vezas por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ribeiro, nos Formeiros n.º 9, onde se recebem assignaturas a 450 reis por 9 numeros, pagos à entrega do 2º mês, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será — Herde os vici a abater —  
A linguagem da verdade, A virtude herde o herdar,  
Pois sobre molo de toco Sem das raizes se decairia  
Todo quanto é lisdade. Um só ponto da reparar.

## A MARCHA.

### A JUSTICA DE DEOS.

Deos é justo, e sua lei  
É p'ra todos sempre igual;  
Deos dá bem a quem faz bem,  
Deos dá mal a quem faz mal.

— Unica e verdadeira, unica imparcial, e unica infallivel é a justica de Deos! Quando o

homens esquecidos, ou, para melhor dizer, dando pouco valor à justica de Deos, julgam que elle dorme, em quanto vao e' pelo mundo cada um cuidando em se encher o mais possivel de ambição sem considerarem as leis de humanidade e fraternidade.

Vemos o exemplo já de mais tempo das suas antigas que tem negociado no tyrano traffico de escravos, e outros negocios vergonhosos; o Diabo os lisongea e assopra com uma fortuna apparente, mas em poucos annos a rende a miseria e o desespero, e os que em vez de se encherem de ambição, e de se esquecerem de Deus, e de sua justica, e de sua misericórdia, no tempo de certa prosperidade, quando menos se espeta; e é tal o veneno p'ra os infames e vergonhosos negocios infundido em tylo, que as propriedades de pedra e cal de anno em anno diminuem de valor, outras se queimam, outras vivem em demidas continuadas, e finalmente, se os que as edificaram as possuem algum tempo, os filhos não chegam a gozal-as; e dis' - lhe pois como Deos mostra quanto é recta e certa a punição de sua justica; pois não é possivel que sendo Deos pad de todos, consinta que uns filhos enganem a outros para terem dinheiro com que sustentem luxo. E assim como é restricta a justica de Deos a castigar, é tambem ea premiar; todo aquelle que trabalha honradamente com o suor do seu rosto, não ficasse no, porque infallivelmente haverá ser feliz e gozar do que precisar; hoje em dia os homens dizem que os tempos são más, o negocio pouco; mas engata em uma priateira parte; porque os tempos sao os mesmos, a corrupção dos homens é que se torna maior.

de ambição, e de se esquecerem de Deus, e de sua justica, e de sua misericórdia, no tempo de certa prosperidade, quando menos se espeta; e é tal o veneno p'ra os infames e vergonhosos negocios infundido em tylo, que as propriedades de pedra e cal de anno em anno diminuem de valor, outras se queimam, outras vivem em demidas continuadas, e finalmente, se os que as edificaram as possuem algum tempo, os filhos não chegam a gozal-as; e dis' - lhe pois como Deos mostra quanto é recta e certa a punição de sua justica; pois não é possivel que sendo Deos pad de todos, consinta que uns filhos enganem a outros para terem dinheiro com que sustentem luxo. E assim como é restricta a justica de Deos a castigar, é tambem ea premiar; todo aquelle que trabalha honradamente com o suor do seu rosto, não ficasse no, porque infallivelmente haverá ser feliz e gozar do que precisar; hoje em dia os homens dizem que os tempos são más, o negocio pouco; mas engata em uma priateira parte; porque os tempos sao os mesmos, a corrupção dos homens é que se torna maior.

### OS PAIS DE FAMILIA.

Parceria a nossos leitores uma imprudencia de nossa parte querer-mos discorrer sobre

este ponto sem termos ainda sido casados, e pelo menos criado filhos, mas aconcece que muitas vezes por observações tiramos resultados certos sem precisar imediatamente da experiência própria, e nesta conformidade diremos o que sentimos a este respeito. É na verdade assás difficultoso, principalmente no nosso paiz, o desempenhar plenamente o cargo de pai de família, cumprindo os deveres com exactidão para merecer o nome de verdadeiro pai de família, e não, o título de fabricante de filhos. Bem poucos são os casados que se podem chamar pais de família, ao contrario vemos em geral pais indiscretos, pais corruptos infundindo māos exemplos aos filhos, este cruel veneno que mata inteiramente a educação moral na mocidade volvel, e falta de experiência; vemos até pais que crião os filhos só a comerem, e a dormirem.

O certo é que o homem pensativo e calculador em razão receia casar-se, porque tendo filhos para cura trabalhos, e amarguras, principalmente na nossa terra onde existem varios motivos que concorrem para o atraso da educação dos filhos; o contacto com os escravos no interior das casas, a falta de Religião, e a relaxação dos mestres são tres correntes que prendem o filho incauto, e o conduzem para um abysso de erros e perversidades.

Devem os pais de família usai de muito geito e cautela para desviarem seus filhos das primeiras e más inclinações, porque conseguindo isto, encaminha-se o menino para a estrada da boa moral, onde depois de acostumado segue por si só sem dar mais trabalho e nem precisar mais a guia dos pais; porém o que estamos vendo presentemente? pais de famílias insensatos com um amor de basbaques mandados, fazendo todas as vontades as crianças, ou por outra, clevando a mā criaçāo dos filhos, sem observarem que vontades há tão prejudiciais, que equivalem a um dāmno terrível, e é uma regra salida da experiência, que as privações a tempo dominão a altivez do espirito humano, o tornão docil, e accommodado aos inconvenientes da vida; mas os papais da moda para mostrarem ao público que são muito amanteticos e se babão pelos filhos, fazem das crianças macacos de divertimentos, aos quais se dão pāosinhos, e brinquedos de toda qualidade para se ver a habilidade; o acostumado nisto vai crescendo o Sinhorsinho, exige logo seu relogio, seu cavallo para passear, e vizitar as primas no sítio, exige uma casaca de dous ou deus mezes porque as abas já estão feitas do ultimo gosto, precisa já ter dinheiro na alcâbriga para comprar os xurutos de regalia para os collegas, que aparecem, e ovando elles contarem suas façanhas nacionais.

caes, deseja tambem ter a sua amazia, e aqui temos o rapaz estabelecido com uma boa regra de vida; enquanto existe o pandorga do paiz bem vai o negocio, mas quando morre o que acontece? o filho acostumado a gastar sem trabalhar, a nada se sujeita, quando muito quer ser empregado publico com bom ordenado, porém só lindo quatro ou seis dias no anno a repartição, porque o mais é flagello para um moço que seu paiz lhe fazia todas as vontades.

Ia-nos esquecendo mostrar que a má educação principia em vestirem as crianças com um luxo demasiado, e fazerem-lhes as vontades de mandarem de uma escolha para outra, só porque o mestre o chingou. Donde se conclue que o maior empenho dos pais de família deve ser, cuidar attenciosamente na educação de seus filhos, embora nada lhes deixem de fortuna pecuniaria, porque muitas vezes o dinheiro a um malrecedo, se torna um instrumento de vicios e disgrças.

Dos bons pais de família depende a felicidade de um paiz, porque delles vem os filhos que tem de os substituir na população, e dos māos filhos, só resultão māos companheiros, māos amigos, māos cidadãos, e geralmente homens infelizes, prejudiciaes a sociedade, e desamparados pela Providencia Divina.

## ROMANCE.

### Uma vítima d'Amor.

(Continuado do n. 36.)

### O CONSORCIO.

— 1831. —

As árvores, e as mulheres  
Correm quasi a mesma sorte:  
Pendem ambas com o vento  
Já ao sul, já ao norte.

F. E. LEONI.

Quantos são capciosos os vicios! Ditoso d'aquelle, que se não enleva com as lindas expressões d'uma mulher; feliz d'aquelle, que postergando a belleza, esse frívolo presente da natureza, que muitas vezes destinos une, busca só penetrar o amago de seu coração. Quantas vezes um lindo rosto não dissimula uma alma insidiosa, e um auor perfid. Já oito mezes tinham decorrido da ausência de Paulo; um individuo, que com bastante confiança frequentava a casa do paiz de Emilia, começa a experimentar por ella uma viva inclinação; Emilia, que só conhecia as primeiras nupcias, cedeu logo ás suas attenções, e deu-se já do infeliz Paulo. Este homem sol-

cita a mão de Emilia, e seu consorcio foi celebrado dentro ou um mês; no entanto que Paulo garantia a constância da sua perfida amante. Quantas iguaes a esta se não encontram? A diversidade, e o prazer da novidade constituem hoje as delícias das nossas Bellas, e com especialidade, das quo assiduamente concorrem às grandes *sociedades* e *bailes*, esse contagio terrível, que tanto as tem corrompido; onde se habituam a receber os obsequios de muitos *cavalheiros*, ricos de expressões amorosas, divulgando-se apenas nolles uma elegante apparença.

■ ■ ■  
O SUICIDIO.

— 1832. —

----- sacrilogo attentado  
De que treina a Razão, e a Natureza!  
Bocaoe.

Paulo, sabendo do casamento de Emilia perde a razão; as fúrias todas parece aquarteladas em seu peito, e detestando a vida o infeliz intenta suicidar-se! Nesta horrida sanha tudo parece abandonal-o!

— Antes de deixar o Mundo, dizia elle, este vasto campo de traições, quero eserever-lhe; perdida!... clamava o desgraçado no excesso do seu furor, perjura!... mulher sem amor!... A vida buscas a minha morte, cavas a minha sepultura, assassinas-me na aurora da vida, mas a minha vingança.... Quando ao lado estiveres do teu consorte, no silencio da noite despertada, minha sombra verás entrar urjando vingança; aproximar-se do leito conjugal, a arrastar-te com uma mão mui diferente da do amor, arrastar-te pelo soalho, e no peito infame banhar um ferro;... e quando poneo a poneo na placida escuridão da morte te fores entranhando, o esposo acordarei com ensanguentada mão, e só de meus labios sairão palavras de aversão....

Com os braços encruzados, e os olhos fitos no chão o infeliz por muito tempo permanece nesta posição. Um novo pensamento acaba de tiral-o d'esta apathia cruel; sentado a uma mesa, onde um candiçiro ardia com luz incerta, escreve a carta seguinte:

— Eis-me, Senhora, na borda do abysso; um só passo, um leve movimento me resta para nelle cair. Quanto mo é odioso a existência!... alguei que um sentimento activo poderia os poucos momentos de vida livrar-me; contudo este veneno é mui forte que aquelle, que o amor sej grato em minhas veias!... Suppus dover muitoavel conservar a tranquillidade de meu cerebro nesta

“ quero dirigir minhas derradeiras idéas, manifestando-vos os sentimentos, que me dão minão. Ah! ocupar-me de vos no momento, em que devo deixar o mundo é um sepraplicio, todavia delle necessito, ainda que conserva a vida, bem como ose veneno, que só por instantes retardará minha agonia. Foi cerrado na minha camaca ante o olho a bebida, que em breve deverá dilatar meu sangue. Eu vos escrevo no mesmo apressamento, onde muitas vezes, sem poder, costumar-me nos braços de Morfeo, vós creis o unico objecto de meus pensamentos; ah! com tanta recordação terrível a minha afflição para ce crescer. A minha ausencia bastou para o vosso esquecimento; eis-me sem vida, uma mulher falsa, uma perjura, entreguei-lhe o meu coração ardendo na chama da amor, e recebi um sun calor, tão duro como o bronz e frio como o gello. Senhora, as horas que passam, são 4 e tres quartos de minhâ e me espera, sua inão desernada hâ in sustém a pesada lousa do meu tumur devo dormir eterno sono; vou, S. popal-a a tão grande oppoção.”

Escrita as ultimas linhas larga a pena, permanece no escravo, levanta-se, dá alguns apressados passos, senta-se novamente. A carta, no leve som da sua camada, é mesticamente lhe apresenta, Paulo silenciosamente examina, e diz.

— Vês esta carta?... de ti a confio; conheces a pessoa, a quem a dirijo, e quanto a... retira-te.

Apenas este se havia ido, Paulo toma veneno, e no curto espaço de duas horas exala a alma.

R. J. de S. (Ex.)

SONETO.

Se é doce amar constante, e ser amado  
Por formosa donzella meiga e pura,  
Palpitando de amor, gosto e ternura  
Contemplar o seu rosto idolatrado;  
Se é doce no lugar, dia aprazado,  
Achá-la com meiguice, e com cuidado,  
Empregar-lhe na face com docura,  
Um beijo, longo tempo desejado;  
Se é doce ver-la la extasiada,  
Influída de Aves, despar  
No logo da pessoa toda abraçada;  
Mais doceinda é amar, e conservar  
O brio do pudor no rosto da,  
E nuncia um só abraço, e beijo.

R. J. de O.



# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Rômos, rua Formosa n. 9, onde se recobrem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos à entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será  
Heide os vícios abater—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre modo detesto Sem das raias da decencia  
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto dis respeit.

## A MARMOTA.

### OS VELHOS.

Não há razão com que dê tanto cavaco certeza a velhice! Inventam artes para encobri-la, e serão capazes de arrancar o nariz a quem lhes chamar velhos. Nas mulheres, principalmente, é o maior insulto que se lhes pode fazer, pelo que, arreherão antes do que dizerem ao certo a idade que têm; nunca passam de maiores de vinte e cinco annos, e se passam, é porque se acham em dificuldade, ou por desespero de vida. Pois os homens, são raras as mulheres, nasce d'ahi e não que-

pela idade, porém dos trabalhos e aflições por que têm passado. Não perdem também um lugar de dirigir suas foscas em publico, ao bello sexo, para que o julguem valente campeão nas guerras de amor, quando elles já não acompanham nem a bagagem do exercito desse general. Outros, prohibem aos netos de chamal-los—avôs:—levam pela manhã boas duas horas a pintar os cabellos brancos, raspam de cima para baixo, e de baixo para acima, a barba, para que se não conheça por ella a sua idade, e usam de oculos fixos como se fossem inyopes desse oculto.

Nos últimos tempos, esses trabalhos de engrina são maiores: penteam-se no ultimo gosto;

graça nas contradanças; lamentão o gosto dos fandangos; brigam contra as janellas rasgadas das casas que usam agora, e fazem o elogio das rotulas e urupembas, atraivez das quaes as nhânhas do tempo carunchoso olhavam para os que passavam, e namoravam furiosamente, com quanto digam elas que as moças do seu tempo eram o typo da honestidade; fallam dos vestidos decotados, como fallaria um pregador em tarde de quaresma; emfim, vingam-se da velhice com estas e outras cousas. As velhas, entram em analyses e comparações mais minuciosas; fazem uma critica aturada e constante sobre as moças que não cuidam senão de fazer postiços, andarem pelas ruas tão cheias de pano, com um balão summaça, e namoram cinco e seis; fallam de que se mande ensinar a ler ás senhoras, que por isso anda tudo perdido com cartinhas de namoro de um lado para outro, quando o namoro positivo é melhor e mais rendoso para as mulheres; emfim, acabam sempre com as suas costumadas lamentações, com o seguinte estribilho:

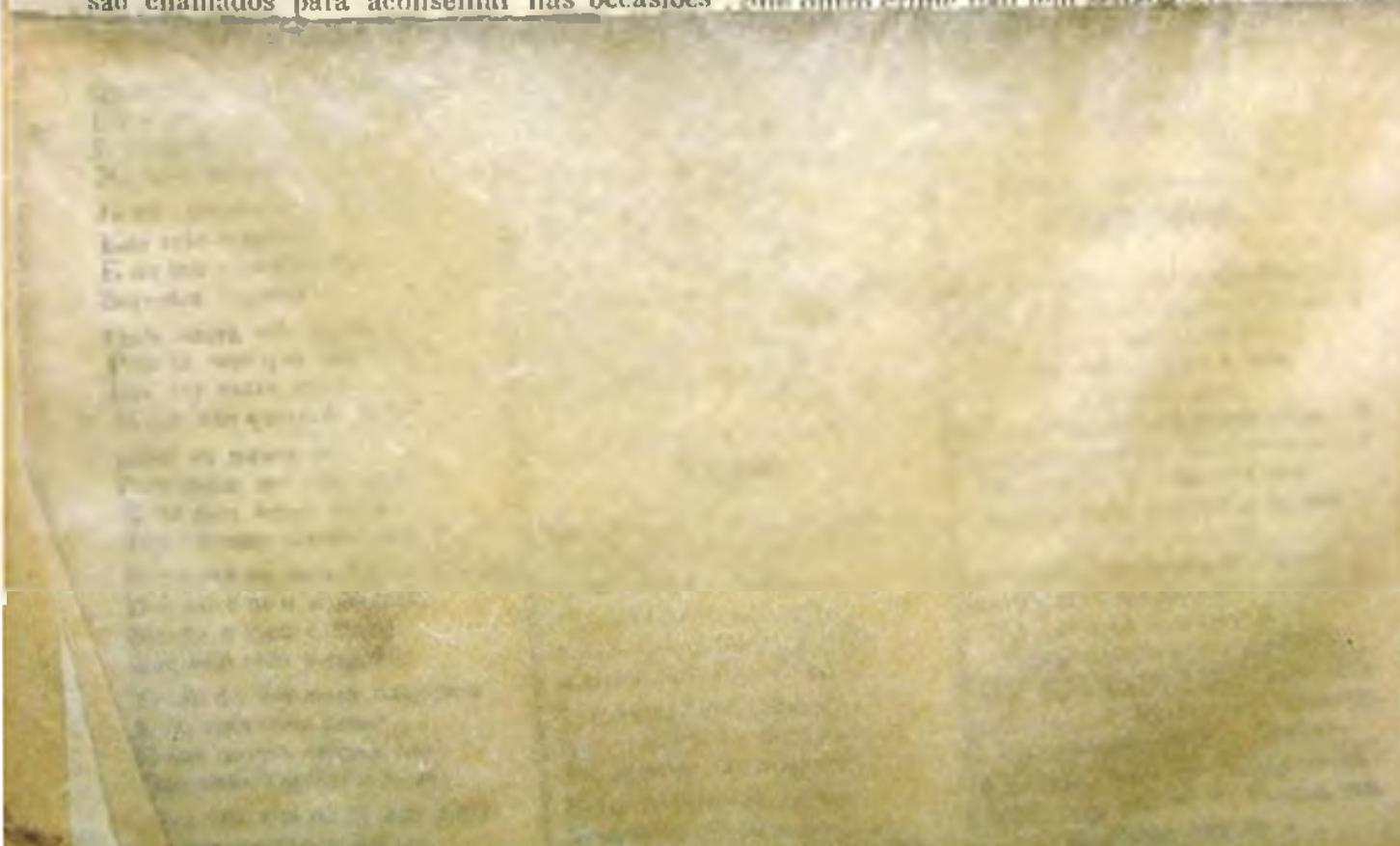
—Tempos que foram não voltam mais!—

Se todos os velhos comprehendesssem sua posição veriam que a velhice é a aposentadoria dos trabalhos da vida; que os velhos acham na sociedade como empregados avu... que são chamados para aconselhar nas ocasiões

gustia. Assim, pois, o homem precisou, pedio emprestado, e deveu a outro homem. D'aqui vieram todas as transacções e convenções muitas. Da lei da necessidade das cousas nasceu o comércio, seu filho primogenito.

Há gente, porém, do diabo; e quanto differe ella, no momento em que está na abundancia daquelle no qual precisou, e necessitava de ser servido! Há uma diferença como da agua para o vinho. Quando achou-se em precisão, elle abençoou a mão que o serviu; suas palavras foram as do mais vivo reconhecimento: quando o momento da precisão passou, e chega o instante do pagamento, e da remissão da dívida, contraiida, a soberba preside a seus modos. Põe duvidas, se não nega a dívida, e quer ajustar a conta lá a seu modo. Não é este o sentimento geral dos homens; porém muitos assim procedem.

De todas as maneiras porém se ajustam contas. O herói do romance—Filho do Diabo—ajustava indo ás vias de facto, e a menor dúvida era decidida com muita cutilada, e á força de bala. Entre nós ha muitos que ajustam suas contas desta maneira. Pedem dinheiro—mais dinheiro emprestado, folgam quando socorridos na necessidade, e quando o momento de pagar chega, calam em seu coração todos os sentimentos, e mandam ahi por qualquer desalmado tirar a vida ao honesto pai de família.



... não convivemos tão chegados  
bbado/d'aleluia, não me dava  
cuidado a sua ausencia; mas o  
que eu tenho de que a rapa-  
o tenha por ahi fillado para Ju-  
muito grande—não porque el-  
não mereça pela caçada que  
pregou de se pôr de casaca no-  
mas porque desta forma ficámos  
andos dos seus luminosos escrip-  
e sobre tudo do novo syste.ma or-  
o que elle quer introduzir, pelo  
muito bem se dispensa em qual-  
r sermão—o exordio, proposição,  
lçao, epilogo, divisão de pontos  
itas ninharias com que o velho  
e Vieira maçava aos nossos avôs.  
tanto eu fico ancioso esperando  
sua resposta, porque eu não posso  
ançar em quanto não tiver noti-  
as deste magando de bom gosto.

Ade o Sr. Redactor! No exerci-  
o do meu novo emprego pode con-  
omo sempre com

O Tinoco Maça.

nselho de uma velha às moças  
namoradeiras.

Vila a moça que quizer

faite depressa cazar,  
mister que noute e dia  
do cesse de namorar.

E querendo-me a todos  
Marquei os dias de festejados.  
Eu pelo dia que fiz,  
E mal soube que dia,  
E p'ra prova da tua cigo  
Bem e caramba, caramba.  
Ai! meu tempo, meu tempo...  
Que me a vida tem a vir!...  
Agora é que me tem,  
E' teu tempo, meu tempo.  
Namorada, amiga da meninas,  
Aprovada, vontade tempo:  
As delícias da vida,  
E' metade da vida.  
Toda moça que quer  
Tem cela, coroa de piedão,  
Principais de ouro,  
Dotada de linda roupa...  
Eis os conselhos da velha  
Que foi velha, namorada, ira,  
E que a pessoa da tua sessenta  
Inda está com a gaita.

J. F. C.

Eu te diria, sim, Maria.  
Oh! que vila moça ignorada!

—De chumbo dar-te hei alguns:  
Terás em casa uma guarda!

T. J. L.

### VERDADES PURAS

TAÓ SINGELAS COMO DURAS.

Negociante á carreira,  
Tem apertos d'algibeira.  
Caixeiro sempre em passeio,  
Serve ao amo mez e meio.  
Marido que se levanta  
Sempre depois da mulher,  
Quando sofre, é porque quer.  
Seja boa, ou ma demanda,  
Escritão p'ra tua banda.  
Menina de roupa preta  
De tarde, andando em passeio,  
Não tem outra na gaveta.  
Quando faltares de alguém,  
Repara que p'ro rei  
Viúva que falla em honra  
Tanto a chorar, como a rir,  
Tem mez-lla que encobrir.

### ADEVINHAÇÃO.

Bem no centro tem um E  
O nome, que escrevo aqui:  
Quem me fizer adivinhar  
Logo um A depois no pé.

## A MARMOTA MARANHENSE.

tar, e franco no regular de suas contas; sempre cavalheiro.

Nada mais simples, comtudo, do quo um ajuste de contas. Não se esqueça o homem da hora da necessidade, que tudo anda ás mil maravilhas. Trilhe a creatura o verdadeiro caminho, que não terá dificuldades. E' um dos maiores prazeres da vida o dia em que o devedor solve suas dívidas.

### QUEIXAS DO POETA.

Almas de ferro em corpos alabastro!  
Tanta crueza unida á tanto encanto!  
Ai repugna meu Deus! Ai que dóe muito!

J. S. M. Lral Junior.

Eis-me só, aqui ninguem respira  
Mais do que a brisa mensageira  
Pelo bosque frondoso que me cerca;  
Aqui só eu, ninguem mais ouve  
Os queixumes do Bardo, desprezado  
Pela ingrata que amo. Insensato!  
Julguei que seus labios tão divinos  
Proferissem jamais tão disfarçada  
Mentira, que julguei ser juramento:  
Louco! aonde consta uma verdade  
Já dita por mulher? —onde promessa  
Que jamais cumprissem? desdenhosas  
São todas, disfarçando e os afectos

Sem d'ella m'importar indiferente?  
Mas agora... soberba desdenhando  
Meus afectos, afagos, e ternura...  
Zombando, (lizongeira, ) demonstrando  
Mesquinho proceder d'uma inconstante,  
Natural d'ella mesma! —resalada!  
Pagaste-me assim seu rebuço  
O bon-grado fiel, dos meus extremos...  
Que al, unica julguei tal recompensa!  
Com tudo Bella, amo-te, (confesso,) ti  
Ainda o Bardo sou, mas vergonhoso  
De ser assim cobarde censurado!  
Deixar-te?... oxalá se eu podesse  
Prescindir d'este amor, em quanto é tem-

Não posso resistir! em vão pretendo  
Fugir daquella ingrata! —bem quisera  
Riscar da idéa para sempre.  
Eu amo-te mulher, é o meu destino  
Sofrer o teu rigor, mas sempre amando  
Quem me não sabe amar.

Agora mesmo,  
Aqui n'este dizerto unicamente...  
Eu vejo-te, adoro-te, me fallas...  
Mas ironica sim, porem tão bella,  
Como sempre tu és, como tu eras  
No primo dia que, me enlouqueceste...  
Seim que eu tempo tivesse á rejeitar-te:  
Não fui senhor de mim no breve espaço  
De magico atractivo! eras sultana,  
No meu divan sentida me ordenou.

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Pública-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramon, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 reis por 9 números, pagos à entrega do 2.º número, folhas avulsaas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios abster—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre modo detesto Sem das raízes da doceraria  
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

## A MARMOTA.

### Carta para a Marmota.

AMIGO E SR.—Prosperos dias lhe desejo, por que estou certo de que no meio da prosperidade, que peço a Deos o faça desfrutar prosperamente, não se hade esquecer deste seu velho amigo.

Tantas novidades tem havido por aqui que não é possível caberem no espaço em que deve ser comprehendida uma carta.—Fallando a verdade, meu caro amigo, eu sou bastante li-

novo entre nós; sol até as 3 horas, chuva das 4 às 6, e bom tempo para a noite; o calor não é intenso; não chove effectivamente, ha dois meses; mas pode-se dizer, sem medo de errar, que tem chovido um dia sim, outro não. E que temos nós que admirar, que os tempos antigos voltassem, se tudo voltou com elas? Voltou o gosto das mobilias, a moda das saias compridas, as saias das moças com mangas como as *anquinhas* do tempo de D. Maria da Glória, e voltou o ouro e a prata, de que hoje já ninguém faz caso; se voltar o uso de vender-se licores com pão de Lot, de manhã cedinho, como usavam as moças do tempo da inunda-

meu amigo, que se de caxorros se fizessem exercitos, não haveria nação estrangeira que nos não respeitasse por isso!

(Continua).

Deixando incompleta a carta que lhe dirijo, faço este appendice para dizer-lhe que o nosso Natal, tão esperado, e que nos devia dar este anno o prazer que não gozamos no passado, por causa da febre amarella, foi tão chuvoso que não deu logar a cousa alguma. Como sabe, ninguém quer passar a festa na cidade; ha hoje no Rio de Janeiro tantos vehiculos de communicação, que a gente iria a toda a parte (1), sem incomodar, se houvessem ruas e estradas em estado de poderem ser por elles transitados. Apezar, porém, disto, muita moça esteve fóra; e com quanto dessem cavaco por não poderem mostrar os *fa-fás* que apromptaram para os passeios campestres—vestidinhos de bellas casas de cores de tres a seis ordens de babados com mangas novas de boca de sino, e mangui-  
tas brancas de pôr e tirar, chapelinho de palha, gravatinhas de côr e colarinho voltado, botim de chadrez no pé pequenino, &c., fizeram o que puderam para as moças para brilhar, e aí se vir juntas, pois quando não temos coisas que as induzem a se juntarem, e aí se vir juntas.

pares, dão ~~prazer~~ para as moças. Em fin de unigo, queirão as moças brincar, ou haja quem as faça querer, que não ha nenhuma que não goste da festa como de limão de cheiro! Oh! brincassem elas comigo, quo eu seria *felicissima*!....

Bein, ou mal, mas em todo o caso melhor sempre que o anno passado, passou-se a festa; o tempo promette alguma cousa de bom; porém o tempo é velho, e em velhos sempre ha rabisse. Deos queira que o tal barbudo da souce não ponha em sitio outra vez as amaveis patrias, afim de que haja muito que ver, para quo tenha tambem novos e agradaveis motivos para escrever-lhe o

Seu Amigo.

#### AS MOÇAS.

Não vou fallar das moças; não senhores; menos isso; não se diga que fallei *das* moças, por que entender-se-ha que fallei mal, não tendo eu senão bem, e muito bem para fallar d'ellas. Também não vou fallar *com* elas; pois agora estou eu aqui muito bem sosinho, rodeado de quatro paredes nuas; mas como estou vivendo de pobreza e de desgraça, que não posso suportar, vou ver se não posso de caco

do chega a minha vez eu tambem heido ficar cego pela minha luz!...

Depois d'isto, ainda temos outra circunstancia; se posso fallar, vou-lhe dizendo ao pouco tudo quanto acho de novo cá por dentro; mas quem disse que a menina me hade crer?! Sahé-se logo com uma resposta de me pôr sal na moleira! Não é mais nem menos do que isto:— São muito lindas palavras, Sr., assim não tivesse o que ellas significam sido jurado tantas vezes, quantas tem sido violado o juramento!...— Vaidosas que somos! Valha-nos ao menos esta ventura vã d'estes ligeiros momentos de lissonja que gozamos!...— Eu quizera replicar protestando, jurando, mas... quem lhes ensinou a ellas aquillo? Fico com medo que fosse a experientia; e fico logo que não posso articular mais nem uma palavrinha. Ora, eu não quero que a moça seja facil, isso não; mas quero que ella seja innocentinha; quero que ella me pareça uma florzinha que eu colha na aurora do seu verdor para a encheritar no troneo do meu affecto; quero que ella me mate mais com os seus olhos meigos, do que com a sua falla affectada; quero que me diga mais com o seu ar de pejo, do que com um senhoril vaidoso. E' por isso que eu arripio carreira, e lá se vai de dous seítios morto ao nascer o meu amor!... Ainda temos mais.

Cada moça tem uma conhecida, uma irmã, ou uma amiga que eu conheço; ou por dever, ou por attenção, ou por querer, ou qualquer cousa, pergunto tão somente como passa... ai, meu Deus, que ferida eu lhe abri no coração!... ah! mos nós:— Dá-lhe muito cuidado essa pessoa!... Se eu tivera advinhado faria que ella estivesse aqui em meu lugar... talvez que o senhor lhe não perguntasse por mim?...— Ora, o meu amor é ainda tão criança, se elle já é amor, que com qualquer cousa se molesta, quanto mais com punhaladas d'estas!

Ahi temos nós outro suicidio, e assim por ahi além; mas de quem seja a culpa, eu não sei; porque isto que a gente sente às vezes, ou talvez sempre, nem a gente mesmo sabe; quem o sabe são os outros, quasi sempre pelo que a gente faz.

Mas, emsím, meu papellinho, a quem só estou dizendo estas cousas, porque não quero enfadar a mais ninguem isto é, o que eu por ahi tenha passado, se algum anjo por ahi em ti pegar, que quizer ser diferente às mais que hei visto, dize lhe o que de mim sabes, e quem sou; se alguma te disser que é justamente o bermizinho a quem procura, então—será chegada a minha vez!...

R.

## CORRESPONDENCIA.

*Senhor Redactor.*

Começarão as Preces ao Senhor Bom Jezus dos Navegantes, sabbado 26 do corrente, e mui pouco povo tem concorrido; quando era de esperar, avista do estado lastimoso em que nos achamos, que nem todo o largo daquelle Santo Templo seria bastante para os concorrentes; e muito especialmente sendo só ali onde nos devemos reunir para com nossas suplicas implorarmos ao Altissimo Senhor de todas as coisas para aplacar sua Divina Justiça. Porém, Sr. Redactor, esses poucos concorrentes nada mais fazem que ali aparecerem, e nem ao menos se lembrão que devem levar alguma cousa para deponem em uma salva que se acha em cima do Altar; talvez pela lembrança de que Deos não precisa de dinheiro: mas é nossa obrigação allumiá-lo com céra, e esta deve ser ministrada por nós! Queira, Sr. Redactor, fazer este aviso para ver se as Senhoras Madamas podem levar os seus dois vintens no seu bolsinho, pois como todas hoje usam delles não lhes será difícil carregal-os, e em quanto os Srs. Marmanjos, não lhes será muito pezado levar um vela, ou cousa que tal possa valer, despendam alguns cobres, que também é sacrifício; e a alguns mais de meia duzia de vias injuriosas; isto que aqui digo não é só devoção mas também obrigação de todos, em quanto as Sras. Idosas (visto Vmc. dizer que elas não querem que lhes chame velhas) essas sempre vão caíndo com os seus vintens, pouco sim, mas sempre dão. Por este obsequio lhe ficará grato.

*Seu Assignante.  
O Boas Noites.*

## SONETO.

Nasci para ser grande, e ser morgado  
Passar vida feliz e ter dinheiro,  
Comer podim gostoso um dia inteiro  
E de banha cheirosa andar untado.  
  
Pra não andar a pé, mas carregado  
Pra ter sege bonita, e bollieiro,  
Pra não solher jamais um só bregeiro  
Pra estar sempre entre as moças beliscando  
Mas nasci pobretão todo lambido,  
Ensinarão-me grammatica rançosa,  
Na botica vivi todo encolhido.  
  
Tenho roupa esquisita e carunxosa,  
Com tudo pra casar já fui pedido,  
Por menina que dizem ser formosa.

1881. 1. 1. 1.

A NOÇA JANELLEIRA.  
Hade dizer-me em segredo.  
Quem lhe prende o coração.

Menina não tenha medo  
Diga—diga sem demora  
Com quem você se namora  
Hade dizer-me em segredo.  
Não lhe heide fazer enredo  
Que lhe traga maldição,  
Diga sua opinião  
D'onde esta paixão lhe veio,  
Diga meu Bem sem receio  
Quem lhe prende o coração.

MOTTE A'----  
Heide amar-te eternamente!

GLOZA.

Vou te dizer, caro bem,  
O qu'esto meu peito sente;  
Vou te dizer com voz pura:  
Heide amar-te eternamente!

Em quanto ess'are existir  
Que os ares talha contente,  
Sempre fiel te eide ser:

Heide amar-te eternamente!  
Quem talha jardim do lú  
Quem tempos de li e osentes,  
Nas encostas do clima.

Heide amar-te eternamente!  
Se nisso não queres crer,  
Abre o meu peito servente,  
Que nelle versas escripto:

Heide amar-te eternamente!

I. S. P. C. J.

Memorial para o General Silveira  
afim de fazer alferes um sargento  
de pedestres afilhado do author,  
e meu carpinteiro.

Eu aixou-me um Afilhado  
Este informe requ'imento,  
Pois diz que de ser sargento  
Vive in enfastiado;  
Elle afirma ser honrado,  
E amante do Soberano;  
E de valentia usano,  
Bem-viva com presunção  
Que se não é Scipião  
Ao menos é africano.  
Para encostar a alabarda  
Pará se justa a demanda,  
Dei-lhe mar velha banda  
Sobre estrangalhada farda;  
Sua pele escura, ou parda  
Não o excluo de valor;  
Das armas entre o estridor,  
Do combate entre as ruínas.

— Domínio, Choupana e Guanabá  
Não tinham mais alva a cor.

Pode ser que disfarçado  
Neste rude carpinteiro,  
Exista um forte guerreiro,  
Que seja útil ao estado;  
Se coma move o machado,  
Mover o ferro lusido,  
Podeis ficar contentido  
Do seu desempenho já,  
Pois cada golpe que dá,  
E' pau de corto perdido.  
Concede-lhe, pois, clemente  
A honra de o promover,  
Que de vós promete ser  
No serviço diligente:  
De alferes ou de tenente  
Não faz distinção na albarda,  
Trocar a longa alabarda  
Pela banda, é quanto anhela  
Para disfarçar com ella  
Ruínas da antiga farda.

### Questões.

Que mal não queres sentir?  
Ouvir.

E que virtude escolher?  
Gostar.

E que bens felizes guardar?  
Calar.

Qual de tudo é o mais forte?  
Morte.

E d'ella que mais ouviste?  
Triste.

Tem mais que ser penosa?  
Espanhola.

E que buscas ser mimosa  
Vida que tão pouca dura?

Pois o tempo lho procura

Morte triste e espantosa.

### DECIMA.

#### As GRAÇAS.

São trez Anjos d'encantar  
Que vaguão sobre a terra;  
Que de amor no peito incerra  
O mancebo que as olhar!  
Os seus nomes, declarar....  
Não quizera, pois talvez....  
Olendesse á todas trez;  
Mas alfin,—estão marnilhas....  
São do céo candidas filhas....  
Marin, Rosi, e Ignez.

Ricardo.

### MAXIMAS.

A honra uma vez perdida,  
Nunca mais se hade alcançar;  
A consciencia é quem pôde  
Nesta vida nos guiar!...

Uma choupana da palha,  
Onde se vêem só encantos,  
Vale mais do que palacio  
Onde se ourem só prantos'... (\*)

O tempo e quem patenteia  
Amentira e a verdade;  
E' quem nos mostra e nos diz  
Quão louca é nessa vaidade!...

Tendes em vista o presente,  
E na lembrança o passado;  
E para o futuro, em fim,  
Deveis olhar com cuidado!—

Muito melhor se governa  
Com modestia, e com amor,  
Do que com feroz soberba,  
Do que com ferro, e terror!...

Cruz Junior.

### CHARADAS.

1.º Primeiro dos preceitos  
Para um ento viver bem.

E' que duvida nenhuma

O que é que eu devo contentar

A' que quero talvez talvez

Sei Deus do que se passa;

Outro é que é que é que é

Daquelle que mortifica — 1

Com a quarta, e com a quinta,

Vá base para as sciencias,

Se compõe a quem me falta,

Com todas as sufficiencias — 1

Quem amar gozará  
Estima, e consideração;  
Com ella se alcança o céo,  
E sem ella ha perdição.

M.

Se eu fora virgem, à campa  
Quando morta, levaria:

Para chamar um cãozinho  
Eu mesma me dobraria:

Quanda Heraclina chorava,  
Democrito o que fazia.

Por estas syllbas cincas  
Em oídem ajunta agora;  
Tornar-me agente, o verás  
Como o paciente chora!

Sig. das Charadas do n.º anteceden.

1.º Retalho — a 2.º Bolache —

3.º Pitanga. A adorinhação é  
Eugenia —

(\*) Moral dos Chinos.

# A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Rios, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480 reis por 9 numeros; pagos à entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios obater—  
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,  
Pois sobre modo deles Sem das faias da decencia  
Todo quanto é falsidade. Um só ponto discutir.

## A MARMOTA.

Por pedido de um amigo e assignante nosso, suspendemos por enquanto a publicação da nossa carta do Rio, para dar lugar ao seguinte artigo que julgamos interessante.

## A JUSTICA.

A justica, quando verdadeira, é a columna da moral publica, é balsamo salutifero que cura os vicios dos homens, e a mano de Deus trabalhando na sociedade do mundo.

Faltam todos os judeus, e ninguém ainda ouve dizer que a Senhora tão afamada; pelos atos dos homens, que vemos fazer uma desgraça de desigualdade; attendão bem, que a historia é veridicta. Esta Senhora, filha legítima do Sr. D. João Nacional, e da Sra. D. Equidade, nascido no seculo passado, foi baptizada na freguesia da Honra, sendo madrinha Sr. D. Consciencia Eserupulosa da Boa Fé, e chamou-se D. Justica Humania da Execução; porém depois que foi crescendo, seu tio, o Sr. Vellaco Mór do Reino, chrismou-a em D. Tortura Bandalha das Patifarias; e desde então, tendo ella antes sido uma senhora muita honesta e fiel, tornou-se uma ladra, e grande ladista, entrou a ter uma ambição desmaraçada, e deu de todo a vergonha, tornou-se soberba ao mesmo tempo tão vil que constituiu-se um indigna aduladora dos ricos, desprezando inteiramente os pobres por que vê que delles não pôde arranjar bastante dinheiro; e a final tornou-se uma preguiçosa, e tão deleixada, que não attende ás suas obrigações; por mais que se crite por ella, não salve de casa para acodir a ninguém; porém, assim que vê dinheiro, ou que possa obter, corre para o mesmo de cora, e agita como um gato que ladra.

No tempo em que a justica foi boa, andou armada de espada e balança, Isto é, para pesar e cortar; porém n'um duello que teve com a Sr. D. Fortuna, levou uma bofetada que a pôz cega de todo; vendo-se ella n'este estado, largou a espada, tomou um pau e entrou a comunicar-se pelo tacto, de sorte que quando lhe dão dinheiro de esmola ella agradece e entrega o pau para a conduzirem para onde se quizer; e quando não lhe dão esmola levanta o pau e dá bordoada de fogo; deixou também a balança por que os pagamentos agora são em ouro, e não em ouro e prata, como dantes, e para se meter n'um não receber a sua parte, e que elle por cega não conheça, traz consigo uma menina chamada Ganância da Especulação. Eis aqui a Sra. Justica descripta, cuspida e escarrada.

E a vista disto, que se deve esperar da tal mulher no tempo presente!! O que estamos vendo todos os dias.

Aquellos que por obrigação deviam ser os mais rigorosos observadores da verdadeira justica, são os que mais a corrompem: advogados corruptos e ambiciosos, que illudem as partes dizendo-lhes que as causas, as mais absurdas que dar se pode, tem toda justica, só para elharem o dinheiro do importe das razões e mais atrapalhações que elles inventam; tabeliões vellacos fazendo testamentos falsos, e com elle concorrendo para se extorquir os bens de seus legítimos herdeiros; escripturas viciadas, firmas raspadas, autos sumidos, testemunhas compradas, datas trocadas, e quanta casta ha de perversidades para roubarem e causarem dano aos seus semelhantes!!

E que diromos de certos senhores juizes empoados e cheios de altivez, que estão sempre dormindo, ou no banho, para não fallarem ás partes, fazendo-os esperar manhãs inteiras na escada! Estes são impostores por natureza, e ordinariamente estúpidos, porque o homem inscrito não se inscreve por estar em cima

algum, por mais elevado que seja; outros ainda peiores e muito insuportáveis são alguns, que escandalosamente vendem a justiça, tirando o direito a quem rigorosamente o tem concedido pela lei, e quantos males resultam desse infame abuso!! O juiz que vende a sentença, injuriando a sua classe e cometendo a barbaridade de criminizar o inocente, devia ser imediatamente desterrado do paiz que habita; mas tal é a descarnação moderna, que alguns, além de roubarem, com o mesmo dinheiro ganho na ladroeira dão funções e alardeiam de muito ricos, sem se lembrarem que o público está calculando seus lucros e seus gastos, e por conseguinte vendo que malversam. E as tais demandas!!! Oh! só do nome tremo d'ellas! são a ruíua das famílias, e purgatorio dos proprietários, o potosi das ladroeiras da justiça!! E por demandas injustas, quantos estão por ahi possuindo propriedades mal havidas!! Uma demanda encurta, pelo menos, dez annos de vida, a quem a tem, com os flagelos que acarreta de despezas continuadas, fadigas, e passadas de balde, além da dependencia das decisões ou sentenças; por demandas injustas, mal paradas e mal decididas, quantas viúvas estão morrendo à fome e vendo seus bens em mãos de ladrões e usurários!! quantos orphãos desamparados!! quantas famílias perdidas!! Pariem, em desconto d'isto, lá está no inferno o diabo com uma palmatoria de ferro em braza na mão para esfregar de bolos a todo juiz que pratica tais deshumanidades.

E' a justiça uma vacca de quarenta mil tetas, onde mamam centenares de especuladores, e todos elles arranjam dinheiro para gastar à larga; isto é assim, que a prova está n'este antigo proverbio de uma obra hespanhola antiga, que por acharmos muito conceituoso, o traduzimos e aqui temos:

Um passaro com tantas penas  
Não se pode sustentar;  
O escrivão com uma só  
Têm dinheiro p'ra jogar!

E assim o devem fazer, por que tudo quanto perdem desfarram nos quitos; fallo dos velhacos e não dos bons.

O batalhão dos escrivães, tabelliães, procuradores e meirinhos, pode-se reunir ao dos medicos, padres, e armadores, porque todos elles ganham com as aflições alheias; mas em todo o caso valha-nos o dícto do Mazarem:—Dos males o menor,—posto que n'este caso o mal donde elle e os padres lucram é o maior, por que desfinto não tem concerto.

Ora, ora isto, Senhores!! Estou com esta cabeça perdida depois que vi certa moça: eu vinha passando pela rua da Justiça, e fui me

esbarrar na porta do Mazarem! Porém von já voltar do bordo, o torno ao assumpto da questão, ou ponto da conversa; e para não se tornar maçada, vou dar a conclusão.

Em ultimo apuro é melhor não ter justiça alguma, e entregar os crimes à reforma do tempo, do que ter a justiça mal administrada sustentando rapinas e perseguindo a inocência para deixar o crime impune.

Para termos uma justiça bem administrada é de primeira necessidade que haja muito cuidado em nomear para os lugares, ou varas de jurisdição, homens de reconhecido mérito, habeis na jurisprudência; e não rapazolas saídos dos bancos das academias, ainda estranhos e faltos de experiência, porque, governar povo não é criar gallinhas, é myster que antes de ser nomeado o juiz, se faça uma indagação *rita et moribus*, e então depois se lhe dé um ordenado suficiente, e não miserável, para que elle tenha com que fazer face a categoria do cargo, sem precisar de abusar. Exigem as academias que se estude tão somente cinco annos para se tomar o grau de doutor em jurisprudência, ou sciencia da justiça: e para doutor em medicina exigem seis annos, o que não acho de razão, visto que a jurisprudência é mais exacta e fundada em princípios, mais certos do que a medicina, pelo menos deviam ambas ser consideradas iguaes, visto que um curativo de medico equivale a uma demanda, só com a peior diferença, de algumas vezes durem no fim a sentença de morte sem o doente a merecer; se uma reforma exigisse d'ora em diante seis annos para o curso de jurisprudência seria muito útil até para diminuir a facilidade com que se fabricam tantos bacheiros, que é impossível o Brazil d'aqui a poucos annos dar empregos a todos. Em ultima analyse direi que o administrador da justiça deve ser um homem de sciencia e reconhecida probidade, e para exercer o encargo em regra deve ter o juizo agudo e coração neutro ou imparcial.

E basta fallar da justiça; abaixemos o pano d'este theatro magico, para levantarmos em outra scena, e findemos portanto o artigo com a traducção que faz um padre estúpido, o qual vendo no fim de um texto da Biblia as palavras *parabulam hanc*, traduzio—paremos aqui.

Adous, amigos, até a primeira.

Creia que sou desta seita  
Seu amigo sem suspeita

O bachelar Tobias  
Que só come gias.

M. L. na Corte.

A Fatalidade.

Oh tu, palavra funesta,  
Tremenda — Fatalidade,  
Quo roubas ao desdoso  
Momentos de felicidade!...

Tu, imprevisto sucesso,  
Negra influencia do fado!...  
Tu, consequencia arbitrária  
D'acção, ou plano arriscado!...

Por que as vezes não retardas  
Do teu poder a influencia,  
Já que evitar os teus golpes  
Não podes a humana prudencia!  
Quizera não ter motivos  
Para, cruel, te acusar;  
Mas quem sofre, como eu sostro,  
Por força so ha de queixar!...

Quem arbo porém, o céos!...  
Se as vezes credulo humano  
Não julga — Fatalidade  
O resultado de um plano!...

Não... que o peito generoso,  
Onde amor seu fogo ateia,  
Conhecendo o bem que estima,  
De traição renelle a ideia!...

Só... a desgraça  
Causa a morte, a fatalidade.

Beijos! — Fatalidade!

Se quiz mostrar deshumana:  
Da mulher conheço eu bem  
O coração quando engana!  
Mil vezes, para quem ama,  
Os projectos combinados  
A uns, dão martyrio e penas,  
A outros, mimos e agrados!...

Assim foi, e assim devia  
Nesta vida acontecer:  
Ao feliz sica o gozar,  
Ao desdoso o sofrer!...

Que fazer!... vojo no objecto,  
A quem meu pranto dedico,  
Amor que o todo verdade,  
Verdade que eu não explico!  
Do amor em lance arriscado  
Nem meias ha ventura certa  
Quando, em momentos penosos,  
Nos braços o bem se aperta!...

O sonho d'alta ventura,  
A ideia do felicidade,  
N'un instanto se transformam,  
Se o quer a — Fatalidade!...

Não chorar perdão de baldo  
Coração voltado a faina;  
A gloria de nova vida  
T'ra sempre de volta tua ama

Si aquella por quem tu soffres,  
Desvelada em ti confia;  
O mal que sentes agora  
Sentirás outro algum dia!...

Questões.

Qual dos bens amor te vira?  
A ira.  
Quem pode mais que a razão?  
A paixão.  
Quem de quanto vê se esquece?  
O interesse.  
Logo, com razão merece  
Que não seja conhecido  
Quem traz no peito escondido  
Ira, paixão, interesse.  
Qual dos bens amor bem faz?  
A paz.  
E n'ella qual é melhor?  
Amor.  
Quo faz do amor a igualdade?  
Caridade.  
Logo, da bon amizade  
Têm-se duração segura,  
Quando n'ella se procura  
Paz, amor, e caridade.

Molte do Padre Bexiga.

Quem casa faz carambola  
Já se juntam os amigos,  
Se se faz festa de casas,  
Mulheres arranjam cordas;  
Quem casa faz carambola.  
Os pobres lorn que morrem  
São postos na paviola;  
Não tem se quer um momento;  
Quem casa faz carambola.  
Os antigos maniacas  
Teim sempre sebo na góla.  
Quem é porco não se ensa;  
Quem casa faz carambola.  
O enxertado lá da Se  
Vera sempre camisola  
Quem é padra traz corda;  
Quem casa faz carambola.  
Entre beijos, entre abraços  
Do gosto a gente se enrola,  
Quem sente frio s'encolho;  
Quem casa faz carambola.  
As comidas mais gostosas  
São fritas em açorão;  
Quem come doce, bebe aguia;  
Quem casa faz carambola.

Molte do Padre Bonyba.

E' crime de excomunhão.  
Quem de beijos em moça

Mercece absolvição,  
Dar abraço em mulher velha  
E' crime de excomunhão.

Certos olhos requebrados  
Dão gostos ao coração;  
Querer gozar é pecado;  
E' crime de excomunhão.

Alguns padres milagrosos  
Fazem de pedras, mamão;  
Dizer que o milagre é péia,  
E' crime de excomunhão.

Dois-se bailes, sucas, jogos,  
Delapida-se a nação;  
A Marmota folla n'imo,  
E' crime de excomunhão.

Faz milagre o Papa em Roma,  
Tem de bullas um milhão;  
Querer licença sem cobres  
E' crime de excomunhão.

Certos homens miseráveis  
Fazem vida de Erritado;  
Dogo em meia do usurário  
E' crime de excomunhão.

Certos augeitos de prata  
Roubaram sem compaixão;  
Dizer o nome das mecas  
E' crime de excomunhão.

Não se tem que fazer,  
Quem se faz é mal,  
Quem ceder verdadeira,  
E' crime de excomunhão.

Torna posse um thesoureiro,  
Coho n'um poço de alcârçao!...  
Deixar a bella mamata  
E' crime de excomunhão.

MOTTE.

Hum mal-me-quer que lhe folla  
As follar do coração.

olora.

Não é dado que me calo  
Tendo quoixas do amor;  
P'ra pintar a minha dor...  
Hum mal-me-quer que lhe folla  
Com linguagem que alde  
So bonaria, a compaixão.  
Pois de tal ingratidão  
Quem me tem feito sofrer!...  
Exa flor pode dizer  
As follar do coração.

Epigráfima.

Entre os males d'um pera  
O mal que mais dores tem.  
E' mais da continuo o ataca  
E' não profesar vintim.

Na bala — ideas  
Tainanhal  
Na bolsa — bras  
D'armas! — V. 2

Desejos.

Se em teus formosos labios eu tivesse  
Um só, um só momento de ventura,  
Supportára do mundo a crueldade,  
Baixára sem pezar á sepultura !

Se em teus carminios labios depuzesse  
Terno premio de amor, por amor dado,  
Esquicera do mundo agro tormento,  
Acabára contente e sem cuidado !

Se em teus brillantes olhos encontrasse  
A esperança de amor tão merecido,  
Desprezára do mundo vân grandeza,  
Embora desfusasse em triste olvido !

Se em teus divinos olhos avistasse  
Doce pranto de amor a mim votado,  
Não quizera do mundo alta grandeza,  
Que a grandeza no mundo é ser amado !

Se em teu celeste peito repouzasse  
Sentindo o doce, o terno palpitar,  
Não quizera do mundo ulanas glorias,  
Que nas glorias do mundo ha só penar !

Se em teus pomos de amor eu reclinasse  
Minha face, de angustias tão ferida,  
Morrera nesse instante bem ditoso,  
Que na gloria acabava a minha vida !

F. B.

NOTICIAS FRESCAS,

*Chegadas da Corte, e dadas em segredo por um figurão.*

O ministerio está quasi a calir por causa de uma grande desordem que houve entre os ministros em virtude de um decreto que pretendão publicar, e houve tal contenda entre dois d'elles que depois de muita discompostura um delles furou o olho do outro com a pena de aço com que estava escrevendo. Passou o decreto de se criarem mais duas alfandegas uma em Itapatica e outra em Montserrat para desembarque dos generos da Costa. Criou-se um banco monstro que já tem uns fundos de duzentos milhões, e consta que vem uma requisição para se mandar da Bahia officiaes peritos em finanças que tenham servido na caixa economica, e um bom secretario que entenda bem da tática dos livros. Estão inteiramente prohibidos os títulos, e comendas, porque houve tanta quantidade que se confundirão nas ruas, d'ora em diante só se daram quando houverem novas eleições, e por tanto quem os pretender guarde a barriga para essa ocasião. Ultimamente ordenou-se que por causa do grande fedor dos tigres se borrassem todos os dueas as ruas com agua da colonia, e para

este fim consignou-se a quantia de trez contos de réis por dia, os boticarios tem se regalado com esta lembrança de pexinha. O Brasil se prepara para declarar guerra ao Rozas, porém o velho mandou dizer que se acomodava se lhe mandassem alguma coisa de sustancia, bem como araruta para os seus mingões etc. etc., e algum tabaco para o seu nariz, e propoe um tractado de commerce entre nós dando-nos seus chifres em troca do nosso pau Brasil.

Em lugar dos soldados estrangeiros que se forão engajar mandou-se contra ordem para virem moças, porque assim tira-se mais proveito porque caçam com os nossos recrutas que estão no sul, e se forma uma creaçāo maior que depois de alguns annos pode nos fornecer um Exercito numeroso na fronteira.

As ultimas modas de mais influencia para os homens são as casacas vermelhas do tempo de Frederico grande, e para as senhoras vestidos de filó de renda sobre o corpo singelamente sem mais nada, talhado segundo o gosto de madama de Menthon; os chapéos são muito altos e asfumilados, e d'elles existem já alguns para se vender no armazem do Fragozo, e Companhia.

Quanto ao mais vai tudo bem, e que houver de novo iremos publicando pouco-a-pouco porque o sujeito que dá as notícias vai dizendo aos bocadinhos e pede muito segredo.

CHARADAS.

Da innocent rez o brado vello	1
Em que Pallas empenha arte, e desvello	
Nas aguas de Ceylão seguramente	2
De margens para margens leva gente,	
Não encontrando estorvo, vagabundo	2
Vai acabar no pélago profundo.	
Se saber queres	Sou de cristal
O que eu sou	Fino e brilhante,
Com estes versos	Dando aos sallões
Dizer-te vou.	Luz scintilante.
Por esta causa	
Sou de cristal	
Nos grandes bailes	
Sempre encontrado.	

A alguns artistas sou indispensavel;—1.º e 3.º  
Um dos peccados mortais — 2.º e 3.º  
A monastica veste de puros e castos entes.

Sig. das Charadas do n. antecedente a 1.º Ver-  
dade—a 2.º Palmatoria.

Maranhão: Typ. da Temperança. 1851. Impresso  
por M. P. Ramos, rua Fernanda n.º 9.

# A MARINHA MARANHENSE.

## FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na  
Typ. da Temporânea do Sr. M. P. RAYMON, rua  
Formosa n.º 9, onde se recebem assinaturas a 480  
reis por 9 números, pagos à entrega do 2.º nu-  
mero, folhas avulsaas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios  
A linguagem da verdade, A virtude heide exalta,  
Pois sobre inodo deteto Seja das raias da divindade  
Tudo quanto é faleide, Um só ponto da razão

АКАДЕМИЯ.

### Carta para a Marmota.

(Continuado do n. 39.)

Continuando, meu amigo, a minha carta, tenho de limitar-me a coisas que só digam respeito à *Marmota*, isto é, que possam interessar aos seus dignos subscriptores. As cartas do *amigo alemão*, da *Senhora* e da *Senhora* tem dito já bastante do que eu lhes posso dizer: repetir-me-ia, e os amigos não devem querer que haja excesso de trabalho, se eu fizesse o que pedem.

Vamos por consquencia, no que ha de ser.

Muita gente que as graças de Deus temido  
do muito, e que logo se tem achado publicado  
que aparecem condecorações; mas assim mesmo  
meu amigo, cada vez que se publica rela-  
ção de novas *Mercês* novos descontentesappa-  
recem, e não ha amigos ou correligionarios dos  
homens no poder que logo não se queixem, o  
que me faz crer que a causa é boa, e tanto é  
assim que Vmc. na sua ultima carta me pedio  
que lhe arranjasse uma *commenda*, se me não  
engano, (por que talvez fosse *encommenda*, e eu  
distraido, abraçasse a nuvem por Juno); bem  
vê, que tenho em lembrança o seu pedido; ha-  
vemos de ser agraciados juntos; Vmc. como D.  
Quixote, o eu como Sancho Pança seu escu-  
deiro.

Não digo que as mercês se tenham sempre feito com imparcialidade, remunerando os serviços de quem os tem, não; porque conheço artistas distintos, negociantes probos, prestimosos e de muitos serviços, quer à nação, quer a corporações uteis, a quem se não tem agraciado, apesar de assim o desejarem, por que, meu amigo, cada homem tem o seu fraco; o nosso, por exemplo, é gostar muito das moças, dedicar-nos todos ao hello sexo, e estarmos dispostos, ressividos e lascívidos, só, somos pessoas

(o que de certo não será) a mortermos por elle. Entre os cidadãos prestativos de que falei, não posso deixar de apresentar-lhe o nome de *Patrício Ricardo Freire*, que por tanto tempo tem gasto contos de reis com festejos nacionais, com subscripções para as urgências do estado com estabelecimentos de caridade, e agora todo se desvelha com as dez meninas (que são dez mães de famílias)! que considera suas filhas, orphãas desvalidas a cargo da Sociedade Amor de São Paulo. Faz que se faça melhor uma comenda, ou no mínimo um belo elogio da Rosa! E se quiser imitá-la, que se faça isto em *Teresina* (Natal).

Por fórcençao das fôrças amazônicas, que se res-  
ta em de ter um a grange do que o Dr. *Augusto  
Monarca* e *Augusto Severiano* fizeram, de op-  
erar a grandeza, sempre que pôde, de-  
sado a soccorrer a miseria, como seu irmão o  
Dr. *Irêzé Mauricio*, que na sua chimbata sal-  
vou a mais de 600 vidas, como se pode ver e  
examinar! Entretanto fôra para descer, que a  
Presença do Augusto Monarca, se tivesse feito  
subir, por qualquier meio, o nome destes cida-  
dãos, tão uteis à humanidade, apesar de não  
ter sido o Dr. *Severiano* commissionado do go-  
verno; por que S. M. bom como é, e desejante  
sempre grangear por seus actos o amor de seus  
subditos (pois que respeito todos de obrigaçao  
lhe devem), juro a Deos que teria muito prazer  
em distinguir, como tem feito a outros, a estes  
Brazileiros, a quem favoreceu ainda as circum-  
stancias de lhe serem mui devotados, e amantes  
do seu paiz.

O *Nacional de Paris* copia da correspondência da *Concordia* de Turin a narração de um fato enormemente horroroso, sucedido em Milão no mez de setembro, e que produziu uma grave impressão no povo.

"Alguns oficiais austriacos se mudaram  
eiosamente ao morroco, uma jovem que se te-  
colhia no seu domicilio caminhando ao longo  
da estrada de Porta Nova. Examinado, o

sultos de que era alvo, respondeu com explicações a que os officiaes replirão lançando-lhe a mão. A donzella tendo esgotado os primeiros meios da doleza, e não divizando quem lhe podesse acudir, atirou consigo ao canal. Os officiaes austriacos, em vez de a socorrerem afastaram-se imprudentemente. A moça foi tirada das águas a cincuenta passos de distância do canal do successo; dava ainda signaes, mas sucumbio. A paviola que a transportava ao hospital era acompanhada de immensa gente, que não dissa rava a sua indignação, sobre tudo, que podia ver-se, a mocidade e beleza desta vítima.

O sentimento de admiração e respeito à virtude daquella criatura jovem, desconhecida e pobre, suscitou a lembrança de uma subscrição para o seu funeral, que foi riquíssimo. O povo enxurejou e rogava ao céo que acelerasse o dia da vingança.

Li hontem em casa de um amigo o *Nacional do Porto* o seguinte:

"Na sessão de 11 de desembro o tribunal da relação do Porto, modificou em degredo perpetuo para a África a pena de morte, imposta em primeira instância a ré Maria Josefa de Amandia, acusada do crime de infanticídio, tendo dado a luz uma menina a quem logo matou, cortando-lhe o pescoco com uma navalha, e lhe outra!... a ré confessou o crime."

O mesmo jornal diz o seguinte:

"Temos de lastimar a desgraçada sorte de 11 pessoas que há tres dias, tendo sahido a pesca não poderão entrar à barra, e que sucumbiram à violencia do mar abraçados uns aos outros, deixando todos mulher e filhos que lhes não podia valer e hoje chorão sua desgraça. Deos que a que o governo portuguez se compadeça e estas victimas hem dignas de seu auxilio."

Hontem, a noite no cassé, contou-me o capitão d'um avio que vinha de Boston a seguinte luta desesperada d'uma baleia contra a barca Parker-Cock em 22 de julho do anno passado.

"Ao primeiro golpe do arpão, o cetaceo fez saquear a lancha que lhe deu caça: o homem do leme ia quasi perdendo uma perna levada pela violencia do cabo senão tivesse presença de espirito para cortar. Veio outro bote recolher a equipagem; e neste intervallo, vendo o capitão que tinha de haver-se com inimigo temeroso preparava a sua lancha e as bombas de urrumeço.

"Com effeito a baleia voltou-se contra o navio, investindo-o pela proa com tamanho impeto que o beque lhe entrou pela cabeça dentro, e foi tal o abalo que derribou a gente que estava em cima da coberta. O animal afastou-se obra

de meia milha, mas virou de novo contra a barca ainda que com força menor. Vendo isto o capitão foi a bordo da sua lancha acometê-la e fez fogo por tres vezes a distancia pouco mais de 30 braças. A cada descarga o monstruoso cetaceo tentou arrojar-se sobre o bote, de goela escarnada e com todos os signaes de furor exasperado. O terceiro ataque lhe fez vomitar sangue e não tardou que expirasse. Esta baleia, cuja conquista foi difícil, produziu 300 barris de azeite.

Meu Amigo. Vme. me permittirá que tambem entre pela moda:

Decididamente o bello sexo este inverno, na europa, adoptou usos à Oriental, isto é, nas modas, bem entendido. As fazendas para vestidos são de um luxo e riqueza asiaticos; as fitas e telas empregados nos toucados compoem-se de sedas, veludo, ouro, prata, perolas &c; os colares com tres ordens de perolas, e os braceletes fluctuantes à roda do braço reina absolutamente em todos os salões parisienses. Não se illuda, porém, ninguem, com o caracter distintivo das modas presentes: elles tem o cunho do seculo — Liberdade! — N uma reunião de 1.000 pessoas, apparecem 500 gastos diversos, e todos recommendedos pelos figurinos da estação! Ha vestidos fechados até á cima, alterados ou talhados à Raphael, ou talhados

sorte que deixam ver os bordados, a ponto d'agulha, das camisinhas. As mangas podem ser cortadas como as de casaca, reinatando com uma abertura à mosqueteira, que produz muito effeito quando as cobre um punho de renda ou cambraia bordada; ou também, sendo o vestido de passeio, ainda são adoptadas as boca de sino, ou pagodes.

Uma das bellezas da época é, por sem dúvida, a composição cheia de gosto e de graça dos penteiados à Maria Stuart, Chambord, e Montmorency; porém apareceram dificuldades na sua execução, e para reparal-as um celebre artista de Paris inventou um sistema de pentes arredondados, para serem postos por baixo do cabello, por meio dos quaes se desenham perfeitamente, e com segurança, todas as alturas exigidas pela moda.

Já vêm as nossas leitoras que, por ora, as modas não lhes podem interessar directamente, porque elles são todas relativas ao inverno; porém as do veraõ hão de necessariamente possuir o cunho que distingue as actunes. Os moveis, penteiados, fazendas e objectos d'arte tomaram uma apparença, por assim dizer, medita, e é de suppor que os cortos e as formas ainda sejam pouco mais ou menos os mesmos para a estação calmosa, com leves modificações.

Fico por enquanto aqui, por esta já ir longa, e continuarei amanhã porque nada tenho ainda lhe dito do que pretendo.

(Continua.)

## REGALOS DA VIDA.

Estão os livros dos Padres, cheios da palavra—Céo—e pintão o céo como um lugar delíclozo e agradável, onde a alma se compraz recebendo o premio de suas ações boas e virtuosas. Não sei: accredito que assim seja, e desejo bem ir dar com os ossos lá, porque, morrer e ir para o inferno são dois males logo ao mesmo tempo, e dos males, o menor; soffra-se a morte, mas ao menos vá a gente para o céo, a conversar com tanto santo e santa que lá está. Mas, tão bem ninguém me poderá negar que aqui mesmo no mundo, com quanto seja um valle de lagrimas, como diz a Salve Rainha, ha cousinhas para um filho de Adão desfrutar, tão doces e tão assucaradas, que se não são do céo, não sei de onde vieraõ. Siga quem quizer a opinião contraria, grite que os bens do mundo são perecedoiros, que não ha gosto perfeito na vida, e que ella deve ser passada nas maseerações e nos jejuns: eu cá digo, e a maioria que hei de achar:

São delícias do céo, ou não, as que desfructa um querido da sorte, reclinado no collo de uma deidade, bonita ou feia, mas que é amada, a ser o paciente de seus agradiinhos, a delirar, e a morrer de amores? Taes momentos são um regalo que penetra até o mais íntimo do coração, e deixão a criatura bem satisfeita consigo mesma.

Penso que no céo não se desfruta o prazer que experimenta um gastronomo, tendo diante de si uma moça bem servida de cheirosos

Para aquella alma, de tellhas abai-  
xadas, é a melhor regalo: seus sentidos se  
abrem, e o seu coração está n'este o n'aquelle  
prado, e n'aquele quinzeira ter uma barriga de horro-  
res, e de medos d'entro d'ella tudo o que al-  
he.

Vão sainh' um malo bom, em noito de lua  
reia com uma mocinha, corzinha de canel-  
lareira, a face rosada, cabellos negros  
[...]. Vendo santos, penitentes, e san-  
tos a sua frente sustentarei que no  
fim da delicia, mas se ha céo na ter-  
ra, se desfruta.

Sobre gostos não ha desputas. Alguém já ouvi eu dizer que não queria ir ao ~~des~~ as razões que tinha não as pude apreciar, mas se se pode interpelar pateco-me que o tal temia não encontrar alli as folganças e regalos d'este mundo de tanta miseria boa e agradavel. Com quanto eu não diga assim, contudo, inda mesmo indo para o céo, hei de sentir muito deixar o que se deixa cá n'este mundo. E esta hade ser por sem duvida umas das lembranças mais terríveis da hora extrema.

Deixar no mundo as riquezas, essa entidade poderosa chamado—dinheiro com que obtinha justiça dos juizos saquaremas ou luzias, com quo se tornava o hodiundo mortal formoso vivente, com que se vencia a hellesa, e se acurvava nos caprichos do cotação, com que se era recebido sempre com agrado por todas as authoridades,inda as mais soberbas,inda as mais cheias de si, que fazia receber pelas ruas, cortezias aos centos, e ter entrada nas deliberações do governo?—eis ahi um regalo da vida, que no céo não ha, e que é custoso em abandonar.

Mas...—outra vez—diz:—scar as ideias que a  
mão noje emitido. ——o diabo é feio, ame-  
ro deixar-me! ——por isso concluiu  
dizendo, que o maior regalo da vida, o único,  
o só quo podo justamente encher o coração  
do homem, he o prazer da practica do bem, e  
a lembrança de que partilhará a bennaventu-  
rança dos justos. Aqui sim he que existe re-  
galoo. Quem pensar differentemente terá de  
ajustar contas com um tal sujeito, de nariz re-  
torcido, cara suja, unhas de gavião, um rabo do  
boi em forma de chicote, e a quem dão o nome  
de—diabo—.

SONETO.

Offreco a magestosa Natureza  
Nos seus variadissimos aspectos  
Para o canto dos vates mil objectos  
Grandes, sublimes, cheios de beleza.  
Nobres, gratos assumptos com larguezas  
Nos dá o coração nos seus afectos;  
Ali podeis colher frutos selectos,  
Ó vates, explorei a riqueza \*

Deixaes Cupido e Venus fabulosos,  
Cantae o Amor, Virtude, Formosura  
E a Natureza em metros harmoniosos :  
Sem recorrer à insípida impostura  
Desses Deuses ficticos, já rançosos,  
A vossa gloria, ó vates, é segura.

X. Y. Z.

## MOTTE.

*Quen nan guesta de Maramôta  
Nan guesta de coca bom.*

## GLOZA.

Bumba ! dentro de grôta,  
Debaxo de pé de cainbaro,  
Turo xujo de cataro  
*Quen nan guesta de Maramôta;*  
Nan xêre ôvo de trota,  
Nan cume arô cu fijon,  
Crane séco cu piron  
N'ere gimbata de Fixo;  
*Quen nan guesta desse bixo*  
*Nan guesta de coca bom.*

Fazido Prú Pú Mané Camussinga.

## MOTTE.

*Quem n'go gosta dd Marmota  
Nan gosta de couza boa  
He por certo algum pedante.*

## GLOZA.

Disse assim D. Carlota,  
Numa salla á conversar :  
Nos devemos desprezar  
*Quem n'go gosta da Marmota;*  
Quo me dizes Maricota ?  
E' ser muito ignorante  
(Disse a outra) o meu amante...  
Tem a mesma opinião;  
Até diz que é toleirão  
*Quem n'go c' d'ella assignante.*

Um tasul d'orrenda p'ba  
(Disse assim Dona Quiteria,)  
Falla d'ella Dona Cleria,)  
*Não gosta de couza boa,*  
Segundo consta-me, sôu...  
(Dona Fausta qu'ê amante  
Da Marmota ? — n'este instante,  
Respondeu por acabar : )  
O que posso asiançar...  
E' por certo algum pedante.

RICARDO.

## MOTTE.

*Oh ! meu Deus ! ninguem se entende  
Côa chusma dos intrigantes !*

## GLOZA.

a terra

Viver em perfeita paz,  
Porque a intriga mordaz  
Eis todos o dente ferra !  
Faz nascer continua guerra;  
Da discordia o facho accendo;  
Por detrás—a todos vende,  
Por diante—lisonjea,  
E com desordem tão feia,  
*Oh ! meu Deus ! ninguem se entende.*

Mil mentiras—para aqui;  
Enredos—para acolá ;  
Mormurações—para cá,  
Rugeruges—para ali !  
Taes couzas inda não vi,  
Nem isto é como era d'antes :  
Q'tantos são os traientes  
Que si Deus não nos acode,  
Que desgraça ! oh ! Ceos ! quem pode  
*Co'a chusma dos intrigantes ?*

X. Y. Z.

## A virgem da Soledade.

Oh ! Virgem e Mai Santissima  
De Pureza e Castidade,  
Valei-me na ultima hora  
Pela vossa Soledade.

No meu extremo final  
Fizei com que eu me salve  
Pela vossa Soledade.

De todos os meus peccados  
Eu vos confesso a verdade ;  
Perdoai-me, Virgem Pura,  
Pela vossa Soledade.

Livrai-me desta tristeza,  
E da minha iniquidade,  
Pelas vossas sete dores,  
Pela vossa Soledade.

Quando minha vida finde,  
Tende de mim piedade ;  
Pelo Amor do vosso Filho,  
Pela vossa Soledade.

A. de C. P.

## CHARADA.

Odorifero nectar e riqueza  
Que nos doou a sabia natureza.  
Foi o reto daquelle Roi segundo  
Que nos Deuses fundou culto profundo.  
Por engano foi dada a um pastor  
Que a outra consngrou o seu amor.

Do afflito coração cruel veneno.  
E aspera pena, que misera alimenta  
Saudades e desgostos, e suspiros.  
Com mortal dissabor, e dor violenta

Sig. das charadas do n. antecedente — a 1  
dario — 2. a Cogula

